

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
MESTRADO PROFISSIONAL – GESTÃO EM ORGANIZAÇÕES APRENDENTES

CLÁUDIA BENE BATISTA DA SILVA

**ESCOLA, MUNDO VIVIDO E BLOGOSFERA:
A APRENDÊNCIA NO CONTEXTO DOS *BLOGS* EDUCATIVOS**

João Pessoa, PB
2013

CLÁUDIA BENE BATISTA DA SILVA

ESCOLA, MUNDO VIVIDO E BLOGOSFERA:
A APRENDÊNCIA NO CONTEXTO DOS *BLOGS* EDUCATIVOS

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional Gestão em Organizações Aprendentes da UFPB, linha de pesquisa: “Gestão de Projetos Educativos e Tecnologias Emergentes”, como requisito institucional para a obtenção do Título de MESTRE.

Orientador: Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros

João Pessoa
2013

Catálogo na publicação
Universidade Federal da Paraíba
Biblioteca Setorial do CCEN

S587s Silva, Cláudia Bene Batista da.
Escola, mundo vivido e blogosfera : a aprendizagem no contexto dos
blogs educativos / Cláudia Bene Batista da Silva. – João Pessoa,
2013.
135p.

Dissertação (Mestrado Profissional – Gestão em Organizações
Aprendentes).

Orientador Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros.

1. Educação – Ensino e Aprendizagem. 2. Blogs Educativos.
3. Educação - Mundo Vivido. 4. Educação - Mundo Sistemico.
I. Título.

BS/CCEN

CDU 37:004(043)

CLÁUDIA BENE BATISTA DA SILVA

ESCOLA, MUNDO VIVIDO E BLOGOSFERA:
A APRENDÊNCIA NO CONTEXTO DOS *BLOGS* EDUCATIVOS

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional Gestão em Organizações Aprendentes da UFPB,
linha de pesquisa: “Gestão de Projetos Educativos e Tecnologias Emergentes”, como requisito
institucional para a obtenção do Título de MESTRE.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Washington de Moraes Medeiros
Orientador (UFPB)

Prof. Dr. Antonio Roberto Faustino
Membro Externo (UEPB)

Prof. Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire
Membro Interno (UFPB)

**À Deus e a minha amada família (mãe, pai,
irmã, sobrinha, cunhado e avós) dedico.**

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram de alguma forma à minha formação pessoal, intelectual e profissional ao longo de toda minha vida, processo que se iniciou no jardim de infância e que se estende até esta etapa a que concluo.

Agradeço de maneira especial:

A *DEUS*, que me deu o dom da vida, o discernimento, a saúde, a capacitação de conclusão de mais uma etapa na minha vida acadêmica e por todas as oportunidades que me concedeu;

Aos meus amados pais, *Carmelita* e *Benedito*, pelo amor e orientação recebidos, a quem devo a formação de meu caráter e personalidade, a credibilidade e o apoio imensurável em todos os meus empreendimentos;

À minha única irmã, *Carmem*; a meu cunhado *Claudenilson* e a minha querida sobrinha *Beatriz*, que me acolheram em sua casa durante todo o período de mestrado, apoiando-me nos momentos de tristeza e alegria;

Ao meu grande amor, *Henry*, pela superação de sentimentos e incentivo dedicados no decorrer deste desafio;

A minha estimável avó, *Maria*, pelo exemplo de vida e de mulher que me serve de inspiração;

Às minhas amigas *Rosilene* e *Cecília*, pela paciência, confiança, cumplicidade, incentivo e companheirismo dedicados, sem os quais não teria conseguido concluir esse trabalho;

Aos Professores *Dr. Rodrigo Ronelli* e *MSc. Rogério Paiva*, pelo incentivo, pelo apoio, pela colaboração, pelas palavras de estímulo e pelas ações empreendidas em relação a realização deste projeto;

Ao meu orientador, *Profº. Dr. José Washington de Moraes Medeiros*, pela confiança, pela paciência, pela compreensão, pela dedicação, pelo rigor e pelas preciosas contribuições para a realização deste trabalho;

A todos que fazem o CAVN, pelo apoio e incentivo durante esses dois anos, compreendendo a importância da formação dos seus profissionais;

Aos professores, participantes do grupo de pesquisa, *Blogs Educativos*, que foram indispensáveis na realização desta pesquisa, me ajudando a construir minha produção científica;

A todos os meus professores e colegas do Mestrado Profissional em Gestão e Organizações Aprendentes (MPGOA/UFPB), que colaboraram em diversos momentos, com discussões e debates relevantes, consistente e imprescindível a nossa formação, no intuito de construir um referencial teórico que subsidiou essa pesquisa;

Aos coordenadores e funcionários do MPGOA, pelo carinho, apoio e serviços prestados, indispensáveis à existência e funcionamento do referido Programa.

“Ensinemos nossos filhos a venerar o mundo e a consciência que o ilumina. Façamo-los perceber o caráter sagrado, mágico da vida: esse inimaginável emaranhado de todas as formas e todas as histórias possíveis que se originam infinitamente no espaço unitário da consciência. É o fim único da educação tornar a consciência humana consciente dela mesma e de sua disposição fundamental: sua expansão onidirecional, sua liberdade, seu amor por todas as formas e todos os seres”.

(Pierre Lévy).

RESUMO

No contexto de um tempo marcado pelas interrelações entre a mente (cognição), o uso e resignificação da informação (conhecimento) e o ciberespaço (cultura digital), a educação é conduzida a empreender processos de ensino-aprendizagem (aprendência) cada vez mais condizentes com a fase histórica da sociedade em rede. Diante disso, esta pesquisa investigou o fenômeno da aprendizagem (ensinar-aprender/aprender-ensinar) a partir dos *blogs* educativos no contexto do mundo vivido escolar (ensino médio). A investigação partiu da seguinte questão norteadora: como o fenômeno da aprendizagem manifesta-se a partir do uso de *blogs* educativos no contexto do ensino médio? Para responder à questão, a metodologia da pesquisa adotou a classificação empírica, intermediada pela abordagem quantiquantitativa, assumindo dimensões exploratória e descritiva. Para a interpretação dos dados, a pesquisa fundamentou-se na análise do conteúdo, a partir do modelo misto de organização de categorias, definidas *a priori* (teoria) e readequadas no processo investigatório (empíria). A coleta de dados deu-se no contexto da blogosfera, utilizando questionário misto, aplicado a professores blogueiros que participam do grupo de estudos “*Blogs Educativos*”. Dos 1.393 professores cadastrados no grupo, pertencentes a escolas públicas (municipal, estadual e federal) de diversos estados brasileiros, trinta dispuseram-se a participar da pesquisa, e destes, vinte devolveram o questionário em tempo hábil. Os resultados possibilitaram a compreensão de que a inserção dos *blogs* educativos na prática educativa dos professores pode favorecer o processo de aprendizagem, isto é, o ensinar e o aprender são (re)definidos com o uso dos *blogs* educativos para além de sala de aula. Os resultados também desvelam que, no terreno educacional do ensino médio, as tecnologias digitais da comunicação na aprendizagem (TDCA) dualizam-se como enlances do mundo sistêmico (dominação da/pela educação) e do mundo vivido (libertação pela educação), assumindo perspectivas antagônicas na educação. No entanto, como iniciativa docente, a pedagogia ciberespacial através dos *blogs* aventa-se como via didático-pedagógica cujo potencial emancipatório reverbera aos processos educativos no ensino médio a possibilidade de revitalizar ou racionalizar o mundo vivido escolar, já que a aprendizagem através dos *blogs* não se limita pelo poder regulador da mesma política educacional que, atrelada ao Estado, assume interesses advindos do mundo sistêmico.

Palavras-chave: Aprendizagem. *Blogs* educativos. Ensino Médio. Mundo vivido. Mundo sistêmico.

ABSTRACT

In the context of a time marked by the interplay between the mind (cognition), and reframing the use of information (knowledge) and cyberspace (digital literacy), education is conducted to undertake the process of teaching-learning (teaching-learning process) increasingly consistent with the historical stage of the network society. Therefore, this research study investigated the phenomenon of teaching-learning process (teaching-learning/ learning-teaching) from educational blogs in the context of the lived world school (high school). The research was based on the following question: how teaching-learning process phenomenon manifests itself through the use of blogs in educational context of the High school? To answer this question, the research methodology adopted an empirical classification, brokered by quanti-qualitative approach, assuming exploratory and descriptive dimensions. For the interpretation of the data, the research was based on analysis of the content from the mixed model of organizing categories, defined a priori (theory) and readapted the investigatory process (empirical). Data collection took place in the context of the blogosphere, using mixed questionnaire applied to the teacher's bloggers participating in the study group "Educational Blogs". Of the 1,393 teachers registered in the group, from public schools (municipal, state and federal) in several states of Brazil, thirty were willing to participate and, of these, twenty returned the questionnaire in a timely manner. The results provided an understanding that the integration of *educational blogs* in educational practice of teachers can foster the process of teaching-learning process, i.e. teaching and learning are (re) defined with the use of *educational blogs* beyond the class room. The results also reveal that, in the field of High School education, digital communication technologies in learning (DCTL) dualism as linkages to systemic world (domination / for education) and to the lived world (liberation through education), assuming prospects antagonistic in education. However, as an initiative teaching, the cyberspace pedagogy through awesome *blogs* apron as via didactic-pedagogic whose emancipatory potential reverberates educational processes in high school the chance to revitalize and streamline the lived world school, since *aprendência* through awesome *blogs* not limited by regulatory power is by the same educational policy that pegged the state assumes interests arising from the systemic world.

Keywords: Teaching-Learning Process, Educational Blogs, High School, Lived World, Systemic World

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa conceitual (categorias) da pesquisa.....	38
FIGURA 2 - Relação do processo de aprendizagem com as Tecnologias Digitais de Comunicação e Aprendizagem (TDCA).....	89
FIGURA 3 - Relação dos Blogs Educativos com o mundo vivido e o mundo sistêmico.....	100

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	<i>Blogs</i> pesquisados	31
QUADRO 2 -	Explicação dos professores sobre a decisão em inserir o <i>blog</i> em sua prática pedagógica.....	90
QUADRO 3 -	Relação das categorias explicitadas pelos professores com as categorias teóricas da pesquisa.....	92
QUADRO 4 -	A interação propiciada pelo <i>blog</i> educativo e suas relações com o saber formas (conteúdos curriculares).....	98
QUADRO 5 -	A relação entre os <i>blogs</i> e suas possibilidades de ir além dos conteúdos formais de ensino.....	101
QUADRO 6 -	Se o uso dos <i>blogs</i> educativos tem melhorado/aprimorado o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.....	102
QUADRO 7 -	Outras considerações sobre as práticas docentes a partir dos <i>blogs</i>	114

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	Categoria gênero.....	84
TABELA 2 -	Categoria faixa etária dos professores blogueiros do grupo de estudos <i>Blogs</i> Educativos.....	85
TABELA 3 -	Categoria formação acadêmica dos professores blogueiros do grupo de estudos <i>Blogs</i> Educativos.....	86
TABELA 4 -	Tempo de experiência no ensino médio dos professores blogueiros do grupo de estudos <i>Blogs</i> Educativos.....	87
TABELA 5 -	Categoria tempo de experiência com <i>blogs</i> educativos dos professores blogueiros do grupo de estudos <i>Blogs</i> Educativos.....	87
TABELA 6 -	Socialização dos conteúdos curriculares através dos <i>blogs</i>	93
TABELA 7 -	<i>Blog</i> como mediador do conhecimento no processo educativo.....	94
TABELA 8 -	Rendimento educacional no processo educativo com o uso dos <i>blogs</i>	96
TABELA 9 -	Conteúdos curriculares mais significativos com o uso dos <i>blogs</i>	96
TABELA 10 -	Estrutura curricular estabelecida pelo MEC é suficiente para desenvolver competências para a vida do aluno.....	104
TABELA 11 -	A Cibercultura complementa a cultura escolar.....	106
TABELA 12 -	<i>Blogs</i> educativos propulsor de liberdade na grade curricular.....	107
TABELA 13 -	Relações comunicativas estabelecidas na blogosfera.....	108
TABELA 14 -	Fortalecimento das relações entre teoria e prática com o uso dos <i>blogs</i> educativos.....	109
TABELA 15 -	Abertura do diálogo entre aprendentes na blogosfera.....	110
TABELA 16 -	Relação de ensino-aprendizagem contínuo e dinâmico com a incorporação dos <i>blogs</i>	111
TABELA 17 -	Enriquecimento dos conteúdos escolares a partir das relações estabelecidas na blogosfera.....	112

LISTA DE SIGLAS

BE – Blogs Educativos

CAPES – Coordenação de Pessoa do Ensino Superior

CAVN – Colégio Agrícola Vidal de Negreiros

CCHSA – Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias

GPETE – Gestão de Projetos Educativos e Tecnologias Emergentes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MD – Mídias Digitais

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MPGOA – Mestrado Profissional em Gestão de Organizações Aprendentes

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONGs – Organizações Não-Governamentais

PB – Paraíba

PMCG – Prefeitura Municipal de Campina Grande

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

SI – Sociedade da Informação

TAC – Teoria da Ação Comunicativa

TDCA – Tecnologias Digitais de Comunicação e Aprendizagem

TIC – Tecnologia de Informação e Comunicação

TV – Televisão

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 VEREDAS METODOLÓGICAS: descortinando as trilhas da pesquisa.....	25
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	25
2.2 O CAMPO DA PESQUISA: situando o universo invisível da <i>blogosfera</i>	29
2.3 OBJETIVOS	31
2.3.1 Geral.....	31
2.3.2 Específicos	32
2.4 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	32
2.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	34
2.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: análise de conteúdo.....	36
3 A TEORIA DA SOCIEDADE DE JÜRGEN HABERMAS: a justaposição entre mundo vivido e mundo sistêmico.....	40
3.1 OS ARCABOUÇOS SIMBÓLICOS DO MUNDO VIVIDO.....	43
3.2 AVATARES CONSTITUINTES DO MUNDO SISTÊMICO	47
3.3 DESACOPLAMENTO ENTRE MUNDO VIVIDO E MUNDO SISTÊMICO	50
3.4 RACIONALIZAÇÃO DO MUNDO VIVIDO: FRONTEIRAS DA APRENDÊNCIA	54
4 APRENDÊNCIA E ESFERA PÚBLICA: mudança estrutural na educação?	58
4.1 ENTRE ESFERA PÚBLICA E ESFERA PRIVADA	63
4.2 A SOCIEDADE COGNITIVA E O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO	65
4.3 EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE	68
5 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS DA COMUNICAÇÃO: redes de aprendizagem na esfera pública escolar	72
5.1 A APRENDIZAGEM NA ERA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS.....	75
5.2 O CIBERESPAÇO NA SALA DE AULA OU ESTUDANTES CIBERAPRENDENTES?.....	78
5.3 POR UMA SOCIEDADE APRENDENTE	80
6 APRENDÊNCIA, BLOGS E ENSINO MÉDIO: ensinar-aprender/ aprender-ensinar no contexto do mundo vivido.....	84
6.1 PERFIL DOS RESPONDENTES	84
6.2 PRÁTICA DOCENTE: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AUTILIZAÇÃO DO <i>BLOG</i> COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS/PARA AS AULAS.	88
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	127
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	131
APÊNDICE B - CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	135

1 INTRODUÇÃO

No cenário da sociedade em rede, também conhecida como sociedade da informação, da mente, da aprendizagem ou da cognição, uma das grandes características de sua ascensão e fortalecimento é o avanço científico e tecnológico. Na atualidade de seu contexto, a sociedade em rede redimensiona o conceito de *saber* para *saber-poder*, aludindo o conhecimento como uma das estratégias mais cobiçadas dos negócios, como uma “moeda” tão produtiva quanto o capital, como a conquista mais autônoma da emancipação do sujeito.

Em razão disso, o século XXI parece se aventar como um dos tempos históricos mais surpreendentes, no sentido de que sujeitos, comunidades, empresas e organizações, países e blocos econômicos têm a certeza de que o futuro se horizontaliza pela educação, isto é, pelas possibilidades com que o fenômeno da aprendizagem configura-se no tempo da sociedade em rede. Segundo Assmann (1999), o conceito de aprendizagem está relacionado com a fase contemporânea do avanço científico e tecnológico e diz respeito ao processo cognitivo que se dá a partir da interação dos sujeitos com as redes intelectuais digitais, permitindo a integração da cultura escolar com a cibercultura¹, articulando-se no mundo vivido² da sociedade em rede.

No contexto da aprendizagem, surge uma grande demanda de recursos informacionais (conteúdos) e recursos tecnológicos (cibernéticos) para e na educação, ampliando os horizontes da comunicação e da interação entre sujeitos aprendentes: professores e alunos. Assim, a Sociedade da Informação³ passa a ser o resultado da importância conferida tanto à informação quanto ao conhecimento como recursos indispensáveis e significativos no cenário atual. Suas características

¹Levy (1999, p. 17) conceitua Cibercultura como “[...] um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

²Para Habermas (2001, p.179) [...] es mundo de la vida es, por así decirlo, el lugar trascendental em que hablante y oyente se salen al encuentro; em que pueden plantearse recíprocamente la pretensión de que sus emisiones concuerdan con el mundo y em que pued exhibir los fundamentos de esas pretensiones de validez, resolver sus dissentimientos y llegar a um acuerdo.

³Sociedade da Informação representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico. É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de informação disponível. (TAKAHASHI, 2000, p. 05).

se fundamentam no conhecimento como elemento central, promovendo novas formas de aprendizagem na escola do Século XXI.

Por essas vias, é no tempo da sociedade em rede que a aprendizagem, intrinsecamente imbuída pelo amplo acesso a recursos tecnológicos e conteudísticos (informação/conhecimento), é fortalecida pelas infovias da “grande rede”, isto é, da web ou Internet. Para se ter uma ideia, nos últimos 20 anos, segundo Castells (1999), houve no mundo um avanço significativo no acesso à internet pela população, sobretudo pelos jovens, que constituem uma grande parte desse público. O uso da internet permite a inserção das pessoas em espaços pautados em práticas sócio-culturais e político-econômicas virtuais, redimensionando do conceito de trabalho à tomada de decisão organizacional e estratégias mercadológicas. O aumento da participação de crianças e jovens nas chamadas redes digitais remete à discussão acerca das relações interpessoais e interativas, valores, acesso, uso da informação, consumo de produtos, perspectivas de aprendizagem, etc. suscitados no contexto da sociedade em rede, a partir das Tecnologias Digitais de Comunicação e Aprendizagem⁴ (TDCA), expressão a qual adotamos para este trabalho por se definir como a síntese que aglutina as características atuais, inovadoras e pertinentes atinentes aos processos educativos contemporâneos. Paralelo ao desenvolvimento das TDCA, a escola passa a utilizar, de uma forma ou de outra, dos recursos tecnológicos para promover a aprendizagem, já que as TDCA dispõem, na perspectiva de crianças e jovens, de domínios e linguagem simples, remetendo a grandes influências e possibilidades no cotidiano do mundo escolar e, em consequência, do mundo vivido.

Diante desse cenário, faz-se necessário entendermos as diversas formas com que a aprendizagem, na sociedade em rede, matiza a comunicação (interativa, instantânea, sem barreiras de tempo/espço) como o fenômeno natural e pedagógico mais importante para suscitar aprendizagens compartilhadas, através das tecnologias digitais disponíveis, podendo fortalecer o mundo vivido de crianças e jovens dentro e fora da escola. As múltiplas formas com que o diálogo estrutura os

⁴ TDCA são novas formas de construção de conhecimento, dentro de um novo espaço e tempo (cibercultura), que permite a integração do ensino-aprendizagem de forma colaborativa e continuada, difundida amplamente para a coletividade de forma interativa, integrando o mundo em rede, por meio da nova era informacional. (grifos nosso)

processos de ensino e enriquece as formas de aprendizagem podem ser favorecidas quando o professor maximiza os horizontes interativo-comunicacional além da sala de aula, valendo-se, por exemplo, das TDCA e seus dispositivos (do celular ao Facebook), recursos presentes no contexto de crianças e jovens da chamada “Geração Y”.

Refletindo sobre essas circunstâncias, Oliveira (2010) denomina “Geração Y” todos aqueles sujeitos sociais nascidos entre os anos 80 e 2000, alguns ainda na universidade e a grande maioria povoando a formação intermediária, isto é, compondo os índices de matrículas do Ensino Fundamental e Médio no Brasil, considerando que estão na faixa etária dos 12 anos. A Geração Y nasceu em uma época em que o mundo vivenciava constantes transformações tecnológicas, dentro de uma grande rede global, e se caracteriza pelo fato das pessoas estarem sempre conectadas, desenvolvendo atividades cognitivas e/ou de lazer através de múltiplos canais de acesso. Um jovem pode, por exemplo, estudar um conteúdo escolar para uma avaliação pela Internet, ouvindo música em seu *Ipod*, com a televisão (TV) ligada e vendo as mensagens em seu *smartfone*, além de estar participando de uma partida virtual de xadrez ou outro jogo interativo pela *web*.

Os recursos tecnológicos, nesse contexto, são ferramentas tão naturais e imprescindíveis para as pessoas da Geração Y como é, por exemplo, o talher para as refeições; estão sempre situados com as novidades no avanço tecnológico, vivem em redes de relacionamento, com capacidade de fazerem diversas tarefas ao mesmo tempo, procurando informações instantâneas e fáceis. Em outros termos, os jovens da Geração Y são mais propensos a se situar em processos educativos além dos recursos formais que o ensino tradicional possibilita como, por exemplo, a sala de aula física, o giz e o livro didático impresso. Isso nos leva a crer que, de acordo com Assmann (2003), na contemporaneidade existe uma metamorfose no ensinar/aprender que correlaciona a sociedade em rede, e a Geração Y especificamente, como a etapa civilizatória fundada e fundadora do fenômeno da aprendizagem.

Nesse sentido, se a Geração Y compõe o tempo dos avanços científico-tecnológicos perpassados por conexões, redes, interatividade, da produção informacional e comunicabilidade sem precedentes, então os sujeitos desta fase histórico-civilizatória são os nativos digitais que não diferenciam o real do virtual, o

online do *offline*, já que a Internet é um ciberespaço tão importante quanto a *ágora* grega ou a praça pública.

Assim, a própria internet já se encontra em um estágio de desenvolvimento em que se tem uma diversidade enorme de *sites* especializados, como por exemplo, *sites* de relacionamentos, *sites* de notícias, *sites* de compras, *sites* de pesquisas, *sites* educativos, *sites* especializados em vídeos ou músicas, *sites* para *downloads* de programas, etc. Dentre os *sites* educativos, destacam-se os *blogs* como um espaço virtual de divulgação e promoção de conteúdos para a aprendizagem.

Os *blogs* são páginas *web* formadas por um conjunto de textos postados em datas específicas, seguindo a mesma organização de um diário. Eles podem seguir o mesmo gênero de escrita, o mesmo tema, e serem escritos pelas mesmas pessoas, dependendo da sua finalidade. Na sua grande maioria são considerados páginas de fácil manuseio, criação e publicação, uma vez que dispensam conhecimento em programação para sua utilização, criação e atualização. São recursos comunicacionais que proporcionam a interação intersubjetiva (processo dialógico de entendimento com o outro), independente do lugar que as pessoas estejam conectadas, pois seus textos podem ser lidos e comentados em tempo real (RECUERO, 2003).

A partir da *web 2.0*⁵ várias discussões *online* são travadas diariamente por blogueiros, que se utilizam dos *blogs* como espaços democráticos de informação e comunicação acerca das mudanças culturais e sociais, contextualizando pela cibercultura.

Nesse sentido, em virtude de tudo isso acima exposto, esta pesquisa surge da necessidade de *investigar o fenômeno de aprendizagem (ensinar-aprender/aprender-ensinar) a partir dos blogs educativos no contexto do mundo vivido escolar (Ensino Médio)*. A pesquisa desdobra-se na incumbência de discutir a compreensão de docentes usuários acerca dos *blogs* que utilizam como instrumento pedagógico e metodológico da prática educativa, como também a articulação dessa prática educativa no contexto do universo da blogosfera. Ademais, a pesquisa pretende tecer reflexões acerca da influência das TDCA nas práticas escolares,

⁵Tim O'Reilly diz que a Web 2.0 é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, sua regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Web_2.0).

mediadas pelos *blogs* educativos e investigar se tais mediações podem favorecer as concepções teórico-metodológicas do processo de aprendizagem nas escolas de Ensino Médio da sociedade contemporânea.

Em virtude de tudo isso, a pesquisa elege a seguinte questão norteadora a partir da qual outras indagações surgem e a partir da qual o estudo busca respostas para alcançar seus objetivos postos:

- *Como o fenômeno da aprendizagem manifesta-se a partir do uso de blogs educativos no contexto do mundo vivido (Ensino Médio)?*

Na tentativa de sistematizar as ideias para o início da pesquisa, deparamo-nos, de 2006 a 2012, com vários estudos⁶ sobre a blogosfera e os processos educativos que situam o fenômeno da aprendizagem a partir de nuances que, via de regra, chamam atenção de pensadores da educação e da comunidade escolar sobre as articulações de um “novo aprender” no contexto cibercultural, destacando-se as transformações que a sociedade em rede está vivenciando no âmbito socioeconômico e político-cultural.

No espaço virtual, lugar de desenvolvimento desta pesquisa no que diz respeito à temática e à coleta dos dados, há um grande fluxo de informação e uma forte tendência de que a informação possa se constituir em conhecimento. A juventude que hoje povoa o ensino médio, em sua maioria jovens da Geração Y, está sempre aberta às inovações/mudanças e plugada nas TDCA. Dessa forma, acreditamos que esta pesquisa contribuirá para entendermos as demandas, o perfil e as especificidades de uma geração que, com o avanço da aprendizagem na sociedade em rede, cada vez mais respalda o mundo vivido (presencial/virtual) de recursos tecnológicos. Assim, o uso do *blog* educativo, como mediação pedagógica para o ensinar-aprender e o aprender-ensinar aventa-se como espaço de ações do

⁶ Azevedo (2009), “A visão de professores sobre o uso pedagógico do *blog* e a mediação da aprendizagem do aluno”; Oliveira (2012), “*Blogs* pedagógicos: possibilidades de uma educação holística”; Boeira (2011) “A linguagem em *blog* educativo e o processo de aprendizagem”; Behenck (2010) “Sujeitos e sentidos em *blogs* educativos: entre a movência e o retorno”; Fonseca (2009), “O uso do *blog* no Ensino de Jovens e Adultos: uma investigação em linguística aplicada”; Bezerra (2008), “*Blog's* educacionais e o desafio de ensinar e aprender na internet: possibilidades de (re) construção do fazer pedagógico”; Halmann (2006), “Reflexões entre professores em *blogs*: aspectos e possibilidades. Dentre tais pesquisas vale ressaltar a tese de Bezerra (2011), intitulado “Cultura acadêmica e tecnologias intelectuais digitais: ensinar e aprender com *blogs* educativos no ensino superior”, que discorre sobre o fenômeno da blogosfera no contexto do ensino superior.

saber formal e como aporte metodológico do ensino nos processos educativos do ensino médio.

Buscando raízes de sentido para além dos argumentos constituídos, podemos dizer que a ideia desta pesquisa surgiu em 2009, quando a pesquisadora lecionava pela Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG), no 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental, período no qual teve alguns contratempos em trabalhar com “leitura” em sala de aula, pois até então as atividades planejadas pareciam não despertar atenção/interesses dos alunos, o que lhe trazia muita frustração. Sendo assim, foi sugerido a construção de textos verbais e não-verbais, partindo do contexto sociocultural em que os alunos estavam inseridos, pela professora/pesquisadora, com histórias em quadrinhos, elaboradas pelos próprios alunos na sala de informática, causando-lhes, conseqüentemente, muita repercussão e mudanças em relação à leitura.

A partir desse momento, começamos, através do curso Mídias Digitais (MD)⁷ a pesquisar sobre novas formas de ensinar-aprender utilizando as TDCA. Mas foi no ano de 2010 que o interesse em pesquisar acerca das tecnologias digitais no ensino médio ganhou força, surgindo incomodações oriundas das aparentes insatisfações de alunos do ensino técnico de nível médio do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), Campus III da Universidade Federal da Paraíba, em Bananeiras - PB⁸ acerca das metodologias usadas pelos professores, aparentemente distantes das mudanças intrínsecas causadas pela cibercultura. Nas reclamações sempre estava destacado o distanciamento dos docentes em relação às TDCA, ausentes da sala de aula, mas presentes no cotidiano dos jovens, enfatizando o predomínio de metodologias consideradas tradicionais. É dessa forma que surge o interesse em pesquisar novas formas de aprendizagem através das TDCA, principalmente a partir dos *blogs* educativos.

Percebemos que essas mesmas inquietações são destacadas na prática educativa de outros profissionais nas escolas do ensino médio na atualidade, uma vez que estamos diante de novas formas de comunicação e informação provenientes das tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem.

⁷ Mídias Digitais – Curso de Extensão a distância, desenvolvido pela Universidade Federal da Paraíba em dois ciclos (básico e intermejdário) com carga horária de 180 horas.

⁸ Em 2010 a autora foi aprovada/classificada no concurso para o cargo técnico-administrativo (Pedagoga) da UFPB, no Centro de Ciências Humanas, Sociais e Agrárias (CCHSA) - Campus de Bananeiras – PB, onde atua até hoje como coordenadora pedagógica da escola supra.

Todo esse contexto foi determinante e instigante para direcionar o olhar para o estudo de uma das tecnologias digitais da aprendizagem disponíveis e de fácil manuseio. Como pedagoga, a pesquisadora percebe que o acesso às tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem (TDCA) tem sua relevância no que tange ao funcionamento e desenvolvimento de toda e qualquer instituição social, principalmente quando se refere à educação, que trata diretamente da/com a formação humana e suas relações intrínsecas com o conhecimento, com a moral, com a ética e com o bem comum.

Dessa forma, fica evidente a importância da inserção das tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem no contexto das organizações aprendentes, como as universidades corporativas, por exemplo, e das práticas pedagógicas dos processos educativos formais, dando prioridade à preparação dos sujeitos para uma sociedade em rede, que apresenta mudanças no âmbito social, cultural e tecnológico, fatores interligados pelos eixos político-econômicos cuja lógica associa-se ao que Habermas chama de sociedade complexa, ou seja, a face atual do sistema capitalista. Ademais, acreditamos que a Internet, lugar de expressão das tecnologias digitais, deve ser considerada pelos educadores como uma rede de comunicação, de cultura, de socialização e sociabilidade, na mesma proporção com que vem mudando as formas de comunicação, relacionamentos e a própria construção do conhecimento.

Assim, acreditamos que essa pesquisa poderá fortalecer a produção científica na escola como organização aprendente, no sentido de contribuir para a construção de um pensamento reflexivo e crítico acerca da cultura escolar, no que diz respeito aos sujeitos (aprendentes) do ensino médio, especificamente no contexto da aprendizagem a partir do uso dos *blogs* educativos no mundo vivido escolar.

Além disso, a referida pesquisa comunga com a proposta do Mestrado Profissional de Gestão em Organizações Aprendentes (MPGOA/UFPB), pelo fato das TDCA serem utilizadas como recurso metodológico de ensino adotado pelo MPGOA, sendo, assim, uma das principais ferramentas de socialização e compartilhamento do conhecimento. Mais além, a pesquisa situa-se e responde aos anseios epistemológicos da linha de pesquisa “Gestão de Projetos Educativos e Tecnologias Emergentes” (GPETE), que busca estudar o conhecimento organizacional e a gestão de processos educativos em diversas instituições, como

escolas, organizações não governamentais (ONGs) e organizações corporativas, além de procurar soluções de produtos (ferramentas e sistemas de gestão) acerca de circuitos virtuais por onde trafegam aplicações interativas como videoconferência (imagem e som), *e-learning* (dados) para educação corporativa e educação a distância, destacando sua incorporação à prática institucional em diversos níveis.

Nessa conjuntura, a busca pela compreensão do fenômeno da aprendizagem na blogosfera e no contexto do ensino médio propiciará, a partir dos dados coletados e de sua interpretação, elementos concretos a partir dos quais poderemos utilizar para qualificar professores do ensino médio para o uso dos *blogs*, principalmente na organização aprendente em que a autora atua como Coordenadora Pedagógica, notadamente do CAVN, Campus III da Universidade Federal da Paraíba.

Nas “bandas largas” do conhecimento e plugando-se nas “infovias das infomarés”, acreditamos que os contornos da educação do futuro vislumbram-se nos horizontes do presente, cabendo aos agentes educativos propiciar a guinada pragmática, cujo *medium* é a linguagem dos *bits*, ou seja, fazer da escola uma esfera pública tão viva quanto os *hiperlinks* que lançam a juventude para seu próprio tempo e mapeiam os caminhos desafiadores e necessários que os professores precisam seguir, todos em um só rumo: a aprendizagem e o fortalecimento do mundo vivido.

Para uma melhor compreensão do discurso, buscando nortear o leitor, o trabalho foi subdividido em oito capítulos, assim distribuídos:

A introdução faz uma apresentação contextualizadora do fenômeno estudado, discutindo o problema desdobrado nos próprios objetivos da pesquisa, situando estudos e justificando a pertinência da investigação para a ciência, a educação e o MPGOA.

No segundo capítulo são dispostos os caminhos metodológicos que a pesquisa percorreu, cujo discurso esforça-se para explicitar os métodos, as técnicas e as dificuldades que permearam o processo de investigação científica, identificando os objetivos geral e específicos, a caracterização da pesquisa, o campo empírico, o universo e amostragem, além do processo de coleta de dados. Dentre os pontos que se destacam neste capítulo, podemos salientar que a pesquisa funda-se na abordagem quantiquantitativa, pautada na dinâmica de investigação e compreensão das experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa, possibilitando revelar o

entendimento de características subjetivas próprias no que se refere ao desenvolvimento de seus desafios e competências.

No terceiro capítulo, intitulado “A teoria da sociedade de Jürgen Habermas”, apresentamos um recorte conceitual da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, destacando a teoria da sociedade do autor, suas concepções e implicações nas relações sociais, como também a influência do mundo vivido e do mundo sistêmico nas relações desencadeadas nas ações dos sujeitos aprendentes. Nessa teoria Habermas revela-se atordoado em desencadear uma teoria da racionalidade, procurando restituir a ideia de que a razão tem um sentido universalista, uma dimensão moral-prática, o que pode levar a superar as limitações impostas pela visão diminuta da razão instrumental, e assim reconstituindo-se o seu poder emancipador.

No quarto capítulo, “Aprendência e esfera pública: mudança estrutural na educação”, são refletidas as transformações que vêm acontecendo na sociedade contemporânea, principalmente no que tange ao desenvolvimento das tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem (TDCA). Buscamos compreender como tudo isso tem perpetrado o próprio processo da aprendizagem no contexto (dentro e fora) da escola, como também no comportamento dos jovens da Geração Y. Ressaltamos a educação como um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento da sociedade, condição necessária para uma formação cidadã.

No quinto capítulo, “Educação e tecnologias digitais da comunicação: redes de aprendizagem na esfera pública escolar”, discorreremos acerca das tecnologias disponíveis atualmente na educação, possibilitando a abertura de novos espaços de diálogo. Além disso, discutimos como as redes digitais podem proporcionar a criação de relações com outrem, independente do espaço e tempo que se encontram.

No sexto capítulo apresentamos a análise e discussão dos resultados a partir da articulação entre as categorias empíricas e teóricas. Destacamos as potencialidades da aprendizagem evidenciadas a partir da utilização dos blogs educativos no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando e atendendo o alcance dos objetivos da pesquisa. Para dar suporte a essa discussão, foi feita uma coleta de dados com professores do ensino médio do grupo de estudos “Blogs Educativos”. Os dados sistematizados foram analisados na perspectiva teórico-conceitual de categorias/autores tais como: “mundo vivido”, “mundo sistêmico”;

Habermas (2001); “Aprendência”, “Tecnologias”; Assmann (2005); Levy (2006); Almeida (2000); Mattelart (2002); “Sociedade da Informação”; Takahashi (2000); “Esfera pública”; Habermas (2003); “Educação”, “Tecnologias digitais”, “Ciberespaço”, Levy (1998); Santaella (1992); Marteleto (2004); Castells (2004); Tomaél (2005); Lopes (2005); Assmann (2005).

Para finalizar, o desfecho do trabalho traz as Considerações Finais, sintetizando os resultados e os pontos relevantes e recorrentes da pesquisa, além de explicitar as recomendações que acreditamos contribuirão para processos educativos condizentes com aprendizagens mais abertas, atuais e menos tradicionais no contexto escolar (ensino médio). É dessa forma que convidamos o(a) leitor(a) para adentrar neste texto, e é dessa forma que gostaríamos que o trabalho fosse compreendido.

2 VEREDAS METODOLÓGICAS: descortinando as trilhas da pesquisa

A metodologia é caracterizada por um conjunto de métodos que fundamenta a investigação de forma minuciosa e detalhada, possibilitando a sistematização das técnicas no desenvolvimento de uma pesquisa, elucidando o rigor de seus processos, o esclarecimento de suas etapas, as justificativas das escolhas estratégicas e, sobretudo, imprimindo a lógica que valida o trabalho pela ciência.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Considerando o contexto evolutivo da ciência e tecnologia na sociedade em rede, e considerando que as ciências da/na educação esforçam-se para compreender como os processos educativos (ensinar-aprender) se desdobram no cenário da aprendizagem, podemos dizer que esta pesquisa insere-se na área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas ao mesmo tempo, por aglutinar dois campos de conhecimento: a educação e a administração, haja vista que esta é a própria razão de ser do Mestrado Profissional Gestão em Organizações Aprendentes (MPGOA/UFPB), concentrada na linha de pesquisa Gestão de Projetos Educativos e Tecnologias Emergentes. O MPGOA tem como foco de interesse/articulação o estudo e a intervenção de/em processos de gestão e aprendizagem em organizações diversas, inclusive a escola, cujo objetivo é formar/qualificar gestores para que atuem de forma crítica e inovadora no planejamento, monitoramento e avaliação em instituições públicas, privadas e do terceiro setor, na possibilidade de (re)conceber a dinâmica das práticas a partir da reflexão de seus próprios processos e da imersão em teorias inovadoras que (re)conduzem os sentidos tradicionais de conceitos antigos em novas tendências.

Nos dias atuais, a aprendizagem tornou-se imprescindível nas organizações, sendo considerada um dos fatores fundamentais para atingir as metas organizacionais desejadas, mas falar em organizações aprendentes não é fácil, uma vez que as pessoas relacionam aprendizagem meramente com a aquisição de informação. Todavia, a aprendizagem significativa⁹ vai muito além da simples

⁹ Segundo Ausubel (1982), a aprendizagem significativa se dá na medida em que um novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um sujeito e adquire significado para ele a partir da relação/interação com o seu conhecimento prévio.

aquisição da informação, pois além de vontade e disponibilidade para se colocar como aprendente para o ato reflexivo-interativo da aprendizagem, o sujeito dispõe-se a ser e fazer, isto é, perceber o mundo e suas relações, capaz de criar e de ser parte proativa deste.

Assim, podemos dizer que uma organização aprendente possibilita processos de aprendizagens significativas (reflexão sobre informação/conhecimento) contínuos entre os grupos envolvidos e a organização como um todo.

Segundo Vygotsky (1984, p.99) o aprendizado presume uma natureza social específica de um processo por meio do qual os sujeitos penetram na vida intelectual daqueles que fazem parte do seu convívio/contexto, tornando-se um aspecto necessário e universal, uma forma de garantia do desenvolvimento das características psicológicas, especificamente humanas e culturalmente organizadoras.

Já Silva (2009) afirma que a aprendizagem tem uma grande importância na sociedade contemporânea, na qual o conhecimento torna-se fator-chave para as organizações, na sua ação gerencial, e com seus membros, colaborando dessa forma para a competitividade e inovação.

Seguindo essa perspectiva, pode-se dizer que as organizações se fortaleceram quando se comprometeram com a educação e o desenvolvimento dos seus colaborador/funcionários dentro da própria organização, tornando-se cada vez mais competitivas. Consequentemente, as organizações passaram a se identificar como fomentadoras de conhecimento, alimentando cada vez mais a inovação, fortalecendo o comprometimento pessoal de cada colaborador/funcionário com a organização e sua missão.

Silva (2009, p.100), diz que:

[...] entender o processo de aprendizagem nas organizações pode ajudar os gerentes a compreender como eles aprendem, uma vez que as pessoas tanto podem ser consideradas a principal fonte do aprendizado nas organizações quanto as organizações podem ser fontes de aprendizado das pessoas.

As organizações, quando aprendentes, passaram a assumir a necessidade de se manterem atualizadas, ao mesmo tempo em que se tornaram competitivas, respondendo as mudanças que a sociedade contemporânea exige, o que significa também incorporar ou institucionalizar a aprendizagem como elemento

indispensável para tais mudanças, uma vez que seu sucesso e sobrevivência dependem da relação de proporção entre seus membros, a sociedade, a cultura, o conhecimento, a inovação, a inteligência.

Em virtude disso, as pesquisas desdobradas em campos organizacionais são muito bem-vindas à dinâmica do MPGOA. Por tal razão e associado às nossas próprias demandas, esta pesquisa caracteriza-se como empírica, uma vez que busca coletar dados a partir das experiências reais de sujeitos/educadores acerca do tema em estudo, especificamente do uso dos *blogs* como ferramenta do processo de aprendizagem no contexto do ensino médio.

Segundo Fragoso (2011, p. 53):

A pesquisa empírica tem a intenção de avançar ou aprimorar o conhecimento sobre o mundo que nos cerca e, para isso, requer a realização de experimentos ou, como é mais comum nas ciências humanas e sociais, de observações. Independente do tema ou da área da pesquisa, o ideal seria observar todos os aspectos da realidade, levando em conta todas as variáveis e reconhecendo as peculiaridades de seus arranjos na composição de cada fenômeno.

Apontada a classificação da pesquisa como empírica, fator este de pertinência e repercussão para buscarmos compreender como se dá o processo de aprendizagem a partir dos *blogs* educativos, a pesquisa fundou-se na abordagem quantiquantitativa, sendo a dimensão qualitativa a que se destacou com mais veemência, sobretudo para a interpretação dos dados, por favorecer e valorizar a interação como dinâmica de investigação e compreensão das experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa, como também por possibilitar desvelar o entendimento de características subjetivas próprias no que se refere ao desenvolvimento de seus desafios e competências.

De acordo com Medeiros (2012, p.74):

A abordagem qualitativa caracteriza-se pela implementação de uma compreensão profunda ou detalhada dos significados em torno de um fenômeno. Ao invés de mensurar as aparências, preocupa-se em entender as camadas que cobrem a essência das coisas no mundo, isto é, dos fenômenos estudados.

Para Fragoso (2011, p. 67), “a pesquisa qualitativa visa uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social”.

Assim sendo, buscado alcançar a “essência” do fenômeno estudado, a presente pesquisa parte da observação das ações dos sujeitos no ambiente social e histórico em que os acontecimentos são gerados (os *blogs*), reorganizando o cotidiano escolar enquanto espaço no qual as circunstâncias do fenômeno manifestam-se.

Já a abordagem quantitativa é pautada na frequência da apresentação de determinados elementos da mensagem. Como afirma Bardin (2011, p. 145), “a abordagem quantitativa se baseia na coleta de dados descritivos por meio de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada”. Vale salientar que a abordagem quantitativa foi pertinente, sobretudo, para sistematizar a coleta de dados, através de questionário, haja vista a dinâmica da fase de coleta (online), buscando facilitar a reunião das informações na perspectiva dos sujeitos pesquisados.

Considerado a classificação (empírica) e a abordagem (quantitativa), além de também considerar o teor desafiador dos objetivos, esta pesquisa pode ser tipificada como exploratória, a qual visa familiarizar-se com o tema que ainda é pouco conhecido, através do embasamento bibliográfico. Nessa perspectiva, Gil (1991, p. 45) diz que:

A pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. [...] Envolvem: a) levantamento bibliográfico; b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. [...] Na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.

Além do caráter exploratório, o estudo também apresenta especificidades descritivas. De acordo com Gil (1991), a pesquisa descritiva expõe, de forma minuciosa, características de determinada população, como também o uso de variáveis, abrangendo a utilização de técnicas de coleta de dados, seguindo alguns critérios e padrões, como o questionário e a observação sistemática.

Associado aos processos primeiros da pesquisa exploratória, valemo-nos da pesquisa bibliográfica para buscar referências significativas a partir das quais pudéssemos trilhar os caminhos propostos. Nesse sentido, buscamos revisar estudos sobre *blogs* educativos, aprendizagem, mundo vivido e TDCA entre maio e

junho de 2012, a partir da base de dados (dissertações e teses) da Coordenação de Pessoa do Ensino Superior (Capes/MEC), sendo as referências datadas entre os anos de 2006 a 2012.

2.2 O CAMPO DA PESQUISA: situando o universo invisível da *blogosfera*

Em relação ao campo empírico, a pesquisa foi desenvolvida no espaço da *blogosfera*, uma vez que este é um lugar no qual as redes sociais e tecnológicas se interpenetram e criam o seu universo, que são os *blogs*.

[...] a blogosfera é uma rede de interações intelectuais diretas e navegáveis, resultado da contribuição gratuita, aberta e verificável das consciências e das opiniões de muitas pessoas sobre assuntos de interesse geral e em tempo quase real. O funcionamento dos blogs baseia-se inteiramente nestas conexões. (KERCKHOVE *apud* GRANIERI, 2006, p.11).

Os *blogs* também chamados de *Weblogs* são páginas *web* cujos *posts* (atualizações), conjunto de textos publicados em uma data específica, seguem a mesma organização de um diário (cronologicamente). Dependendo da sua finalidade, essas postagens podem seguir o mesmo gênero de escrita, o mesmo tema, e serem escritos pelas mesmas pessoas. São considerados páginas de fácil manuseio, criação e publicação, uma vez, que dispensam conhecimento em programação para sua utilização, criação e atualização. É uma ferramenta que proporciona a interação com qualquer pessoa, independente do lugar que esteja conectada, pois seus textos podem ser lidos e comentados em tempo real.

Dentre outras funções, esta ferramenta permite a abertura de diálogo com outras formas de saber, perfazendo redes sociais e redes de saberes. Assim, os *blogs* são considerados como tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem, o que propiciou a esta pesquisa compreendê-los na perspectiva da aprendizagem.

Os *blogs* têm sido considerados um importante espaço para discussão acerca das mudanças de pensamento em relação à Cibercultura. É *online* que são travados diariamente debates, palestras, postagens e discussões por blogueiros e seus públicos graças ao acesso, que cada dia está sendo mais fácil, com a internet.

O espaço proporcionado pelos *blogs* vem permitindo que professores e alunos deixem as salas de aula, e ultrapassem os muros escolares com discussões

em relação aos conteúdos escolares, transformando de forma mais interativa e dinâmica o processo educativo e criando novas possibilidades de ensino-aprendizagem. Além disso, os *blogs* carregam um caráter público, na medida em que todos podem ter acesso a estes, já que suas postagens são escritas para serem lidas por outros, destinando inclusive espaços para comentários, o que propõe um interlocutor mais participativo e real.

Assim, apesar de estarmos falando do espaço virtual, os usuários são indivíduos reais que interagem por meio do lugar destinado aos comentários, o que, segundo Levy (1999), permite uma atualização constante das discussões, promovendo um contínuo crescente para o desenvolvimento da cibercultura: a facilidade de busca e de uso no ciberespaço.

Conforme Bezerra (2011, p. 20):

[...] os blogs podem ser usados como espaços de informação especializada, disponibilizadas pelos (as) docentes; como estratégia educativa, podem se constituir como portfólio digital, espaço de intercâmbio, de colaboração, de debate (role playing) e de integração.

Em termos metodológicos procedimentais e estratégicos, para a realização dessa pesquisa foi contatada a Professora Suely Aymone, moderadora/participante de um grupo de estudos na internet, denominado “Blogs Educativos” (BE), que nos convidou para participar do grupo, facilitando o contato com outros professores. Esse grupo foi criado em 22 de fevereiro de 2005 e, atualmente, é composto por 1.393 professores do ensino fundamental e médio de diversos Estados brasileiros, que se reúnem para discutir, trocar experiências e aprimorar os *blogs* criados por eles, como ferramenta metodológica do processo de aprendizagem.

Durante o processo de exploração e escolha dos *blogs* utilizados na pesquisa, estipulamos alguns critérios, cuja decisão correspondeu ao acesso, uso e pertinência para a fase de coleta de dados da pesquisa, conforme seguem:

- a) o *blog* ser escrito em português e fazer parte da blogosfera brasileira;
- b) o seu arquivo ter acesso livre;
- c) ter espaço para comentários dos usuários;
- d) *blogs* como espaço de aprendizagem;
- e) ter sido criados por educadores;
- f) *blogs* voltados para alunos do ensino médio.

No quadro 1 abaixo estão dispostos os *blogs* que constituíram o corpus de análise:

Quadro 1: *Blogs* pesquisados.

http://www.conversadeportugues.com.br;	http://veragama.blogspot.com;
http://filosofiaevida.blogspot.com	http://lemaposerra.blogspot.com;
http://auladefrances-bh.blogspot.com;	http://www.historiadigital.org
http://ufabloguei.blogspot.com;	http://leilaiabel.blogspot.com;
http://espichandoaconversa.blogspot.com;	http://literaturasonhoseresistencia.blogspot.com;
http://jmzimmer.blog.uol.com.br;	http://educadoresdesucesso.blogspot.com
http://teofilopreservamata.blogspot.com;	http://tecnologiasocial.tk/
http://oficinanoobre.blogspot.com	http://nordestesolidario.tk/
http://www.rochayaraciencias.blogspot.com;	http://pesquisaeducacao.wordpress.com
http://lycee.wordpress.com/classes	http://janainacostaead.blogspot.com
http://www.memoriaafro.tk/	http://www.aartedeaprenderaaprender.blogspot.com
http://projetooca.blogspot.com	http://www.formacaogestarmatematica.blogspot.com
http://continentalcultural.blogspot.com	http://ler-e.blogspot.com
http://liedjovemvilela.blogspot.com	http://radiojovemvilela.blogspot.com

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Nesses *blogs* os professores blogueiros oferecem sites, vídeos, curiosidades, matérias sobre os conteúdos do seu componente curricular, falam acerca das atividades e projetos desenvolvidos nas escolas, a partir do uso das TDCA, além de divulgar jogos, softwares e sites. Esse universo reúne questões pedagógicas e tecnológicas, articulando, no mesmo espaço virtual, conhecimentos relacionados a ambas as áreas.

2.3 OBJETIVOS

Os objetivos delimitam o que o pesquisador quer atingir com a realização da pesquisa. Estes podem ser Gerais e Específicos.

2.3.1 Geral

Investigar o fenômeno da aprendizagem (ensinar-aprender/aprender-ensinar) a partir dos *blogs* educativos no contexto do mundo vivido escolar (ensino médio).

2.3.2 Específicos

- a) Discutir a percepção docente em relação à utilização do *blog* como ferramenta pedagógica nas/para as aulas;
- b) Articular a manifestação do trabalho docente na blogosfera no contexto das relações com o mundo vivido;
- c) Dimensionar a manifestação do trabalho docente na blogosfera com o mundo sistêmico.

2.4 UNIVERSO E SUJEITOS DA PESQUISA

Considerando que os jovens da Geração Y, principalmente, já fazem parte mais naturalmente da sociedade em rede, dominando a utilização dos recursos tecnológicos, e considerando também que os professores são mais resistentes ao domínio e utilização pedagógica desses recursos na escola, os sujeitos desta pesquisa são educadores de escolas públicas, que no intuito de enriquecer e aprimorar suas práticas pedagógicas no contexto dos processos educativos formais resolveram criar *blogs* educativos para dar aporte às suas aulas, permitindo que seus educandos participassem ativamente do seu componente curricular, uma vez que este espaço possibilita a interação além do tempo limitado da aula e do espaço físico da escola.

Chizotti (2001, p. 83) diz que: “[...] todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimento e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”.

A relação educador-educando no ambiente escolar é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma simples relação didática e nem ampliá-la a uma relação humana calorosa. Cabe ao educador dar orientação, mostrar entusiasmo, criar um clima de confiança e satisfação.

Desse modo, a pesquisa considerou como sujeitos vinte (20) professores do ensino médio da rede pública, de diversos estados brasileiros (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pernambuco, Paraíba, São Paulo) que fazem parte do grupo de estudos “*Blogs Educativos*”, atuando no ensino de diversos componentes curriculares (Língua Portuguesa, Filosofia, Matemática, Informática,

Francês, História, etc.). Dentre esses professores alguns possuem mais de um *blog* educativo de sua autoria.

Nesse aspecto, do universo de 1.393 professores que compõe o grupo de estudos o qual recorreremos, o recorte no número de 20 integrantes da pesquisa não considerou, na perspectiva quantitativa, as proporções estatísticas e suas representações mensuráveis. Isso se deu por razões bastante concretas:

- a) primeiro: o instrumento de coleta de dados foi disposto a todos os professores que, via de regra, estavam cadastrados no grupo de estudos e que tinham, de igual oportunidade e possibilidade, condições horizontalizadas de integrar a amostra da pesquisa. No entanto, no tempo que tínhamos para findar a coleta de dados, consideramos apenas os instrumentos que voltaram preenchidos, embora tenhamos entrado em contato, por várias vezes, e chamado atenção dos professores para retornarem com as informações sistematizadas;
- b) segundo: embora a quantidade de 1.393 professores seja formal, ou seja, é o número que compõe o cadastro do grupo, não há registros de que todo esse universo seja, de fato, composto por usuários reais da blogosfera, no sentido de atualizar e utilizar os blogs como estratégia de ensino, o que implica dizer que muitos professores não participam ativamente do grupo;
- c) terceiro: pelas especificidades que marcam as características da pesquisa qualitativa, esta nos possibilita um recorte amostral não necessariamente condizente com representações proporcionais ou matematicamente mensuráveis, haja vista que reside na essência da pesquisa qualitativa o esforço para compreender as obviedades ou superficialidades que, muitas vezes, marcam as representações das mensurações, principalmente considerando o caráter do fenômeno estudado e suas articulações diretas com a educação.

Por essas vias, acostamo-nos na abordagem qualitativa para enfatizar que a constituição de 20 professores como amostra da pesquisa reverberou-se na mesma naturalidade com que os próprios sujeitos sentiram-se convidados (ou não) a participar da pesquisa. Assim, a condição *sine qua non* da interpretação qualitativa em enredar a essência das coisas, a aprendizagem na blogosfera, parte das nuances

complexas, naturais e dinâmicas com que o tempo da pesquisa, o tempo de trabalho dos sujeitos e o tempo da vida de todos nós se inter cruzam no mesmo fio condutor que nos faz chegar até este momento.

2.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Considerando tudo isso, como os sujeitos da pesquisa se encontravam geograficamente em diversas partes do Brasil decidimos utilizar o questionário (em apêndice) como instrumento para coleta de dados junto aos professores que, voluntariamente, se dispuseram a participar da pesquisa. Desse modo, em virtude das condições as quais os sujeitos se encontravam no ciberespaço, o questionário foi o instrumento de coleta de dados que mais se adaptou às circunstâncias. Em decorrência, o processo de elaboração do questionário iniciou-se com a compilação dos dados disponíveis sobre o “*lócus*” da pesquisa e os respectivos sujeitos, a partir do escopo da pesquisa.

Segundo Collis (2005), o questionário é um método “popular” para coletar dados em pesquisas, e pode ser composto por questões abertas e/ou fechadas. A escolha por utilizar de uma ou de outra forma está relacionada ao direcionamento dos objetivos da pesquisa. Nesse caso, optamos por elaborar um questionário que elencasse questões abertas através das quais o sujeito pudesse expressar livremente sua resposta, como também questões fechadas, através das quais os respondentes tiveram que escolher uma opção dentre algumas opções apresentadas.

De acordo com Collis (2005, p. 165):

[...] Um questionário é uma lista de perguntas cuidadosamente estruturadas, escolhidas após a realização de vários testes, tendo em vista extrair respostas confiáveis de uma amostra escolhida. O objetivo é descobrir o que um grupo selecionado de participantes faz, pensa ou sente.

No momento de elaboração das perguntas do questionário, consideramos a objetividade e a clareza para facilitar a compreensão e o entendimento das questões. A linguagem foi adaptada aos sujeitos (professores) da pesquisa e evitamos a utilização de termos que pudessem levar a compreensão equivocadas e distorções nas respostas.

Conforme já posto, os questionários foram devolvidos preenchidos por 20 (vinte) professores que fazem parte do grupo de estudos “*Blogs Educativos*”, via e-mail, uma vez que todos eles residem em diversos lugares do Brasil.

Antes de iniciar a coleta de dados, foi mantida uma relação/interação com os professores que se dispuseram a participar da pesquisa, por meio de trocas de informações, experiências e conhecimentos acerca do uso de *blogs* na prática educativa, através do grupo de estudos “*Blogs Educativos*”, no período de outubro de 2012 a março de 2013. Nesse período foi apresentado um resumo da pesquisa que estava sendo desenvolvida e suas pretensões.

A coleta de dados, pois, iniciou-se com o envio/aplicação do questionário (APÊNDICE A) aos professores que se dispuseram, durante a interação no grupo de estudos “*Blogs Educativos*”, a participar da pesquisa. Inicialmente, foi enviado um e-mail informando aos professores que o questionário para a coleta de dados seria disponibilizado *online* e, assim, seria enviado o *link* do mesmo. As questões do referido questionário foram divididas em duas partes: perfil dos respondentes (seis questões) e fatores conteudísticos (dezessete questões).

A aplicação dos questionários se deu em dois momentos: a) no primeiro momento foram enviados cinco questionários, com o intuito de saber a aceitação, compreensão e dúvidas existentes acerca das perguntas; b) no segundo momento foram encaminhados os demais questionários, levando dezesseis dias para que todos os questionários respondidos fossem recebidos. Dos trinta professores que se dispuseram a participar da pesquisa inicialmente, apenas vinte (20) realmente responderam e encaminharam o questionário. Durante todo esse período foram encaminhados e-mails para os que ainda não tinham respondido, assim como postagem de mensagem no mural do grupo “*Blogs Educativos*”.

Todo o material coletado foi organizado/sistematizado, de modo a localizar, no primeiro momento, as categorias empíricas necessárias ao estudo e, no segundo momento, sistematizar as categorias de modo à convergi-las em aspectos que refletissem a compreensão/interpretação a partir das categorias teóricas contidas na fundamentação teórica do trabalho.

2.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE: análise de conteúdo

A organização dos dados aconteceu em fases distintas: tabulação dos dados do questionário em tabelas com a identificação dos endereços eletrônicos dos blogs dos sujeitos envolvidos na pesquisa, o componente curricular que leciona e o estado de localização e o endereço de *e-mail*, organizados numericamente, seguindo a ordem de entrega; em seguida, as informações foram cautelosamente organizadas, tendo por base a técnica de análise de conteúdo.

Bardin (2009, p. 44) diz que:

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Para Collins (2005), a análise de conteúdo é um procedimento convencional para a análise dos dados qualitativos, a partir do qual o texto é transformado sistematicamente em variáveis numéricas para a análise quantitativa dos dados.

Assim, fica possível ao pesquisador ir além das aparências expostas no conteúdo, procurando compreender, nas entrelinhas do texto, os sentidos da comunicação. Três são as etapas desencadeadas por essa técnica de pesquisa: a) a pré-análise, que corresponde a fase de sistematização e organização dos dados colhidos inicialmente; b) a exploração do material, momento de análise do material coletado; e c) o tratamento dos resultados, articulação entre os objetivos da pesquisa, o referencial teórico e os dados empíricos.

Vale salientar que, de acordo com Gomes (2008, p.88), “nem toda análise de conteúdo segue uma mesma trajetória”. Para ele, o percurso a ser percorrido durante a pesquisa vai depender dos objetivos que se quer alcançar, da perspectiva teórica adotada e da qualidade do material disponível.

Segundo Laville e Dionne (1999), a análise de conteúdo é um método flexível, mas que precisa seguir algumas etapas bem determinadas para que, assim, conclusões significativas possam surgir. Eles mostram que a forma como o recorte dos conteúdos será delineado e escolhido é determinante para a qualidade da

análise do conteúdo e, conseqüentemente, da conclusão da pesquisa, implicando dizer que o delineamento dos conteúdos é a primeira tarefa do pesquisador.

Nesse sentido, foi necessário elencar as categorias, através do conceito-chave (aprendência) e, em seguida, as rubricas teóricas foram agrupadas a partir de preceitos sociológicos e léxicos, levando às conexões das ideias centrais com todo o processo educativo, de forma crítica e reflexiva. A TAC, especificamente a vertente sociológica da teoria da sociedade de Habermas, teve sua relevância para a escolha de todo esse procedimento, fazendo relações com os conteúdos recortados, no intuito de nos subsidiarmos com aportes teóricos suficientemente fundamentais para a compreensão do fenômeno da aprendizagem a partir da inserção das tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem.

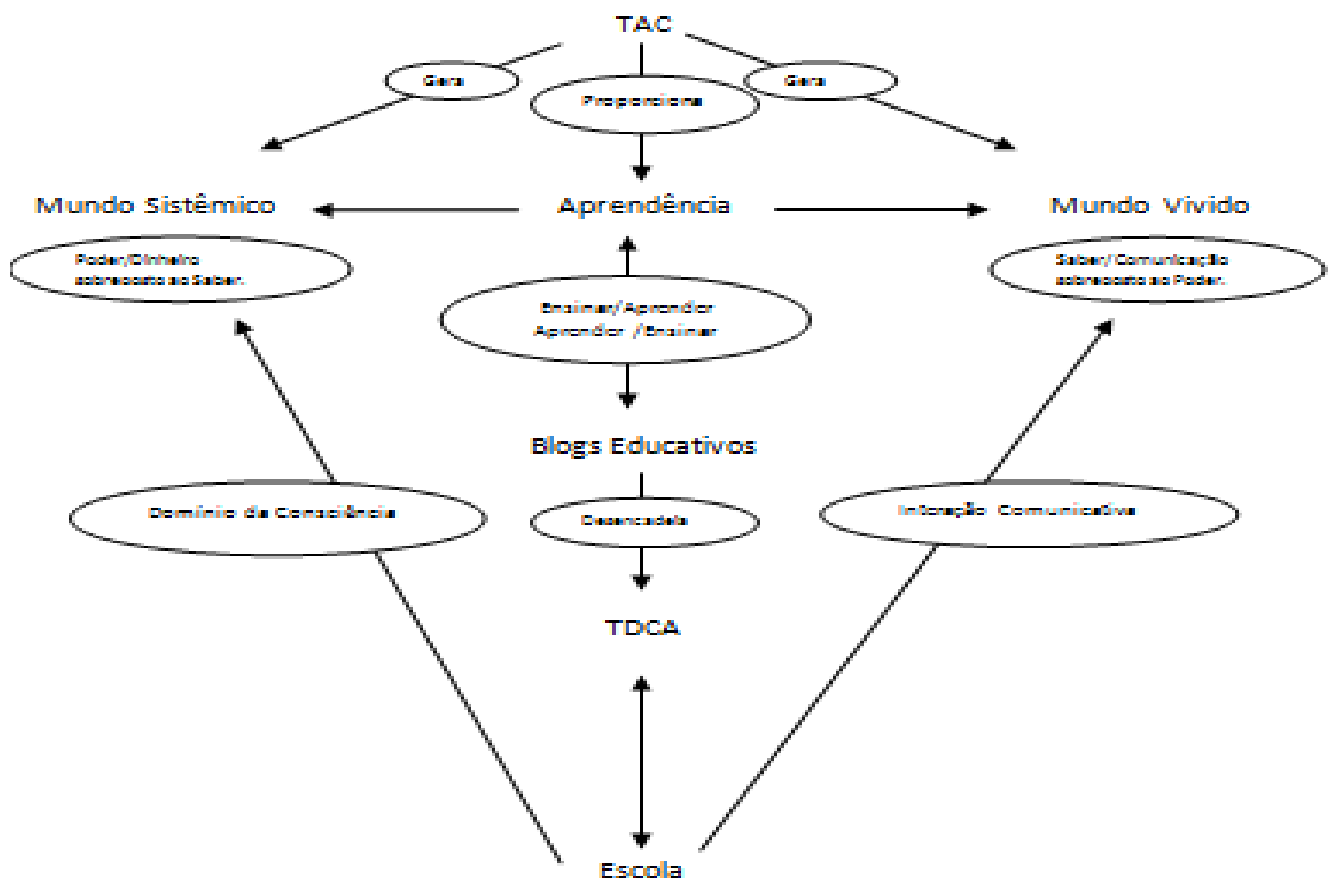
Para Laville e Dionne (1999), três são os modelos de definição das categorias analíticas: Modelo aberto; Modelo fechado e Modelo Misto. No modelo aberto as categorias são fixas no início, e com o tempo vão tomando forma de acordo com o desenvolvimento da análise. No modelo fechado o pesquisador definirá quais as categorias, dentro de um ponto de vista teórico, que frequentemente será submetido à prova da realidade. Já no modelo misto as categorias são escolhidas no início do processo, o que não impede que o pesquisador modifique-as em virtude do que a análise apontará, e é por isso que a escolha de um bom conjunto de categorias deve ser pertinente quanto possíveis e, ao mesmo, tempo precisas.

Assim, optamos na pesquisa pelo modelo misto, uma vez que precisamos determinar desde o início da pesquisa as categorias a serem abordadas no decorrer de todo o trabalho e, ao mesmo tempo, por nos guiarmos na pesquisa qualitativa como plataforma de interpretação dos dados, que parte da observação das ações e experiências dos sujeitos dentro do ambiente social e histórico em que os acontecimentos são gerados, e assim apresenta-se flexível, uma vez que o pesquisador não se limita à verificação de elementos já estabelecidos no início do processo. Nesse caso, todos os elementos que se mostram significativos no desencadear da pesquisa são levados em consideração, mesmo que seja necessário expandir o campo das categorias.

A partir desse momento, partimos para a escolha das categorias que auxiliaram a investigação e delimitaram os conceitos-chave da pesquisa. Como foi exposto anteriormente, tais categorias não são imutáveis e finalistas, uma vez que o

modelo aberto possibilitou, no decorrer do processo, que outras categorias avaliadas como oportunas para a pesquisa puderam ser aglutinadas às demais. Dessa forma, segue abaixo o recorte de categorias.

Figura 1: Mapa conceitual (categorias) da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2013)

Para Habermas (2001), as duas plataformas sobre as quais a sociedade assenta-se como tal, mundo vivido (valorização da cultura, personalidade e sociedade) e mundo sistêmico (valorização do poder e do dinheiro), complementam-se. Para o autor, o principal ingrediente que media a relação entre os mundos é a linguagem através do processo de comunicação ou da busca pelo entendimento mútuo. O ideário habermasiano defende o equilíbrio entre as duas plataformas para que a sociedade tenha, de fato, ajustado sua própria natureza, ou seja, não pode haver desproporções de interesses finalistas que inibam, coajam ou violem um mundo sobre o outro. No entanto, pela dinâmica de um desenvolvimento econômico, industrial e modernicista cada vez mais acirrado, o mundo sistêmico tende a

colonizar e dominar as expressividades naturais e potenciais do mundo vivido, conforme discutimos mais apropriadamente nos próximos capítulos.

3 A TEORIA DA SOCIEDADE DE JÜRGEN HABERMAS: a justaposição entre mundo vivido e mundo sistêmico

Jürgen Habermas é considerado um dos filósofos contemporâneos mais importantes do século XX. Ele é um dos últimos representantes da Escola de Frankfurt, sendo, nos anos 60, um dos principais críticos do movimento estudantil e político mundial. As suas obras coadunam muitas áreas do conhecimento, a exemplo da Filosofia, Sociologia, Direito, Ciência Política, Comunicação etc., sempre na perspectiva de uma visão de mudança de paradigma. Habermas ficou conhecido por desenvolver uma teoria crítica da sociedade, unindo a reflexão filosófica com a sociológica.

Sua principal teoria, desenvolvida no contexto do aporte teórico-crítico e social, é denominada “Teoria da Ação Comunicativa (TAC)”, considerada como a teoria da sociedade moderna, na qual é destacado o sistema produtivo da sociedade, dentro de uma visão analítica e epistêmica, baseada em métodos da sociologia, filosofia social e da filosofia da linguagem. O legado teórico de Habermas na TAC fundamenta-se na busca de uma sociologia centrada na relação e interação dos sujeitos envolvidos no contexto, na qual a ação política e a racionalidade se compõem de elementos estruturados para a formação/fortalecimento de uma emancipação social da esfera pública com o propósito dos sujeitos envolvidos chegarem a um consenso. Não deixa de haver uma concepção dialógico-social da racionalidade desenvolvida por meio da comunicação, e a linguagem assume um papel de grande destaque na busca pelo ideário emancipatório, uma vez que, para Habermas, a comunicação deve ser clara, efetiva e eminentemente intersubjetiva e social.

Segundo Habermas (2001, p.171):

[...] La acción comunicativa se basa un proceso cooperativo de interpretación em que los participantes se refieren simultáneamente a algo em el mundo objetivo, em el mundo social y em el mundo subjetivo aun cuando em su manifestación sólo subrayen temáticamente uno de estos tres componentes.

Dentro da concepção de modernização, as sociedades industriais começaram a privilegiar a razão instrumental, a qual é caracterizada por uma racionalidade de meios finalistas e interesses monopolistas da economia ou do capital, em que o indivíduo usa todo o conhecimento adquirido para a exploração e poder, com único

fim de dominação dos sujeitos, afastando-se do caráter democrático e emancipatório. Em contraposição a essa concepção, Habermas procura “fôlego” para vislumbrar outra forma de racionalidade que supere a racionalidade instrumental, voltando-se ao conceito mais amplo de razão e, conseqüentemente, construindo o ideário da “razão comunicativa”, uma esfera que prima pela interação entre atores sociais dotados de valor, vez e voz, valorizando suas experiências pessoais, a intersubjetividade e a dialética linguística.

A racionalidade comunicativa, na concepção habermasiana, propõe desenvolver o pensamento reflexivo e, ao mesmo tempo, crítico sob a responsabilidade de todos que fazem parte do processo social, de forma que as ações sejam muito bem pensadas e possam alcançar tanto o plano social quanto o político, desde que tenham como objetivo a promoção de interesses coletivos e a identidade cultural dos sujeitos. Nesse cenário, podemos dizer que a cultura, a linguagem e a comunicação são eixos imprescindíveis e determinantes para que os sujeitos sociais possam usufruir mais da naturalidade, legitimidade e potencialidade de sua cultura, personalidade e sociedade ou, em outros termos do que o autor chamou de mundo vivido.

No contexto do mundo vivido, a racionalidade “aberta” e livre de coações é mediada pela comunicação, mais precisamente pela linguagem, que é considerada o arcabouço da ação comunicativa. Assim, sujeitos preparados para coordenar ações comunicativas fortalecem o mundo vivido que, por sua vez, é o alicerce para a construção/formação racional de sujeitos subsidiados pelo conhecimento que liberta, pela educação que favorece e pela aprendizagem que reflete tudo isso. Caracterizado como objetivo, subjetivo e social ao mesmo tempo, o mundo vivido é o palco natural da vida, existe sem que os sujeitos ergam suas “paredes”, é pré-teórico, ou seja, não necessita de esforços para subsidiar suas bases, haja vista que se assenta nos arcabouços culturais da vida, do espírito e das relações sociais em rede de convívio. Assim, percebemos que a ação comunicativa, que é a base expressiva que fortalece o mundo vivido, efetiva-se através da linguagem, uma vez que é por meio desta que os sujeitos se relacionam e canalizam o entendimento mútuo sobre as coisas, permitindo o entrecruzamento de valores, elaboração de normas, a discussão de ideias e saberes adquiridos ao longo da vida, diminuindo os conflitos humanos com

base em discussões racionais. Além do mais, a linguagem tem um aspecto universal, o que possibilita a quebra das barreiras da comunicação entre os povos.

Dessa forma, pressupomos que a incorporação dos *blogs* educativos na prática docente pode fortalecer o mundo vivido escolar, já que através dos *blogs* os aprendentes (alunos e professores) têm a oportunidade de interagir de forma mais intensiva, interativo-dialógica e significativa sobre o conhecimento que legitima sua própria formação. Assim, sendo a escola uma esfera pública do conhecimento, e sendo tal conhecimento um construto curricular legitimado pelo Estado e, conseqüentemente, pelo poder cuja autoridade homologa as “verdades” sobre o que deve ser ensinado e o que deve ser aprendido, tal conhecimento e, conseqüentemente, a própria formação humana não estão livres de manobras ideológicas que podem mascarar domínios diversos como se fosse aparente libertação. Isso significa dizer que embora a escola seja o *lócus* de apreensão de sentidos crítico-reflexivos por excelência, nem mesmo sua condição de “casa do saber” está livre de máculas advindas da racionalidade instrumental e, portanto, de “sombras” que aterrorizam, sufocam, estrangulam e arrefecem o mundo vivido.

No arcabouço do mundo vivido racionalizado e fortalecido, a linguagem prima pela relação e interação mútua entre os sujeitos, tornando-os universalmente competentes para o agir comunicativo, o que faz com que a linguagem seja posta como o centro do processo de constituição do conhecimento, procurando sempre o entendimento e, em consequência disso, há uma discussão epistemológica, sobre os princípios do conhecimento e da verdade na realidade. A linguagem, assim, é o *médium* da ação do homem. Habermas (2001) coloca que a linguagem e, conseqüentemente, a comunicação, é vista como uma fonte mediadora pela qual pode haver interações necessárias para se efetivar tais procedimentos, garantindo a imparcialidade na formação de valores e chegando a reconstruir uma teoria do direito.

Nessa perspectiva, Habermas (2001) acredita na virada pragmática, ou seja, na mudança paradigmática da filosofia da consciência (relações causa-efeito/sujeito-objeto) para a filosofia da linguagem (ação comunicativa), pautada pelo consenso, pela argumentação e pelas relações interpessoais, resultando em outra dimensão de racionalidade: a comunicativa. Mesmo diante de tudo isso, ou seja, mesmo sendo a linguagem o *médium* articulador e ricamente simbólico, as relações materiais não

ficam excluídas do mundo vivido. É por isso que a teoria da ação comunicativa é o ponto principal do pensamento de Habermas, uma vez que trabalha com a reconstrução do pensamento moderno, cuja plataforma que constitui a sociedade admite duas grandes colunas: o mundo vivido e o mundo sistêmico.

3.1 OS ARCABOUÇOS SIMBÓLICOS DO MUNDO VIVIDO

Segundo Pizzi (2006), o termo “mundo vivido” ou “mundo da vida” foi incorporado pela primeira vez pelo filósofo Edmund Husserl, com o intuito de fazer um paralelo entre mundo da vida e o pensamento cientificista, pois este acreditava que a única maneira possível de conhecimento dava-se a partir da metodologia das ciências da natureza.

No esforço pela constituição da TAC, Habermas (2001) faz uma busca da teoria de Husserl de forma crítica. Para o pensamento habermasiano, o “mundo vivido” nada mais é do que o lugar no qual há um entrecruzamento das certezas culturais, das estruturas da personalidade e da instituição ordenada, ou seja, o mundo da interação, das relações sociais espontâneas, das verdades e dos vínculos sólidos perfaz três processos que chegam a constituir a reprodução cultural, a integração social e a socialização, sendo o palco da ação comunicativa. É no mundo vivido, pois, que surgem formas de interação livres e aprendizagens coletivas que confirmam o processo de evolução social. Nessa perspectiva, as ações dos sujeitos tornam-se o alicerce dos entendimentos que se fazem presentes na sociedade.

Dessa forma, Habermas (2001, p.179) afirma que:

[...] El mundo de la vida es, por así decirlo, el lugar transcendental em que hablante y oyente se salen al encuentro; em que pueden plantearse recíprocamente la pretensión de que sus emisiones concuerdan con el mundo (com el mundo objetivo, com el mundo subjetivo y com el mundo social); y em que pueden criticar y exhibir los fundamentos de esas pretensiones de validez, resolver sus disentimientos y llegar a un acuerdo.

É nesse espaço do mundo vivido que pode se (re) constituir experiências valorativas da humanidade como, por exemplo, a solidariedade, partindo da premissa que, com autonomia e competência, os sujeitos possam discorrer acerca da formação e da democracia, redefinindo ou confirmando as regras sociais. Essa construção leva a uma formação de um sujeito pensante, que sabe agir quando

necessário, fazendo uso da comunicação, prezando sempre pela busca do entendimento mútuo. Nessa perspectiva, há um questionamento e enfrentamento dos ditames acerca do mundo técnico-instrumental (mundo sistêmico), que também pode estar presente no contexto escolar, arrefecendo as qualidades e potencialidades do mundo vivido.

No mundo vivido, os sujeitos envolvidos vivenciam sua realidade social e percebem-se como atores ativos desse processo, compartilhando das experiências, das tradições, das línguas e das culturas de todos que estão envolvidos no contexto. Seguindo o pensamento de Habermas (1982, p.12), “o mundo da vida é resultado da contextualização da comunicação na qual acontece a prática comunicativa diária, transmitidos culturalmente”.

Para Habermas (2001), é a partir do mundo vivido que encontramos a saída para a razão “encurtada” e, conseqüentemente, para a moral, uma vez que é por meio das discussões e problematizações que os sujeitos podem se “descolonizar” de sistemas imperativos que buscam sua própria ordem, ou seja, que não sem comprometem com os interesses coletivos ou com a emancipação humana.

Hoje em dia, com o sistema educacional vigente, percebemos que o sistema tenta colonizar o mundo vivido escolar. Processos educativos que, por exemplo, são instituídos a partir do individualismo, da competitividade, em currículos fechados, na não valorização do lugar de fala do sujeito e seu contexto, em métodos de ensino, muitas vezes, centrados em pedagogias tradicionais, na memorização, na repetição, na verbalização, na reprodução de conteúdos desvinculados da socialização, discussão, crítica e reconstrução do conhecimento ao invés do simples consumo de informações.

As formas de colonização da escola e, conseqüentemente, da formação do sujeito social são várias, muitas vezes silenciosas ou ocultas em propostas aparentemente pertinentes. Visualizar arestas e buscar formas de superação é a condição para que processos educativos possam ser manifestos de forma crítica, desencadeados por princípios didático-pedagógicos da aprendizagem reflexiva a partir, por exemplo, de debates, reflexão dos conteúdos contemplados, currículos flexíveis, levando em consideração a experiência dos aprendentes e o seu contexto, a intersubjetividade dos sujeitos envolvidos no processo, a pesquisa ao invés somente do ensino, ou seja, a (re)construção do conhecimento, metodologias

inovadoras e atualizadas com o contexto de mundo, a exemplo da utilização da tecnologia como dimensão didático-pedagógica, o que vem a fortalecer o mundo vivido escolar porque incita ações comunicativas que se estruturam através da formação escolar, podendo ganhar dimensões sociais sem precedentes, da família à comunidade em que o sujeito educativo está inserido.

Para Habermas (2001), o mundo vivido é fruto da relação entre a cultura, a sociedade e a personalidade, que são os mecanismos universais de legitimidade e abrangência, cuja autonomia, naturalidade e expressividade consideram três preceitos: a justiça, a solidariedade e o bem comum. Com isso, a responsabilidade das consequências é compartilhada pelos membros da comunidade, uma vez que todos os sujeitos envolvidos são incumbidos de participar ativamente da vivência e da realidade em que estão inseridos, acabando com as limitações existentes nas relações interpessoais determinadas pelos superiores e melhorando o conhecimento para a formação cidadã. Como enfatiza Habermas (2001, p.191): “[...] Los elementos del mundo de la vida que han dejado de responder como recursos tienen por fuerza que ser identificados entonces como hechos culturales que restringen el espacio con que la acción cuenta”.

Ratificando o pensamento habermasiano, Freitag (1993, p. 65) diz que “[...] mundo vivido constitui o espaço social em que a ação comunicativa permite a realização da razão comunicativa, colocada no diálogo e na forma do melhor argumento”. É por essa razão que a escola deve estar atenta para os novos espaços de saber que surgem com o advento da revolução da informação, pois a Geração Y condiz com o tempo da conectividade sendo tal geração os sujeitos das próprias conexões, que não diferenciam *online* de *offline*, que aprende tanto quanto navega, que estuda ao mesmo tempo em que escuta *e-music* pelo computador, o que implica dizer que a escola e os processos educativos não podem se imiscuir da realidade da sociedade em rede.

Assim, a educação, como o principal e amplo processo formador de cidadãos críticos, tem que se ajustar às transformações motivadas pela sociedade em rede, inclusive as redes sociais, uma vez que são espaços democráticos de grande repercussão, como também do dinamismo das relações sociais estabelecidas nesse cenário.

Sendo assim, ao atuar comunicativamente no mundo vivido, os sujeitos sociais são envolvidos no processo se entendem nesse espaço, uma vez que há a interação entre os sujeitos, pautada pelo diálogo.

Ao atuar comunicativamente no mundo vivido, ocorrem os processos de entendimento entre os sujeitos que articulam as operações interpretativas, pois é nesse espaço que os membros de uma comunidade de comunicação podem compartilhar - por meio do diálogo - suas experiências individuais subjetivas com as experiências coletivas. (HABERMAS, 1987; p. 104).

De acordo com Habermas (2001), a linguagem e a cultura são elementos constitutivos do mundo vivido, posto que a capacidade semântica da linguagem tem sua complexidade envolta pelos elementos culturais que a cercam, carregados de interpretações, expressões e definições próprias. Dessa forma, podemos dizer que é no advento simbólico da linguagem e da cultura que é constituído o mundo vivido, plano expressivo de uma realidade natural em que a ação comunicativa torna possível a existência da riqueza de uma forma de razão que não se curva à condição de conformismo ou à linguagem da violência, posto que se pauta no diálogo e na força do argumento em interação, desprendidos de coação.

Habermas (2001) enfatiza, pois, que o conceito de mundo vivido está intrinsecamente relacionado com o conceito de agir comunicativo, na medida em que a ação linguística só acontece/manifesta-se no mundo considerado vital. Ele ainda vai mais além ao afirmar que as relações comunicativas desencadeadas entre sujeitos regem o mundo vivido e, por isso, os três elementos citados anteriormente (a personalidade, a sociedade e a cultura) são de extrema importância nesse panorama.

No entanto, quando o mundo vivido é enfraquecido em suas bases significa dizer que: a) a personalidade entra em colapso moral e identitário; b) a cultura degenera-se em suas próprias características naturais, artificiando-se não por causa da singularidade e da diversidade, mas em virtude de direcionamentos programados que tornam a cultura um produto de mercado tão comum quanto qualquer outro produto na prateleira de um supermercado, por exemplo; e c) a sociedade entra em crise porque normas sociais válidas são desordenadas não pela reflexão coletiva, no sentido de suas redefinições legítimas, mas pela condução das perplexidades que se banalizam socialmente como se fossem situações normais. Não é à toa, por

exemplo, que a violência chegou à escola com uma força tão grande que professores e alunos tornam-se réus e vítimas ao mesmo tempo, sem falar em muitas outras desordens que afligem a sociedade (como a miséria, a fome, o analfabetismo etc.) que Habermas denomina de patologias sociais. Quando o terreno do mundo vivido se desestrutura é porque as estratégias de invasão de outra plataforma social, o mundo sistêmico, ganharam força e estão agindo em proveito próprio. O mundo vivido invadido, torna-se colonizado e se arrefece, enfraquecendo seus pilares e dificultando o desenvolvimento de ações comunicativas e, conseqüentemente, da emancipação humana. O mundo sistêmico possui avatares que investem constantemente e através de várias frentes para tirar proveito próprio, chegando na educação e na escola de forma silenciosa e nefasta.

3.2 AVATARES CONSTITUINTES DO MUNDO SISTÊMICO

De forma geral, podemos dizer que um sistema se constitui como um conjunto de pontos, unidades ou elementos que se relacionam em função de sua própria dinâmica. Habermas (2001) acredita que os sistemas são esferas de ações que têm finalidades pré-determinadas, usando meios próprios e finalistas, como o poder e o dinheiro, que se apresentam como sua própria linguagem, independentemente de entendimento mútuo, de consenso ou de emancipação.

Numa visão habermasiana, na perspectiva dos sistemas, a sociedade é compreendida como um sistema social, no qual os indivíduos fazem parte da comunidade social e a cultura é o elo entre os saberes práticos e teóricos, não podendo deixar de lado a sua interconexão como fator funcional e/ou material. O sistema é estruturado, pois, através de sua própria lógica e seu próprio ordenamento, mantido e desenvolvido com suas características próprias, influenciando ou se tornando micro/macro sistemas de controle social, como a família, o Estado, a economia e o direito.

[...] Medios como el dinero y el poder arrancan de vinculaciones motivadas empíricamente, mientras que las formas generalizadas de comunicación como son, por ejemplo, la reputación profesional o el <<compromiso valorativo>>, es decir, el liderazgo práctico-moral, se basan en determinadas clases de confianza de motivación básicamente racional. (HABERMAS, 2001, p.258)

Para Habermas (2001), embora o mundo sistêmico é uma consequência do mundo vivido, aquele leva este à sua diminuição por meio de mecanismos de controle social. Nessa concepção, o mundo dos sistemas considera a linguagem como algo secundário, evidenciando a razão instrumental. Com isso, o mundo sistêmico, regido pela razão instrumental, não mantém outro compromisso a não ser com seus próprios imperativos que alimentam e são alimentados por ele mesmo: o dinheiro e o poder.

Em outras palavras, o mundo sistêmico é caracterizado por coordenação orientada aos fins da econômica e da política, hipervalorizando imperativos adversos à discussão/linguagem, levando as formas de produção do capitalismo mecânico e instrumental a ditar as regras da sociedade, da cultura e da personalidade.

Seguindo essa concepção, a educação, como esfera regida pelo sistema educacional e pelo Estado, compromete seus horizontes emancipatórios quando não consegue reapropriar práticas e processos educativos além das manobras do que interessa ao mundo sistêmico. O declínio dos ideais tem origem na ausência de uma fundamentação racional coerente, e de uma compreensão das possibilidades e limitações da própria racionalidade humana.

Assim, podemos dizer que o mundo sistêmico é decorrente do mundo vivido, e ao mesmo tempo em que se opõe a este também mantém dependência parasitária, já que investe no esgotamento de formas autônomas do pensamento que possam dificultar os seus mecanismos de controle social. Ademais, os mecanismos de controle usados no mundo sistêmico, como dinheiro e poder, vão substituindo a potencialidade comunicativa existente no mundo vivido, desestruturando o entendimento mútuo. À medida que vão aumentando a sua complexidade e se autoreproduzindo, dinheiro e poder possibilitam o ato de regulação do sistema político. O dinheiro fica sendo o principal vetor de permuta, na qual os valores de uso se transformam em valores de troca. As necessidades da sociedade vão ficando de lado em detrimento da proteção sistêmica.

Nesse caso, a educação, que é considerada sinônimo de emancipação social, passa a ser orientada pelo domínio da administração, nos moldes econômicos e políticos, valorizando os interesses individuais sobre os coletivos, tornando-se elitista, voltada predominantemente para a produtividade econômica e a eficiência do Estado.

Habermas (2001, p. 215) diz que:

[...] La evolución sistémica se mide por el aumento de la capacidad de control (Steuerungskapazität) de una sociedad, mientras que la separación de cultura, sociedad y personalidad constituye un indicador del estado evolutivo de un mundo de la vida cuya estructura es una estructura simbólica.

O pensamento habermasiano (2001) sustenta que, à medida que o mundo sistêmico torna-se independente do mundo vivido, fica mais complexo e começa a se sobressair ao mundo vivido. Acredita que nas sociedades modernas há uma dissociação entre mundo vivido e mundo sistêmico, na qual diferentes formas dinâmicas são assumidas, uma vez que o sistema tem um poder maior sobre o mundo da vida, impondo um controle nas famílias e nos cidadãos por parte do Estado.

Em oposição ao mundo sistêmico, o pensamento habermasiano postula que a escola deve ser um lugar em que as ações estabelecidas por meio da comunicação prevaleçam. Assim, a legitimidade do agir pedagógico consolida-se no agir comunicativo em que a ação pedagógica deve ser desburocratizada e os currículos minimamente regulamentados pelos órgãos superiores do Estado; e consequentemente a interferência sistêmica deve ser reduzida.

A democratização da escola deve ser ponto imprescindível nessa nova estrutura, na qual as interferências sistêmicas sejam evitadas e os sujeitos aprendentes possam ter poder de decisão, com autonomia, no que diz respeito ao processo de formação.

Habermas (2001) chega a afirmar que as interferências do mundo sistêmico sobre o mundo vivido se fazem também por meio da racionalização das leis e do direito. Tal esfera sistêmica conduz o processo de regulação social sobre o mundo vivido, mediante a burocratização das relações de trabalho com o Estado e de sua organização.

Para Habermas (2001), mundo vivido e mundo sistêmico devem estar sempre em equilíbrio, pois um depende do outro e sociedade estrutura-se a partir dessas duas bases. As relações que os sujeitos desencadeiam com essas duas esferas sociais devem ser pautadas pelo diálogo, pois ao mesmo tempo em que se relaciona com o mundo da vida também se relaciona com a ideologia do mundo sistêmico.

Dentro desta relação dialética são desencadeadas características de um desgaste gradual entre os dois mundos, uma vez que as estruturas sistêmicas começam a (des)organizar o mundo vivido. Para Habermas, os sujeitos têm por finalidade emancipar-se ao falar da liberdade para discutir e transformar seu mundo social, havendo necessidade, pois, de desacoplar mundo sistêmico e mundo vivido, favorecendo o equilíbrio entre as duas plataformas de mundo.

3.3 DESACOPLAMENTO ENTRE MUNDO VIVIDO E MUNDO SISTÊMICO

Como já foi mencionado anteriormente, dois são os planos destacados por Habermas ao se tratar da esfera pública:

- a) o plano do mundo sistêmico, que luta para a manutenção e reprodução do sistema econômico-político em vigor, baseado em estruturas predeterminadas e estratégicas, a partir das quais não há lugar para a comunicação livre e interativa, na perspectiva do agir comunicativo, e sim para a dinâmica do capital e seus agentes não-linguísticos, isto é, o dinheiro, o status, o poder; e
- b) o plano do mundo vivido, que valoriza as ações de ordem comunicativa, diretamente relacionadas para a compreensão/entendimento/emancipação, perspectivas sócio-culturais e intelectivas a partir das quais a interação entre os sujeitos tem relevância e primazia, e a racionalidade aberta ou livre de amarras instrumentais é a base para sua existência.

Desse modo, nas sociedades complexas ou contemporâneas, a ideia de modernização como momento econômico assola a modernidade como movimento político-filosófico como a era da renovação, da liberdade, da igualdade e da fraternidade. O mundo sistêmico, a todo tempo e de várias maneiras, quer se sobressair perante o mundo vivido, na medida em que se dissolve em preceitos orientados pela prática e utilidade da administração e dos seus interesses econômicos, primando pelo individualismo. A todo esse conjunto de ações orientadas ao fim de interesse não coletivos ou da dominação do mundo vivido pelo mundo sistêmico Habermas chama de colonização, que são sutis e profundas penetrações no tecido social do mundo vivido, deixando lastros ora perceptíveis ora tão discretos que não se visualiza tão facilmente, seja em ações que vão, por

exemplo, da exclusão social, fome, Bolsa Família, turismo, desmatamento, industrialização, compra de votos, corrupção, marketing político à expansão da formação técnica e tecnológica de nível médio no Brasil.

No campo educacional, a colonização do mundo vivido pelo mundo sistêmico alcança proporções históricas, político-pedagógicas e administrativas profundas e severas. Guarda relação com o positivismo e tem resquícios do tecnicismo, fragmentando o conhecimento, enfraquecendo a reflexão crítica e favorecendo o contexto de processos educativos guiados pelo civismo ao Estado e, portanto, ao mundo sistêmico. A escola pauta-se, pois, em práticas pedagógicas que tendem a ser altamente subservientes à administração e às políticas educacionais, controladas e conduzidas por professores ou colonizados em sua dimensão docentes ou revoltados pelas condições ideológicas que conseguem avaliar como deficitárias à educação e, por isso, são muitas vezes rechaçados, discriminados, perseguidos e rejeitados. No contexto do ensino, atividades mecânicas ganham a cena, projetadas por propostas educacionais rígidas e passíveis de ser totalmente guiadas para fazer da formação uma “enformação”.

Assim, para Habermas, a saída seria aumentar a complexidade do mundo sistêmico no que tange às suas estratégias imperativas de ação (dinheiro e poder) e, ao mesmo tempo, racionalizar ou fortificar o mundo vivido e seus mecanismos universais (cultura, sociedade e personalidade). Por conseguinte, a perspectiva da evolução social depende do desacoplamento de um plano de mundo sobre o outro, o que significa dizer, em termos educacionais, que a escola precisa conquistar sua relativa independência como esfera pública da formação e do conhecimento, e os processos educativos necessitam revigorar-se por pedagogias mais abertas.

Entiendo la evolución social como um proceso de diferenciación de segundo orden: al aumentar la complejidad del uno y la racionalidad del otro, sistema y mundo de la vida no sólo se diferencian internamente como sistema y mundo de la vida, sino que también se diferencian simultáneamente el uno del otro. (HABERMAS, 2001, p. 216)

Habermas (2001) acreditava que a cultura, a personalidade e a sociedade, consideradas componentes estruturais do mundo vivido, quando transformados em sistemas de ação levam a uma melhor interação dos sujeitos envolvidos no processo. O mundo vivido quando consegue se desacoplar das sobreposições as quais é vítima pelo mundo do sistema leva a um mundo emancipado.

Quando há uma dissociação ou colonização entre essas duas esferas, prevalece uma conotação negativa, pois o médium linguístico do entendimento mútuo e a produção material dos bens ficam desconexos, o que leva a economia e o poder a galgarem e conseguirem espaços dentro de uma realidade naturalizada, com suas leis imutáveis.

Dessa forma, Habermas (2001) reconhece que, com o avanço da modernidade e sua fase limite (o mundo sistêmico transformou a modernidade em mera modernização econômico-social), várias patologias surgem para a sociedade, decorrentes das invasões às quais o mundo vivido é vitimado, às vezes mesmo tentando se desengatar do mundo dos sistemas. Colonizado em suas bases, Habermas diz que o mundo da vida tende a perder o potencial emancipatório do agir comunicativo, que começa a ser instrumentalizado a partir da dominação técnica e das estruturas do pensamento linear, que chega à escola através de um discurso prático que se autoreferencia e é homologado pelo poder como o valente, o suficiente, o apraz, o válido. Habermas assevera que as colonizações são investias que causam a desordem social, indo da violência na escola na Paraíba aos conflitos bélicos na Ásia e Oriente Médio, por exemplo.

As proporções traumáticas que as colonizações do mundo vivido podem trazer ao mundo subjetivo e psíquico do “eu” são profundas. No campo das emoções ou das subjetividades, surgem patologias que assolam a humanidade, a ponto da depressão, da síndrome do pânico, da síndrome de burnout, dentre outras, acometerem milhões de pessoas ao mesmo tempo, principalmente professores. As colonizações também fazem com que os sujeitos tenham suas vidas interligadas e dependentes das leis de mercado e, conseqüentemente, da burocratização do Estado, fazendo com que tais sujeitos sintam-se incapazes e podados diante das forças manifestas pelo poder estatal.

O processo de colonização do mundo vivido pode ser bem perceptível na estrutura curricular das escolas, que já vem estabelecida por órgãos superiores, muitas vezes não valorizando o contexto local/cultural em que as escolas estão inseridas nas comunidades, desconsiderando os sujeitos como construtores do seu próprio conhecimento, uma vez que o professor tem que dar conta de todo um aparato de conteúdos que, muitas vezes, está fora da realidade local, mas mesmo

assim deve ser seguido sem contestação, pois espaços não são abertos para discussão.

Habermas (2001) discorre que, à proporção em que o mundo sistêmico vai ganhando forças sobre o mundo vivido, as suas práticas e vontades começam a se impor, e a principal função da educação que é formar cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres, pautadas em práticas reflexivas, vai perdendo espaço para o cumprimento de leis e ditames estabelecidos pelo Estado. Nesse contexto, a razão comunicativa é desprivilegiada e arrefecida, e passando a ser regida pelos processos de funcionamento da “integração sistêmica”, através do dinheiro e o poder, tem suas potencialidades sufocadas. Dessa forma, a racionalidade instrumental penetra sorrateiramente no interior das instituições culturais, como a escola, nas formas de pensamento e ação, como a formação humana, com condutas de valores às quais princípios de verdade, de normas e de expressão vão dando espaço para os princípios de lucro e poder que são o alicerce do sistema econômico e político do mundo sistêmico.

[...] Em este plano analítico, es decir, en el plano del análisis sistêmico, el desacoplamiento de sistema y mundo de la vida se refleja como sigue: el mundo de la vida, que al principio es coextensivo con un sistema social poco diferenciado, se va viendo degradado progresivamente a un subsistema entre otros. En esse proceso los mecanismos sistémicos se desligan cada vez más de las estructuras sociales a través de las cuales, se cumple la integración social. (HABERMAS, 2001, p. 217)

Na perspectiva de Habermas (2001), a solução para a diminuição das patologias da modernidade, adquiridas a partir do acoplamento do mundo sistêmico sobre o mundo vivido, é tentar o desacoplamento ou descolonização, principalmente através da racionalização do mundo vivido. A escola e os processos educativos constituem, por exemplo, fatores que podem contribuir para isso porque reside na própria dialética do fenômeno educacional a possibilidade da reversão de toda e qualquer coerção pela reflexão da própria condição do sujeito como cidadão capaz de mudar a si e ao mundo. Com o desacoplamento entre mundo sistêmico e mundo vivido, a diferenciação e a autonomia de ambos os mundos é um ganho para essas duas esferas, já que a transparência, a flexibilidade e a dirigibilidade das formações societárias poderiam aumentar com a complexidade, ao passo que essas características são dotadas de autonomia.

Diante tudo isso, entendemos que o desacoplamento do mundo vivido é uma condição para a emancipação social, sendo a razão comunicativa a filosofia de ação responsável pela criação de espaços coletivos resistentes à preponderância da razão instrumental, principalmente na escola, locus da formação. A racionalidade comunicativa demanda formas de expressão do agir comunicativo em que todos possam, dentro de uma visão dialética, participar de forma interrelacional, pautados em processos argumentativos. Assim, o desacoplamento é imprescindível na manutenção da integridade e da complexidade de toda a sociedade, permitindo a liberdade do agir comunicativo em todas as instituições do mundo vivido, além de fortalecer a racionalidade comunicativa e, conseqüentemente, o mundo vivido.

3.4 RACIONALIZAÇÃO DO MUNDO VIVIDO: FRONTEIRAS DA APRENDÊNCIA

O conceito de “racionalização” foi cunhado pela primeira vez por Max Weber, ao tratar da sociedade capitalista moderna e seu desenvolvimento caracterizado pela ampla abertura de novas esferas sociais dependentes a partir dos discernimentos técnicos de decisão racional. Essa forma conceitual de racionalização, para Habermas (2001), tem sido o arcabouço das teorias administrativa e organizacional, uma vez que está diretamente associada às diversas maneiras do desencadear do trabalho industrial na sociedade moderna, que prima pelo progresso da ciência e da técnica.

En las sociedades estatalmente organizadas, el modo de legitimación se basa, pues, en una forma de entendimiento que limita sistemáticamente las posibilidades de comunicación por falta de diferenciación entre las distintas pretensiones de validez. (HABERMAS, 2001, p. 269)

O filósofo coaduna com a ideia de que o crescimento social está correlacionado com a racionalidade, e assim o conhecimento científico é resultado da interação entre os cidadãos. Dessa forma, a racionalidade dos sistemas econômicos (instrumental), que impõe valores, crenças e ações aos sujeitos, acarretando a perda da liberdade, por se tratar de uma coordenação imperiosa, opõe-se à racionalidade comunicativa que valoriza as relações e interações.

O apontamento de Habermas (2001) para a racionalidade sistêmica ou instrumental pressupõe que tal processo é desencadeado a partir da dinâmica do desenvolvimento político e da legalização aclamada dos ditames sistêmicos. Nesse

aspecto, isso obstaculiza que a educação e os processos educativos mais especificamente sejam sinônimos ou favoreçam a emancipação social ou os coletivos inteligentes, haja vista que a racionalidade sistêmico-instrumental é guiada pela utilidade e pela prática administrativa de interesses econômicos, elitistas e individuais, voltada predominantemente para a produtividade e para a manutenção da própria ordem ou dinâmica do desenvolvimento – discurso e ações de políticas econômicas modernizadoras.

A educação atual enfrenta grandes desafios no que diz respeito ao fracasso escolar, e na maioria dos casos o educador, considerado mediador do processo educativo, recebe toda a responsabilidade desse fracasso. O que não é verdade, pois o sistema educacional ainda sofre com os ditames de um Estado burocratizado, no qual as decisões são tomadas por uma pequena minoria sobre a maioria, muitas vezes sem valorizar as peculiaridades de cada comunidade. Vive-se ainda uma visão reducionista da imposição da razão pela racionalidade instrumental, com o intuito de diminuir tais mazelas.

Nessa perspectiva, Habermas (2001) reconhece a importância da relação entre o mundo vivido e o mundo sistêmico, mostrando que um não pode se sobrepor ao outro. Assim, a escola deve defender a democratização de suas estruturas de poder de decisão e evitar que as interferências sistêmicas neutralizem o papel dos indivíduos de decidirem de forma autônoma a direção do seu processo de condução dos processos educativos (professor) e da formação (alunos).

Dessa forma, a educação precisa de uma reflexão mais consistente para encontrar novamente o seu caminho, “castrado” pela racionalização instrumental, já que esse tipo de racionalidade cria barreiras no que diz respeito aos processos educativos (ensino-aprendizagem), seja no currículo ou no material didático que, no caso da escola pública, já vem determinado de órgãos superiores deliberativos, podendo o poder de escolha dos professores, já que tem que seguir roteiros pré-estabelecidos, fragmentando a prática educativa e a construção do conhecimento.

Por outro lado, Habermas (2001) é bem enfático ao tratar da racionalização comunicativa, desencadeando uma teoria voltada para os ideais de que há uma proposta universalista da razão a partir de uma importância moral-prática, possibilitando a superação dos limites impostos pela concepção reducionista da

racionalidade instrumental e que, por isso mesmo, desvela-se como poder emancipador.

Seguindo esses preceitos de emancipação do sujeito, a educação volta-se para a formação humana, cabendo-lhe formar o homem integral: cidadão, profissional, ético-moral, responsável por seus destinos e pelos destinos de sua sociedade.

Assim sendo, para Habermas (2001), ao tratar de racionalizar o mundo da vida, estamos especificamente lidando com o reconhecimento dos elementos que fazem parte do universo, como a cultura, a sociedade e a personalidade, que estão interligados, um complementando o outro nas suas especificidades e necessidades. Ao mesmo tempo em que estes elementos são tão distintos, também têm a capacidade, na sua essência, de organizar todas as estruturas da sociedade, reconstruindo racionalmente as interações linguísticas e objetivando interpretar a razão como agir comunicativo.

Llamo cultura al acervo de saber, em que los participantes em la comunicación se abastecen de interpretaciones para entenderse sobre algo em el mundo. Llamo sociedad a las ordenaciones legítimas a través de las cuales los participantes em la interacción regulan sus pertencias a grupos sociales, asegurando com ello la solidaridad. Y por personalidad entiendo las competencias que convierten a un sujeto em capaz de lenguaje y de acción, esto es, que lo capacitan para tomar parte em procesos de entendimiento y para afirmar en ellos su própria identidad. (HABERMAS, 2001, p. 196)

A partir da percepção de Habermas (2001), podemos dizer que na educação predomina tanto as estruturas sistêmicas quanto os elementos que constituem o mundo vivido. Uma não substitui a outra, mas, ao contrário, complementam-se, e a educação serve como elo entre a racionalidade instrumental e a racionalidade comunicativa porque residem em sua essência o discurso prático, o discurso teórico e o discurso emancipatório que devem ser alinhados. Assim, a escola é um espaço público privilegiado pela socialização do conhecimento, servindo de “divulgadora” do saber para os diversos outros setores da sociedade.

Quando os pais querem educar os seus filhos, quando as gerações que vivem hoje querem se apropriar do saber transmitido pelas gerações passadas, quando os indivíduos e os grupos querem cooperar entre si, isto é, viver pacificamente com o mínimo de emprego de força, são obrigados a agir comunicativamente. Existem funções sociais elementares que, para serem preenchidas, implicam necessariamente o agir comunicativo. Em nossos mundos da vida, compartilhados intersubjetivamente e que se sobrepõem uns aos outros, está instalado um amplo pano de fundo consensual, sem o qual a prática cotidiana não poderia funcionar de forma nenhuma. (HABERMAS, 1993, pág.105).

Dessa forma, podemos dizer que, para Habermas (2001), a educação é o melhor caminho para o fortalecimento dos ideais reflexivos acerca da razão na contemporaneidade, como também o caminho para processos educativos (ensino-aprendizagem) que consigam ir além dos domínios da racionalidade instrumental e, conseqüentemente, das máculas do mundo sistêmico. Assim, a educação supera a si mesma como subsistema político-estatal quando possibilita formação para a libertação e para a emancipação. Espaços de ensino inovadores, como o ciberespaço, são convidativos e aventam-se como as possibilidades com que a aprendizagem, ou seja, o processo de ensinar-aprendendo e aprender-ensinando através das conexões da sociedade em rede, dimensiona-se como elo difusor de complexidades educativas, podendo favorecer à educação limiares de racionalização do mundo vivido escolar, conforme discutiremos no capítulo a seguir.

4 APRENDÊNCIA E ESFERA PÚBLICA: mudança estrutural na educação?

Na atual conjuntura social vigente, sentimos a necessidade de entender melhor as novas gerações que cresceram em um mundo de mudanças constantes, em que as informações se dão de forma muito rápida e simultaneamente com os acontecimentos. Uma geração preocupada com os relacionamentos virtuais, com a conexão e a integração com as pessoas, mas que também é mais individualista. A educação, por sua vez, não pode ficar alheia à nova ordem mundial, significando dizer que a inserção das Tecnologias Digitais de Comunicação e Aprendizagem (TDCA) fazem parte desse mesmo contexto com que a escola, a juventude, o mundo sistêmico e o mundo vivido estão online, em rede de expansão, compartilhamento e cooperação.

De acordo com Piaget (1984), a educação tem como principal objetivo formar sujeitos aptos a desenvolver, criar e descobrir coisas novas e não meramente reproduzir o que já foi realizado em outros tempos e por outras gerações, produzindo, assim, mentes capazes de criticar, verificar e não apenas aceitar o que os outros a impõe. É seguindo tais horizontes que o docente precisa, como aprendente que professa o saber, incorporar novas formas de ensino-aprendizagem na prática educativa, despertando o interesse dos alunos para o aprimoramento de práticas voltadas para o contexto em que estão inseridos, no âmbito da revolução da informação que estamos vivenciando.

A inserção das TDCA como aparato colaborador no processo educativo traz muitas discussões para o pensamento educacional, uma vez que não são conceituadas como boas e/ou ruins, já que seu resultado junto à educação vai depender de todo um planejamento dentro de um contexto.

A tecnologia não é boa nem má, dependendo das situações, usos e pontos de vista, e tampouco neutra, já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades. (LÉVY, 1999, p. 26)

A nomenclatura TIC (tecnologia de informação e comunicação), envolve em sua essência a aquisição, o armazenamento, o processamento e a disseminação da informação através de meios digitais e eletrônicos, como rádio, televisão, material impresso, entre outros. O seu resultado deu-se pela fusão das tecnologias de

informação (informática) e as tecnologias de comunicação (mídias eletrônicas e telecomunicações).

Tecnologias são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. A forma como os organizamos em grupos, em salas, em outros espaços isso também é tecnologia. O giz que escreve na lousa é tecnologia de comunicação e uma boa organização da escrita facilita e muito a aprendizagem. A forma de olhar, de gesticular, de falar com os outros isso também é tecnologia. O livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente. O gravador, o retroprojetor, a televisão, o vídeo também são tecnologias importantes e também muito mal utilizadas, em geral. (MORAN, 2002, p. 03)

Essas tecnologias, por si só, não revolucionam os processos educativos, mas seu uso pode ser inovador para a didática docente e, em consequência, para a aprendizagem. A tecnologia na educação dá suporte ao professor e não pode substituí-lo. Processos de ensino/aprendizagem de boa qualidade são resultados de um conjunto de fatores interligados, existentes e dependentes (conteúdo, metodologia, objetivos e conhecimentos), os quais devem ser bem gerenciados. A evolução da educação depende diretamente dos sujeitos do processo e não apenas dos recursos tecnológicos utilizados. Assim, cabe ao professor mediar o conhecimento com a utilização e interação de tais recursos.

A incorporação das tecnologias de informação e comunicação – TIC - na escola contribui para expandir o acesso à informação atualizada e, principalmente, para promover a criação de comunidades colaborativas de aprendizagem que privilegiam a construção do conhecimento, a comunicação, a formação continuada, as gestões administrativa, pedagógica e de informações. (ALMEIDA, 2002, p. 41)

Tendo em vista que o acesso à internet ainda não atinge a todos, principalmente quando falamos dos alunos das escolas públicas, há que se empregar, nas ações de hoje, as tecnologias que estão disponíveis ao nosso redor e, para isso, é necessário certo domínio no que tange ao uso de tais recursos e dos procedimentos metodológicos, no contexto de propostas pedagógicas condizentes com a realidade do aluno e suas expectativas. Muitas das escolas ainda sofrem com o isolamento das cidades ou dos grandes centros, além de terem dificuldades de acesso e domínio tecnológico, apesar de estarmos vivenciando a revolução da informação. Grande parte das escolas apresenta laboratório de informática, mas

muitas vezes não há acesso à rede, ou seja, laboratórios terminam ficando improdutivos para a escola.

A integração das tecnologias como TV, vídeos, computadores e internet ao processo educacional, pode promover mudanças bastante significativas na organização e no cotidiano da escola e na maneira como o ensino e a aprendizagem se processam, se considerarmos os diversos recursos que estas tecnologias nos oferecem [...].(PRATA, 2002, p. 77).

As TDCA, quando utilizadas de forma coerente, contextualizada e bem planejada pelo educador em sala de aula tornam-se recursos de grande relevância para o desenvolvimento do ensino/aprendizagem de qualidade.

Alguns autores destacam que o uso das tecnologias é uma fonte de incentivo da leitura, estudo e lazer para os alunos, despertando o interesse para a aprendizagem significativa, fazendo com que a sala de aula se torne um ambiente mais prazeroso e, conseqüentemente, uma prática educativa mais produtiva.

Dessa forma, Almeida (2000, p.02) diz que:

O ambiente de aprendizagem deve propiciar ao aluno desenvolver e reconhecer a sua autonomia no processo de aprender, expressando sua autoria naquilo que aprende fazendo, estabelecendo novas relações, vivenciando conflitos e buscando a sistematização de conceitos.

Nessa perspectiva, é interessante que os educadores adotem o uso das tecnologias com planejamento, didática e metodologias adequadas, para que o ambiente escolar deixe de ser um lugar menos enfeitado, cansativo, desinteressante, e se torne um ambiente agradável, no qual a aprendizagem possa acontecer de forma significativa, não descaracterizando a função sócio-educativa que a escola deve desempenhar.

Segundo Assmann (1999, p.128), “aprendência é um processo de experiência de aprendizagem, no qual o sujeito está em processo dinâmico de aprender de forma ativa”.

É importante frisar que a interação entre professor e aluno, com a troca de experiências e conhecimentos, torna o processo de ensino mais dinâmico e interessante para todos que dele participam, na medida em que acreditem na percepção de que todos trazem consigo um saber e que deve ser repassado e valorizado para os demais partícipes do processo.

Diante desses preceitos, Oliveira (2001, p.32) afirma que:

Para cumprir esse papel o docente precisa, em primeiro lugar, assumir sua condição de sujeito e ter um olhar mais aprofundado, mais crítico, a partir de suas vivências e interações, das modificações que vêm ocorrendo no planeta por influência do grande desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, possibilitando, assim, a evolução de suas representações mentais a respeito do mundo e, sobretudo, de si próprio.

Sendo assim, Habermas (2003) ratifica a importância de um espaço público que seja permeável e móvel, composto de redes que permitem a comunicação entre conteúdos, tomadas de posições e opiniões. Nesse contexto, o espaço público tratará do espaço social formado pela atividade comunicativa. Em seu livro, “Mudança Estrutural da Esfera Pública”, Habermas (2003) apresenta o caminho histórico do aparecimento da esfera pública, mostrando que tal espaço, entre o Estado e as esferas privada e econômica, tinha como objetivo a livre circulação de ideias e ideais, desencadeando a criação de uma burguesia participante na tomada de decisão pública.

Dessa forma, para Habermas (2003), a esfera pública nada mais é do que um lugar social que age como mediador entre a sociedade e o Estado, capaz de formar a opinião pública dentro de uma liberdade de expressão e de respeito aos direitos dos cidadãos. Ademais, Habermas acredita que é a partir da comunicação que os sujeitos se portam como corpo público, sendo necessários meios para a publicização das informações, como as mídias digitais, ou melhor, “mídia da esfera pública”.

Para Habermas (2003, p. 15):

[...] A vida pública, *bios politikos*, não é, no entanto, restrita a um local: o caráter público constitui-se na conservação (*lexis*), que também pode assumir a forma de conselho e de tribunal, bem como a práxis comunitária (*práxis*), seja na guerra, seja nos jogos guerreiros.

A esfera pública surgiu no fim do século XVIII, a partir da difusão da participação política e da consolidação dos ideais de cidadania, como resultado das disputas em torno da defesa da burguesia contra o absolutismo, por um governo mais representativo e por uma constituição liberal.

Em seu discurso, Habermas defende que a esfera pública é decorrente de uma sucessão de acontecimentos, da transformação social entre a Idade Média e a Moderna, visando o desenvolvimento do capitalismo e, assim, gerando transformações socioeconômicas, gradualmente, a partir dos anseios de uma burguesia consciente de seus atos.

Nesse sentido, Habermas (2003, p. 42) diz que:

A esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho.

O filósofo alemão está preocupado com a transformação democrática das relações sociais e não diretamente com o processo político de mudança estrutural, que surgiu a partir da esfera pública, visto que com essa transformação foi incorporado um discurso sociocultural como a imersão de associações voluntárias.

Habermas (2003) propõe que tais mudanças resultaram numa perda de poder e na independência da opinião pública, além da legalidade das instituições que alicerçaram processos de comercialização e racionalização, visando o consumidor individual, extinguindo os contextos de mediação, razão e recepção.

Assim, faz-se necessário uma mudança estrutural na educação, que valorize as interações sociais, a partir do agir comunicativo desencadeado pela teoria habermasiana, adequando-se a posturas no cerne da concepção dos que ditam, legislam e fazem a educação de forma mais consciente e crítica. Essa mudança não está só ligada a uma estrutura física e no incremento de horas no currículo “pesado” no sistema educacional e, por conseguinte, chegando a resultados tão insignificantes para o que se propõe.

Para que isso aconteça, Habermas (2001) acredita que a cultura, como mecanismo do mundo vivido dos sujeitos envolvidos, deve ser colocada à crítica e consolidada numa visão de entendimento. Vislumbrando um processo emancipatório, a educação prosseguirá exercendo sua função quanto à formação de indivíduos comunicativo e socialmente responsáveis.

4.1 ENTRE ESFERA PÚBLICA E ESFERA PRIVADA

Em suas análises, Habermas (2003) concentra-se na esfera pública burguesa, que aparece juntamente com o aparecimento do capitalismo financeiro e mercantil, como também da imprensa e do correio como novas formas de comunicação. A partir daí surge uma nova estrutura na qual seus seguidores começam a querer participar nas decisões econômicas do Estado e a lutar por espaço político.

Entre a esfera pública e privada foram traçados novos rumos de ordem emergente para uma sociedade decadente. Em seu discurso, Habermas (2003) reflete a esfera pública como uma dimensão do mundo vivido, em que os elementos que a compõe devem ser analisados, evitando, assim, a sua distorção. Para esse entendimento é necessário recorrer à teoria sistêmica na visão habermasiana, discutida anteriormente, a qual é dividida por dois subsistemas: um regido pelo dinheiro (econômico) e outro pelo poder (político).

Habermas (2003, p. 169) afirma que:

A esfera pública burguesa, desenvolve-se no campo de tensões entre Estado e sociedade, mas de modo tal que ela mesma se torna parte do setor privado. A separação radical entre ambas as esferas, na qual se fundamenta a esfera pública burguesa, significa inicialmente apenas o desmantelamento dos momentos de reprodução social e de poder político conjugados na tipologia das formas de dominação da Idade Média avançada.

A esfera pública burguesa, para Habermas (2003), é fruto de um momento histórico em que a sociedade burguesa vivenciava, e assim não pode ser tensionada fora desse contexto, limitando seu caráter histórico, que considerava a burguesia como subsidiária ao público. Assim, aparece uma esfera dotada de indivíduos com opinião própria acerca dos assuntos relacionados com a sociedade, capaz de manifestar-se diante dos ideais burgueses, ou seja, aquilo a que Habermas chama de “opinião pública”. Seguindo esses preceitos, torna-se evidente afirmar que a escola deve ser um espaço em que predominem as ações estabelecidas através da comunicação, considerando a legitimidade do agir pedagógico que se consolida no agir comunicativo, e que faz com que a ação pedagógica deva ser desburocratizada e os currículos devem ser minimamente regulamentados.

No tocante à opinião pública, Habermas (2003) acredita que todo ser humano pode racionalizar e, por isso, faz um contraponto com a racionalização. Para o autor, a opinião pública está ligada ao julgamento baseado nos princípios de exposição dos assuntos de interesse coletivos até a uma avaliação pública. Nesse caso, a esfera pública fica sendo o lugar de legitimação do poder público.

Esses juízos inteditados são chamados de “públicos” em vista de uma esfera pública que, indubitavelmente, tinha sido considerada uma esfera de poder público, mas que agora se dissociava deste como o fórum para onde se dirigiam as pessoas privadas a fim de obrigar o poder público a se legitimar perante a opinião pública. O *publicum* se transforma em público, o *subjectum* em sujeito, o destinatário da autoridade em seu contraente. (HABERMAS, 2003, p. 40).

Entretanto, a constituição da esfera pública burguesa dava-se pela união de um conjunto de pessoas privadas, que se juntavam para debater sobre interesses privados considerados importantes para a esfera pública, uma vez que o acesso a todos (burgueses da época) era um dos princípios para tal constituição.

Brennand (2006) coloca que Habermas acredita na construção de uma sociedade que seja consciente dos seus direitos, na qual todos possam usufruir da justiça e da democracia, através de uma ação comunicativa vinculada à concepção discursiva de compreensão de esfera pública. A ação comunicativa transmite, por meio da linguagem e da cultura, interpretações e significados, contextualizados a partir da humanização da interação social, visando institucionalizar a formação da opinião e da vontade e, com isso, garantir a participação de todos nos processos de formação e nas decisões no âmbito organizacional. Habermas acredita que a democracia se baseia na ética discursiva através do conhecimento e da negociação, uma vez que todas as decisões devem ser discutidas até um resultado comum, sem haver neutralidades nas relações de poder.

A participação e ação da sociedade nas formas organizacionais, para Brennand (2006), podem, a partir do processo de globalização, romper com a irracionalidade dos dominantes, já que para se construir uma sociedade democrática é fundamental justiça igualitária e solidariedade entre todos os atores envolvidos. É justamente aí que Habermas coloca que a linguagem e, conseqüentemente, a comunicação, são vistas como fonte mediadora, na qual pode haver interações necessárias para se efetivar tais procedimentos, garantindo a imparcialidade na formação de valores e chegando a reconstruir uma teoria do direito.

Habermas (*apud* BRENNAND, 2006, p. 42) afirma que:

A atividade comunicacional institucionalizada pelo Estado de direito pode, no interior da sociedade, desenvolver os espaços públicos autônomos, alargando os espaços abertos e permitindo a formação da opinião e da vontade democrática.

Sendo assim, é possível afirmar que a democracia vem favorecer e garantir a igualdade jurídica dos cidadãos, uma vez que valoriza: a) a formação democrática da opinião e da vontade; b) objetiva o uso do poder administrativo de forma mais contundente e consciente; c) leva em consideração que as regras têm de seguir padrões de atendimento dos interesses de uma maioria de forma igualitária. Habermas acredita que são nos espaços públicos que se reproduzem as interações comunicativas a partir da relação com a língua materna.

Dessa forma a esfera pública política surgiu com o intuito de intermediar as relações entre o Estado e as necessidades subjacentes da sociedade por meio da opinião pública, utilizando como garantias os direitos fundamentais. Desse modo, percebemos que há um entrelaçamento entre esfera pública e esfera privada, configurando uma articulação que apresenta um debate no âmbito do interesse de cunho coletivo.

Portanto, o espaço delineado da esfera pública faz sentido ao enfatizar e garantir o debate cultural e, ao mesmo tempo, ideológico, perfazendo os vários públicos presentes e não apenas como uma realização específica da burguesia, levando a extinção da distinção entre esfera pública e privada, que vai perdendo sentido e extirpando a separação entre Estado e sociedade, galgando vantagem ao Estado.

4.2 A SOCIEDADE COGNITIVA E O POTENCIAL EMANCIPATÓRIO

De acordo com Assmann (2005, p.18), “as novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas”. Dessa forma, podemos destacar que o avanço das TDCA revolucionou a relação dos mundos sistêmico e vivido com a informação. Se antes a preocupação era como ter acesso aos recursos tecnológicos, hoje o problema é outro, isto é, como trabalhar de forma dinâmica e

produtiva as tecnologias em sala de aula, já que estão por toda parte, favorecendo e facilitando a convergência das mídias e os meios de comunicação.

As novas tecnologias têm um papel ativo e co-estruturante das formas do aprender e do conhecer. Há nisso, por um lado, uma incrível multiplicação de chances cognitivas, que convém não desperdiçar, mas aproveitar ao máximo. (ASSMAN, 2005, p. 19)

Para Mattelart (2002), as TDCA chegam a revolucionar todas as relações sociais, uma vez que são pautadas em distinções como: autonomia, flexibilidade, fluidez, transparência, horizontalidade e civismo; não há fronteiras na sua estrutura, o local, o nacional e o global se interpenetram e a liberdade de expressão comercial é outro fator relevante nesse contexto, o que conduz com maior fluidez a penetração do *market* em todos os espaços públicos.

Mesmo diante de toda essa revolução tecnológica, Mattelart (2002) mostra que a era digital ainda bate num entrave quanto ao igualitarismo. Uma das maiores lições sofridas pela história é que durante a construção da economia mundial, as sociedades que adotaram as redes de informação aumentaram as suas separações entre economia, cultura e sociedade. Num momento em que todos primam pelas tecnologias da informação, muitos ainda não têm acesso a rodovias e outros não têm acesso à eletricidade. E, por esse motivo, é necessária uma disseminação quanto ao acesso das TDCA a todos os indivíduos e por todo o território nacional.

Entender as diversas formas representativas da comunicação proporcionadas pelas tecnologias disponíveis na escola, e estabelecer o diálogo entre as formas de linguagem midiáticas, são desafios para a educação atual, uma vez que a informação e o conhecimento passaram dos muros escolares e foram democratizadas. A escola deve estar preparada para orientar o aluno a saber o que fazer com toda essa gama de informação, selecionando o que é relevante e verdadeiro, internalizando em forma de conhecimento, dentro de uma concepção responsável e independente.

Ademais, na época em que a comunicação está em evidência, as TDCA tornam-se indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem, galgando espaço cada vez mais significativo dentro das salas de aula. Há possibilidades que podem ser utilizadas no cotidiano escolar, como computadores ligados à internet, *software* educativos, sistema de rádio e jogos eletrônicos. Com isso, percebemos que o

avanço das tecnologias da informação e comunicação fez surgir uma nova sociedade, denominada “sociedade da informação”, também chamada por Assmann (1998) de “sociedade cognitiva” e/ou “sociedade aprendente”, na qual várias mudanças foram necessárias para os povos e suas culturas, desde a economia às relações interpessoais.

De acordo com Assmann (1999), o conceito “sociedade da informação” renasce por volta dos anos 90, momento em que estava ocorrendo o desenvolvimento da Internet e, conseqüentemente, das TDCA. Mas foi só em 1995 que foi debatido em alguns fóruns da Comunidade Européia e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (os trinta países mais desenvolvidos do mundo) e, assim, utilizado pelos Estados Unidos, bem como por várias outras agências das Nações Unidas e pelo Banco Mundial. Dentro desse contexto, o termo “sociedade da informação” nada mais é do que o resultado de uma construção ideológica e política desenvolvida a partir da globalização, que tinha como preceito acelerar a implantação e abertura de um mercado mundial.

Segundo Assmann (2005, p.16), “a sociedade da informação é a sociedade que está atualmente a constituir-se, na qual são amplamente utilizadas tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informação de baixo custo”. É considerada cognitiva na medida em que surge a partir de escolhas voluntárias e evoluções naturais, tornando-se vantajoso para um posterior aproveitamento, transformando-se em conhecimento.

Nessa perspectiva, a informação começa a desempenhar cada vez mais um papel relevante, uma vez que se transforma em nutriente de cunho decisivo para a evolução da sociedade, estabelecendo comportamentos precisos de todo um povo.

Como já exposto anteriormente, Takahashi (2000, p. 05) afirma que:

Sociedade da informação representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico. É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de informação disponível.

A partir desse cenário, fica claro que os sujeitos envolvidos são altamente ativos, expressivos e criativos, de modo que a apropriação da tecnologia está intimamente relacionada com a forma como se dá a sua adaptação na sociedade. É

preciso conscientizar a sociedade sobre a responsabilidade de não separar informação de conhecimento, pois o progresso de uma sociedade não estará relacionada apenas à disseminação e disposição da informação, como também do papel que a ela representa no que concerne à aprendizagem, diante das oportunidades da utilização das tecnologias, já que a informação só é considerada relevante quando se transforma em conhecimento diligente.

No entanto, a inserção das TDCA impulsionou o processo produtivo e a relevância dos grupos profissionais, técnicos e científicos no que tange ao aspecto social, delineando uma nova reestruturação da economia e da sociedade, no contexto pós-industrial.

4.3 EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE

Como sabemos, a educação é um dos fatores fundamentais para transformar a sociedade, se não for o principal. Estudos já mostram que os países que não investem e valorizam a educação têm uma economia frágil, o que reflete em todos os segmentos, da saúde à qualidade de vida. Em sociedades cuja educação é mais um processo colonizado ou de pouca qualidade conduz a muitos distúrbios sociais, dos altos índices de doenças no contexto da saúde pública/sanitarista aos índices de corrupção como, por exemplo, é o caso da realidade brasileira. Um sistema de ensino ineficiente contribui para alguma coisa, ou seja, é eficaz para os interesses político-econômicos do mundo sistêmico porque quanto menos reflexão maior dominação do sujeito social e, conseqüentemente, maior domínio ao mundo vivido.

Seguindo esse pensamento, Schwartzman (2004, p.6) coloca que:

Os problemas centrais da educação básica brasileira são a má qualidade do ensino, a iniquidade que persiste no acesso à educação de melhor qualidade, o atendimento a jovens e adultos que não conseguem completar sua educação, e a questão da relevância e pertinência dos conteúdos da educação para a vida das pessoas.

Sociedades ou países que consideram a educação fator preponderante ou determinante para a evolução social, incluindo, mas não sendo exclusiva a economia, conseqüentemente é uma sociedade constituída por aspectos culturais fortalecidos e por personalidades (sujeitos) que pensam por si próprios no cenário da coletividade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96 em seu Art. 4º Inciso IX diz que:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos com a variedade e quantidades mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

Não se pode negar que, nas últimas décadas, o cenário educacional brasileiro teve alguns avanços, muitos destes almejando a universalização da educação básica, resultante de muitas lutas e defesas em prol da escola pública e democrática, como também a expansão da educação superior e o aumento de matrículas no ensino médio, principalmente em cursos técnico-profissionalizantes. Mas, há muito que se questionar em relação ao que está além do aumento de matrículas, sem falar da qualidade do ensino e da formação, haja vista que, na realidade brasileira, as simples mensurações na educação tendem a ser manifestações do mundo sistêmico articulando discursos e ações que corroboram com seus próprios interesses, mas que buscam conferir o sentido de que se trata de interesses da população ou da sociedade. Será mesmo? Assim, atualmente, há grandes desafios a serem enfrentados na educação brasileira, como acabar com a dualidade: quantidade de vagas *versus* qualidade dos processos educativos (ensino-aprendizagem), propiciando a emancipação humana.

Por conseguinte, as discussões que envolvem os caminhos da educação formal brasileira devem ser, a princípio, analisadas, acolhidas, questionadas e abertas a novas reflexões. Ainda é recente o despertar das autoridades governamentais para as questões referentes ao campo educacional, que é respaldado por um amplo leque de fragilidades. O Estado tem a obrigação de assumir o papel de investidor da educação, e não se deixar conduzir pelos princípios que norteiam a esfera privada porque a educação, em sua própria natureza, faz parte da esfera pública da sociedade.

Segundo Schwartzman (2004, p. 02), “[...] deve ser possível melhorar a situação educacional brasileira pelo uso mais adequado dos recursos já existentes, enquanto as restrições fiscais não permitam que eles sejam aumentados de forma significativa”.

Se observarmos a partir do olhar habermasiano, chegamos ao limite da decência e da dignidade porque a escola está sujeita a coações diversas por parte

do sistema, respaldadas pelo dinheiro e pelo poder. Com isso, conseqüentemente decorre uma crise na escola e na esfera pública, com práticas pedagógicas com dificuldades de se livrar das coordenadas da racionalidade instrumental, sufocando o agir comunicativo e formando sujeitos com prioridade para o discurso prático, para o pensamento técnico, para se tornar agentes de mobilização do poder e do dinheiro. Com base em Habermas é possível defender que é necessário investir na razão comunicativa para reconstruir e restituir os fundamentos da educação e dos processos educativos, especificamente no ensino médio.

O crescimento do sistema é importante, mas não suficiente para garantir eficiência na qualidade do ensino. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o Brasil ainda tem um alto índice de analfabetismo. Isso mostra a ineficiência das políticas públicas, mesmo diante do aumento de alunos nas escolas.

Schwartzman (2004, p.06) diz que:

São também duvidosas, do ponto de vista educacional, as políticas que colocam como primeira prioridade levar ou manter as crianças na escola, como as de bolsa-escola e de erradicação do trabalho infantil. Os programas de bolsa-escola são úteis como forma de transferir renda e, em alguns casos, podem favorecer a que as crianças mais velhas fiquem na escola por mais tempo. Mas já não existem muitas crianças de pequena idade fora da escola, e não está claro que a falta de dinheiro seja a principal explicação para o abandono que ainda ocorre; o mais provável é que a principal culpada seja a incapacidade das escolas em proporcionar educação de qualidade para crianças e adolescentes de pior condição social.

Dessa forma, privar a população brasileira de uma Educação com mais qualidade é escolher e permanecer na subserviência histórico-ideológica por parte do mundo sistêmico e da esfera privada e sua dinâmica do desenvolvimento, haja vista que, no Brasil, não é um simples lugar comum dizer que escola “boa” é escola privada. E nada pode ser mais improdutivo, desanimador e nefasto para um país do que uma sociedade caracterizada por uma população “adormecida em berço esplêndido”, uma vez que o verdadeiro sentido da evolução social, seja nas áreas sócio-culturais, político-econômicos, científico-tecnológicas passa por uma escolha política que priorize a elevação cognitivo-intelectual de seu povo. Se esses princípios não forem contemplados, as nossas escolas públicas brasileiras continuarão a amargar o gosto do sufocamento pelo mundo sistêmico. Será que as

tecnologias constituem recursos que podem ajudar a educação, a escola e os processos educativos a empreenderem a proposta e o projeto da razão comunicativa no contexto da formação? É possível racionalizar ou favorecer o mundo vivido nesse contexto? É o que buscamos discutir no próximo capítulo.

5 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS DA COMUNICAÇÃO: redes de aprendizagem na esfera pública escolar

Na fase de modernização das sociedades complexas, como a brasileira, o lastro econômico das políticas de globalização tem propiciado à educação uma revolução científico-tecnológica. As tecnologias disponíveis em cada período, usadas por distintos grupos sociais, provocam profundas mudanças na cultura, na comunicação e, até mesmo, na realidade social, uma vez que pensamentos, práticas e valores são determinados e comportamentos precisam se adotados em consequência do papel e do uso das tecnologias no cotidiano da escola, do trabalho, do lazer, da vida.

Para Lévy (1998), determinadas tecnologias que visam o desenvolvimento do sujeito e a quebra de barreiras de resistência ao uso têm sua relevância em épocas distintas, na medida em que asseguram às pessoas novas oportunidades de aprendizagens em diversas áreas, com seus valores sociais.

Seguindo o pressuposto de que o sujeito se desenvolve e interage melhor com o mundo ao seu redor por meio da utilização de inúmeras capacidades de expressão e linguagens, que são compostas por diversos signos textuais, orais, sonoros, gráficos, dentre outros, as tecnologias e as mídias começam a representar novas possibilidades de uso da expressão, perfazendo interfaces que antes não eram usadas, em prol da interação com o mundo.

Conforme foi explicitado anteriormente, no agir comunicativo a interação é respaldada pelo diálogo. No contexto das tecnologias da inteligência, a interação dialógica no contexto escolar pode ser muito produtiva com as redes digitais, haja vista que, na esteira das articulações da teoria da ação comunicativa de Habermas (1987), é a competência comunicativa (o exercício do lugar de fala do sujeito argumentativo) o processo através do qual o agir comunicativo, mediado simbolicamente pela linguagem, estrutura-se no cabedal cognitivo do sujeito e de suas relações intersubjetivas ou interpessoais. O intercâmbio interativo-dialógico no contexto comunicativo independe de espaços, cenários, efeitos, implicando dizer que através das tecnologias da inteligência galgar a emancipação pode implicar na extensão da sala de aula ao ciberespaço ou em aprimorar/maximizar aprendizagens fomentadas no contexto da própria escola. Além do mais, na realidade da Geração Y, matizar processos educativos em rede torna-se condizente com a época em que

a própria juventude está conectada no ciberespaço, implicando dizer que a educação não pode negar a realidade da linguagem dos *bits*, do tempo das redes e das mídias que convergem. Pelo contrário, precisa absorvê-la e redimensionar suas próprias limitações, advindas da pedagogia tradicional, e tirar proveito das tecnológicas inteligências e das mídias favoráveis à educação.

Para Santaella (1992, p. 138), “[...] é importante conceituar o termo mídias no plural visa pôr em relevo os traços diferenciais de cada mídia, para caracterizar a cultura que nasce nos trânsitos, intercâmbios e misturas entre os diferentes meios de comunicação”.

Muito se tem discutido acerca do tempo das redes digitais e das mídias (des)favoráveis à educação no contexto das tecnologias da inteligência, temas estes que ainda causam muita polêmica nas reuniões pedagógicas, administrativas e com pais no contexto das escolas. De todo modo, não é difícil encontrar escolas que proíbem o acesso dos alunos às redes digitais, tentando protegê-los de possíveis problemas/perigos, que até podem ser reais, mas muitas vezes escamoteiam a resistência da escola e do professor em relação às TDCA. Um dos argumentos mais comuns em relação ao uso tecnológico em sala de aula é de que a Internet não pode ser uma ferramenta de auxílio no processo educativo. Na maioria das vezes isso acontece por desconhecimento dos educadores de como utilizá-las a seu favor e, até mesmo, por não dominar conhecimentos técnicos necessários para o uso de tais recursos.

Com base nos pressupostos de Lévy (1999), o uso das TDCA nos diferentes contextos sociais deve ser desencadeado de forma prudente, pois as tecnologias não podem surgir nos contextos sociais como algo externo ou estranho, e sim como resultado natural das relações sociais estabelecidas para o uso específico de cada tecnologia disponível na escola.

Segundo Marteleto (2004, p.41), as redes são “sistemas compostos por ‘nós’ e conexões entre eles que, nas ciências sociais, são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações etc.) conectados por algum tipo de relação”.

Na contextura das redes, Castells (1999) acredita que a informação passou a ser considerada o ponto central da sociedade, esta em processo constante de transformações, modificando as relações de trabalho, na família, na escola, na

comunidade. A informação em rede, pois, constitui fontes fundamentais de produtividade e de poder. Diante disso, Castells (1999, p. 119) diz que “a emergência de um novo paradigma tecnológico organizado em torno de novas tecnologias da informação, mais flexíveis e poderosas, possibilita que a própria informação se torne o produto do processo produtivo”.

Dessa forma, podemos dizer que as redes digitais são uma forma encontrada pelas pessoas, através das tecnologias da informação e comunicação (nesse caso a internet), para se conectarem e criarem relações com outras pessoas, com o trabalho, com os afetos, com o lazer, independente do lugar que se encontram e do tempo histórico.

Nas redes digitais, de acordo com Tomaél (2005, p.93), “cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com os outros indivíduos vai formando um todo coeso que representa a rede”. Nesse sentido, as redes digitais e a internet, com a interconectividade, permitem que haja uma troca de informações entre seus usuários de forma mais dinâmica e com mais rapidez, podendo ser utilizada pelos educadores para a formação de grupos de estudos e, até mesmo, como ambientes abertos à expressividade da competência argumentativo-comunicativa. Além do mais, as redes digitais, através da interconectividade, ajudam na difusão do conhecimento, como também nas relações interpessoais, corroborando os vínculos dialógicos entre professores e alunos, mudando gradualmente a forma de ensinar e aprender, ou seja, a aprendizagem.

Tomaél (2005, p.101) afirma que:

[...] as redes digitais dependem da interação de diversos atores – internos e externos à organização – dispostos a compartilhar informações e experiências, visando ao aprendizado organizacional e, consequentemente, contribuindo para a construção de novos conhecimentos.

Portanto, atualmente, os espaços de aprendizagem independem somente da sala de aula física, seja no ensino fundamental ou na capacitação de colaboradores nas organizações. Ajudam na disseminação da cultura e do conhecimento através da troca de informações e da participação em grupos com o mesmo interesse, tornando, com isso, a rede ativa e próspera, podendo fortalecer o mundo vivido escolar ou agregando valor à educação. Nesse universo virtual, os professores têm o papel de apontar caminhos que levem o aluno ao conhecimento, ajudando-o a

encontrar repostas possíveis para seus questionamentos, tornando-se sujeito ativo na construção do conhecimento, através de aprendizagens mais “abertas”, colaborativas e compartilhadas.

5.1 A APRENDIZAGEM NA ERA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

A inserção das TDCA na escola vem acompanhada de um leque de desafios e problemáticas. No entanto, para compreender melhor o processo, faz-se necessário identificar o potencial intrínseco às tecnologias e todo o contexto em que a escola está inserida, reconhecendo o trabalho realizado pelos atores que fazem parte da comunidade interna e externa à escola.

Entender esse contexto, juntamente com as diversas formas representativas da comunicação proporcionadas pelas tecnologias disponíveis na escola, bem como estabelecer o diálogo entre as formas de linguagem midiáticas, são desafios para a educação atual, uma vez que a informação e o conhecimento passaram dos muros escolares e foram democratizadas.

Para Lopes (2005, p.33),

As tecnologias digitais trazem consigo como marca a necessidade de redefinir o que entendemos sobre humanidade, vida e, no caso específico da aprendizagem, a partir de um novo fundamento epistemológico, os sistemas complexos. Pensar na presença das tecnologias digitais nos processos de aprendizagem supõe reestruturar as formas de conhecer, aprender e criar mais próximas aos novos significados que a complexidade apresenta.

Tendo em vista que o acesso à internet está cada vez maior, até mesmo quando nos referimos aos alunos das escolas públicas, há que se incluir nas ações de hoje as tecnologias digitais e a internet, uma vez que estas vêm causando mudanças na educação, desenraizando o conceito de aprendizagem, no que concerne à aprendizagem e suas relações com tempo e o espaço, ultrapassando os bancos e muros escolares.

Segundo o Suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2008), sobre “Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal”, foi constatado que, em três anos, o percentual de brasileiros de dez anos ou mais de idade que acessaram ao menos uma vez a Internet pelo

computador aumentou 75,3%, passando de 20,9% para 34,8% das pessoas nessa faixa etária, ou 56 milhões de usuários, em 2008.

Para isso, é necessário domínio no que tange ao uso de tais recursos e dos procedimentos metodológicos, dentro de uma proposta condizente com a realidade do aluno e com suas expectativas.

Percebemos que, com a expansão da Internet, houve uma maior comunhão dos conhecimentos elaborados, chegando a um estágio antes não imaginado, mas ao mesmo tempo essa expansão ocasionou, de certa forma, o esvaziamento das relações sociais mais consistentes. Atualmente, os sujeitos sociais estão se relacionando com um número maior de pessoas, mas essas relações tornam-se mais “descartáveis”, pois com um único clique é possível acabar com uma “amizade” e nenhum sentimento ser desencadeado por tal atitude.

À medida que a escola reelaborando-se a partir dos recursos tecnológicos disponíveis aos processos educativos (ensino-aprendizagem), os sujeitos educativos (professores e alunos) vão aderindo ao movimento cultural da cibercultura a partir da elaboração de aprendizagens colaborativas em rede, favorecendo o que Lévy (2000) chama de coletivos inteligentes. A cibercultura pode desenvolver a sociabilidade, a organização, a informação, o conhecimento e a educação, requerendo novas posturas, comportamentos e modos de vida, de forma dinâmica e interativa no dia-a-dia por meio das tecnologias digitais, mais precisamente da internet.

De acordo com Assmann (2005, p. 34), “as tecnologias digitais favorecem novas interações entre agentes humanos e técnicos e fazem emergir novas formas de aprender, fundamentadas muito mais nos sentidos, sentimentos e emoções”. Nessa perspectiva, as TDCA podem vir a despertar o interesse dos aprendentes para aprendizagens real/virtuais mais significativas (aberta, colaborativa, compartilhada), fazendo com que a sala de aula se torne um ambiente mais prazeroso e, conseqüentemente, suscitando práticas educativas (de aprendizagem) mais produtivas para a qualidade do ensino, o fortalecimento da esfera pública, as expressões das competências argumentativas do agir comunicativo, a racionalização do mundo vivido escolar e, por oportuno, a emancipação humana no cenário dos coletivos e redes digitais de inteligência.

Seguindo esse pensamento, Almeida (2000, p.02) diz que:

O ambiente de aprendizagem deve propiciar ao aluno desenvolver e reconhecer a sua autonomia no processo de aprender, expressando sua autoria naquilo que aprende fazendo, estabelecendo novas relações, vivenciando conflitos e buscando a sistematização de conceitos.

Essas mudanças proporcionam a formação e a construção das identidades culturais e sociais na sociedade, pautadas em comportamentos distintos, valorizando as interações entre os sujeitos, mas que não deve ser vista como a solução para todos os problemas de aprendizagem. Entretanto, o educador deve estar consciente de que a inserção das tecnologias digitais é mais um meio que tem para utilizar a favor da sua prática pedagógica, podendo favorecer a compreensão e o contexto formativo da Geração Y, isto é, *net generation* que, hoje, encontra-se no ensino médio e na universidade.

Não obstante, vivenciamos o tipo da “desconstrução”, pois a ressignificação e a busca de novos fundamentos para a educação tornam-se desafio de todos, principalmente do professor, como o agente do *lócus* onde as coisas acontecem em termos de aprendizagem, ou seja, a sala de aula, seja real ou virtual.

Lopes (2005, p. 50) ratifica esse pressuposto dizendo que:

[...] o desafio é a construção interativa de metodologias que facilitem ao docente a mediação entre diferentes diálogos, nas diversas áreas de conhecimento e que, ao mesmo tempo, compreenda a co-evolução do ser humano em harmonia com o universo.

Na fase evolutiva da sociedade da informação, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), através das redes digitais, constituem verdadeiras árvores do conhecimento, lembrando dos princípios levynianos, praticamente “aniquilando” as redes hierárquicas formalistas, e dando vazão às redes criativas, perfazendo a interatividade, a luta pela inclusão digital dos seus atores sociais, extinguindo barreiras, ampliando a comunicação, dentre outros fatores. Portanto, é possível afirmar que inserir tecnologias intelectuais na educação é, de certa maneira, proporcionar um dos grandes passos (não o decisivo) para empreender processos educativos além dos micro e dos macro sistemas imperiosos de uma ordem político-econômica global que, no cenário da escola brasileira, não pode mais funcionar como política pública educacional que cuida muito mais da forma discursiva,

elaborativa e retórica, do que das práticas complexas no terreno da esfera pública do mundo vivido escolar.

Assim, podemos dizer que as tecnologias digitais propõem grandes e novos desafios, como também oportunas possibilidades quanto ao empreendimento de aprendizagens “sem amarras” diante das complexas teias com que a sociedade contemporânea conclama competências, habilidades e atitudes que valorizem a evolução da personalidade, da cultura e da sociedade na escola e na juventude do/no ciberespaço.

5.2 O CIBERESPAÇO NA SALA DE AULA OU ESTUDANTES CIBERAPRENDENTES?

A nomenclatura *ciber* vem do grego *Kubernetes*, e significa a arte do controle, pilotagem, governo. Atualmente, tal termo está sendo utilizado em vários verbetes e contextos, dentro de suas especificidades, como: cibercultura, ciberespaço, ciberaula, *ciberpaks*, cibercafé, cibercidades, cibermoda, etc. Entretanto, esse prefixo, ao se juntar a outras palavras, estabelece um novo conceito, como acontece com a palavra ciberespaço, que vem denominar um novo espaço para a vida humana, incluindo a aprendizagem a partir das tecnologias digitais.

De forma sucinta, Levy (1999, p. 17) conceitua ciberespaço como:

[...] É o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Percebemos que a inserção das redes e mídias digitais na sociedade da informação globalizada permitiu aos sujeitos a interconexão com o resto do mundo, em tempo real, proporcionando diversas maneiras de virtualização informacional em rede. Com isso, os sujeitos passaram a estabelecer novas conexões e criar novas formas de relacionamento com a ajuda dos computadores, estabelecendo espaços distintos de sociabilidade.

De acordo com Pierre Levy (2000), o ser humano vive num mundo virtual desde sua origem, antes mesmo do surgimento das tecnologias digitais, porque o virtual é um “*vir-a-ser*”, ou seja, o autor usa analogicamente o grão de feijão para

dizer que neste reside, virtualmente, uma árvore que, plantada e cultivada, pode render o fruto no momento da colheita.

A Internet só veio confirmar esse processo e garantir todas as expectativas de abertura do “*vir-a-ser*”, ou seja, de espaços virtuais em potencia real. Ambiente em que o ciberespaço se situa e o movimento da cibercultura se desenvolve, a Internet proporciona conhecimento, comunicação, intensificando mudanças na sociedade no que tange os aspectos éticos, morais e nas relações humanas. O ciberespaço, com seus mais variados ambientes (*chats*, fóruns, correio eletrônico, redes sociais, *apps* etc), norteia e dimensiona uma nova e verdadeira *ágora* grega virtualizada. Portanto, para Levy (1999, p.32), “as tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e de conhecimento”. Assim, podemos dizer que toda essa revolução tecnológica atinge a vida diária dos sujeitos que dela fazem parte, inclusive da escola, dos processos educativos e, principalmente, da juventude que, muitas vezes, é quem leva ou apresenta recursos tecnológicos ao professor.

Pierre Lévy (1999), filósofo da informação e estudioso das tecnologias digitais, é considerado um dos mais renomados defensores do ciberespaço como potencial emancipador. Nas suas análises, ele aponta as possibilidades de novas maneiras de democracia por meio da apropriação das novas tecnologias. Para Levy (1999), que sempre fala de “novo espaço do saber”, as novas formas de ensinar/aprender desencadeiam profundas transformações sociais, culturais, pessoais, econômicas e políticas, a partir de uma nova concepção de sociedade que, para Habermas, deve ser a que, crítica em relação aos seus próprios limites territoriais, relações institucionais ou laços de poder, conclama o equilíbrio ou a justaposição entre mundo sistêmico e mundo vivido.

Delcin (2005, p.57) assevera que:

O avanço das tecnologias de comunicação nos colocam novas dimensões da realidade como as competências intelectuais, afetivas e éticas e faz-se necessário a criação de elos que favoreçam a transição da visão unidimensional para o olhar multidimensional do espaço escolar, enquanto espaço amplo e favorecedor de ambientes de aprendizagem.

Diante dessa perspectiva, vislumbramos a necessidade de abrir “espaços” na escola além de seus próprios muros, maximizando a interrelação de conhecimentos adquiridos ao longo do processo pedagógico com os novos saberes, desenvolvidos a partir da inserção das tecnologias digitais, promovendo formas complexas de aprender tão importantes quanto é a busca que o professor precisa empreender sobre novas formas de ensinar.

Delcin (2005, p. 56) reconhece que:

O novo ambiente de aprendizagem possibilita resgatar a sociabilidade humana, os valores multiculturais, o respeito às diferentes maneiras de pensar e busca novos valores nas diferentes dimensões da vida, reconhecendo que a vida e a aprendizagem não estão separadas.

Tendo em vista que os processos educacionais atuais, principalmente na escola pública como esfera democrática de acesso e direito à educação, parecem não atender as exigências das novas formas de comunicação da Geração Y, causando distúrbios nos processos de ensinar/aprender, além de dificultar a identificação do aluno com o próprio conhecimento do qual é sujeito histórico-social. Por isso, faz-se urgente que o sistema educacional crie:

- a) alternativas para “incluir” e não “integrar” a escola à realidade;
- b) prepare seus profissionais para saber manusear, utilizar e incorporar os recursos tecnológicos de forma produtiva e significativa, na qual o sujeito (aluno) possa desenvolver autonomia, sendo participativo, crítico e criativo;
- c) que se articule melhor para pensar em educação sem levar em consideração a existência e influência desses novos espaços, já que essa é uma realidade que já parte do cotidiano escolar, que vai além das formas tradicionais de produção de conhecimento.

5.3 POR UMA SOCIEDADE APRENDENTE

A sociedade está vivenciando uma nova fase civilizatória e, de certa forma, democrática, chamada de democracia globalizada, na qual todos devem fazer parte e apresentar as diferenças de suas tradições, convergindo seus valores humanos e, assim, sendo sujeitos de uma história coletiva global. Há uma mudança axiológica

em todos os campos sociais e econômicos, e a comunicação é um dos fatores responsáveis por tal feito, tendo a Internet como seu canal, estrada infoviária, capaz de formar opiniões, aglutinar pessoas, compartilhar sentidos (conteúdos).

O séc. XX foi marcado pela passagem de toda uma era da história mundial, da sociedade da produção para a sociedade do consumo, gerando uma fragmentação do conhecimento. Hoje, já se fala na sociedade cognitiva ou informacional. Como denomina Castells (1999, p.498), “um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Consequentemente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos”. Sociedade urgida, forjada e formatada por informações instantâneas e, ao mesmo tempo, efêmeras, encurtando as distâncias *inter*-planetárias por intermédio da ciência e da tecnologia.

Dessa forma, é possível afirmar que os recursos tecnológicos têm sua importância no que diz respeito à ideologia dominante, ou seja, ao mundo sistêmico, já que são indispensáveis, também à condução dos interesses do dinheiro e do poder matizados pela criação e produção de artefatos tecnológicos que, cada vez mais incitam o consumo, além do fato de disseminarem o próprio jogo de quem quer sempre mais diante de quem tem sempre menos. Contudo, a educação não pode desconsiderar o potencial pedagógico das TDCA, e deve buscar readequar o mesmo poder utilitarista de que se vale o mundo sistêmico, em relação às tecnologias, em função do ideário habermasiano da emancipatório humana. Reside aí, portanto, o maior desafio do processo dialético e da própria condição existencial da educação, posto que busca superar a si mesmo e as forças “estranhas” que buscam dominar as formas de pensar-agir.

Com a globalização e a era das redes digitais e midiáticas, o tempo e o espaço se descaracterizaram, esgarçando barreiras geográficas de forma instantânea e simultânea. A sociedade contemporânea trouxe consigo a compressão do espaço através do tempo, gerando certa invasão na vida do homem, deixando de lado padrões vigentes de uma época. Como a educação, como processo histórico-social da realidade hiperconectada, pode ficar alheia a tudo isso?

Há hoje um reconhecimento de que a educação acontece em muitos lugares, por meio de várias agências. Além da família, a educação ocorre nos meios de comunicação, nas empresas, nos clubes, nas academias de ginástica, nos sindicatos, na rua. As próprias cidades vão se transformando em agências educativas por meio de iniciativas de participação da população na gestão de programas culturais, de organização dos espaços e equipamentos públicos (LIBÂNEO, 1988, p. 26).

Hoje, temos ao alcance computadores e telefones móveis e portáteis, que nos auxiliam a todo o momento e em qualquer lugar, o que faz com que possamos desenvolver ações e gerar reações automáticas, boas ou ruins, de qualquer lugar do mundo. Essas mudanças fizeram com que as relações humanas fossem alteradas, ganhando um novo formato, levando as pessoas a viverem no seu próprio espaço/mundo. Assim, as relações interpessoais foram profundamente atingidas por tudo isso, mas a causa da solidão e da depressão da personalidade não reside, pura e simplesmente, no fato de que as conexões estão prendendo e/ou desprendendo as pessoas.

Dessa forma, é importante destacar que a escola tem o papel de estimular a reflexão em prol de uma sociedade consciente e crítica, que valorize e estimule a aprendizagem para que os educandos possam perceber que o conhecimento complexo no cenário do pensamento linear/fragmentado, este engessado e descontextualizado à realidade. Na escola do Século XXI, é possível entender que não há verdades absolutas, que a troca de experiência entre discentes e docentes é de suma importância para que o processo educativo seja instigante para todos que dele fazem parte na sociedade informacional.

Delcin (2005, p. 69) acredita que:

A sociedade da informação exige que o indivíduo seja um leitor crítico da realidade na qual está inserido, criativo, capaz de pensar, de aprender a aprender, com espírito de equipe, com potencial intelectual, sensível às mudanças sociais, cosmovisão sobre os problemas da humanidade e autonomia para aprimorar ideias e ações.

Um dos temas mais interessantes da contemporaneidade é o desenvolvimento das potencialidades da utilização das tecnologias digitais na rotina da humanidade, o que proporcionou uma revolução nos hábitos e nas formas de pensar, uma vez que os resultados satisfatórios da prática educativa estão delineados pelas habilidades desencadeadas pelos professores no momento de

rever sua prática docente, com velhas e novas metodologias relacionadas aos recursos tecnológicos que estão em evidência atualmente.

Portanto, esta pesquisa objetivou investigar o fenômeno da aprendizagem a partir de *blogs* educativos a partir de práticas docentes no ensino médio. A inquietação para atender tal objetivo conduziu-nos à realização de uma pesquisa empírica, cuja coleta de dados deu-se no próprio ciberespaço, como sujeitos espalhados por todo Brasil. Os dados foram organizados e os resultados foram interpretados a partir das categorias teóricas discutidas, cujas especificidades serão discutidas no próximo capítulo.

6 APRENDÊNCIA, BLOGS E ENSINO MÉDIO: ensinar-aprender/ aprender-ensinar no contexto do mundo vivido

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos na pesquisa, cujo universo foi composto por 20 professores participantes do grupo de estudos “*Blogs Educativos*”. As categorias pré-definiram-se na fase de planejamento da pesquisa, e foram surgindo outras no momento da pré-análise, seleção e categorização dos dados coletados. Com o objetivo de nos aproximarmos à realidade vivenciada no campo de estudo, a seleção da amostra de sujeitos deu-se naturalmente, haja vista que o número de professores blogueiros, que existem por todo o território nacional, foi constituído por adesão à pesquisa.

Como já foi mencionado anteriormente o questionário foi organizado em duas fases distintas: perfil dos respondentes e fatores conteudísticos.

6.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

Para avaliar o perfil dos respondentes foram coletadas informações sobre gênero, faixa etária, formação acadêmica, tempo que leciona no ensino médio, o componente curricular que leciona e tempo de experiência com os *blogs* educativos, a fim de conhecer as características específicas do grupo em questão.

Tabela 1: Categoria gênero

Questão 1.1	Feminino	Masculino	Total
Sexo	14	06	20
Total %	70%	30%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Ao avaliar a categoria gênero, 70% dos professores blogueiros são do sexo feminino e 30% do sexo masculino, o que mostra que ainda há uma predominância feminina no contexto da aprendizagem. Segundo dados da Sinopse do Professor da Educação Básica, divulgada pelo MEC (Ministério da Educação) no fim de 2010, existem quase 2 milhões de professores, dos quais mais de 1,6 milhão são do sexo feminino. As mulheres compõem 81,5% do total de professores da educação básica do país. Em todos os níveis de ensino dessa etapa, com exceção da educação profissional, elas são maioria lecionando.

No que se refere à faixa etária, percebemos que em todos os grupos há uma representatividade significativa. O primeiro grupo (20 a 30 anos) encontrou-se apenas 10% de professores blogueiros, enquanto nas três faixas etárias posteriores (31 a 40 anos, 41 a 50 anos e acima de 50 anos) foram computados 30% dos professores. Nesse caso, observamos que a heterogeneidade nas faixas etárias entre os professores possibilita a troca de experiências, propiciando novas metodologias que levem a um melhor desempenho da prática educativa. Outro ponto que chama atenção é o fato de que professores da Geração *Baby Boomers* (mais de 45 anos) e da Geração X (mais de 30 e menos de 45 anos), anteriores à Geração Y, estejam esforçando-se para dominar os recursos tecnológicos e, portanto, a linguagem da juventude que povoa o ensino médio brasileiro, conforme explicita a tabela abaixo.

Tabela 2: Categoria faixa etária dos professores blogueiros do grupo de estudos *Blogs Educativos*

Questão 1.2	20 a 30 anos	31 a 40 anos	41 a 50 anos	Acima de 51 anos	Total
Faixa etária	02	06	06	06	20
Total %	10%	30%	30%	30%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

De acordo com os dados, percebemos que na perspectiva docente a busca por adequação e inovação nos processos educativos corrobora com a ideia de uma educação que se “tecnologiza” naturalmente, mas que necessita de atitudes, como é o caso do uso didático-pedagógico dos blogs educativos. Nesse aspecto, ir ao encontro da Geração Y em espaços virtuais de potencial interativo e sinergias aprendentes torna-se favorável à construção crítica e reflexiva do pensamento. Além disso, pode desvelar o quanto a aprendizagem no mundo dos *blogs* avança-se como oportuna para o contexto expressivo, natural e espontaneamente rico do mundo vivido dos sujeitos que se relacionam na escola e fora desta.

No que se refere ao item formação acadêmica, 10% dos professores têm apenas a graduação; 45% têm Especialização; 40% têm Mestrado e 5% Doutorado. Os dados evidenciam que há, por parte do grupo pesquisado, uma ampliação/qualificação na formação através da pós-graduação.

De acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o número de pessoas que concluiu a graduação entre 2000 e 2010 aumentou mais de 109% no Brasil, e no começo da década passada, 6,1 milhões de brasileiros terminaram pelo menos uma graduação. Em 2010, foram 12,8 milhões de pessoas.

Segundo o MEC, essa mudança foi resultado de investimentos na área de educação com a implementação de programas nos últimos anos como, por exemplo, o ProUni (Programa Universidade Para Todos) e o Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior), o que tem ampliado o acesso e a permanência dos alunos na educação superior, como também na pós-graduação. Além do mais, a perspectiva da educação continuada já é condição para todo e qualquer profissional que, nos dias atuais, precisam manter-se “empregáveis” ou que necessitam de atualização para conduzir, a contento, suas funções sociais em termos profissionais. Quando alocamos tal discussão para o cenário docente, tal perspectiva toma um salto preponderante, haja vista que são os professores quem assumem, juntamente com a família, a difícil missão de empreender a difícil missão de educar, de formar para vida. Na tabela abaixo estrutura a formação em termos de níveis acadêmicos dos sujeitos pesquisados.

Tabela 3: Categoria formação acadêmica dos professores blogueiros do grupo de estudos *Blogs Educativos*

Questão 1.3	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado	Total
Formação Acadêmica	02	09	08	01	20
Total %	10%	45%	40%	5%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Em relação ao tempo que leciona no ensino médio, 50% dos professores blogueiros estão exercendo a atividade docente há mais de 10 anos, seguido de 20% que estão entre 4 a 6 anos na atividade, enquanto 15% estão na docência do ensino médio de 1 a 3 anos e de 7 a 9 anos, de acordo com a tabela 4 abaixo.

Tabela 4: Tempo de experiência no ensino médio dos professores blogueiros do grupo de estudos *Blogs Educativos*

Questão 1.4	01 a 3 anos	04 a 06 anos	07 a 09 anos	Mais de 10 anos	Total
Tempo de serviço	03	04	03	10	20
Total %	15%	20%	15%	50%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Quanto ao tempo de experiência com o uso dos *blogs* educativos na prática pedagógica, constatamos que 65% dos respondentes já trabalham com essa rede social entre 4 a 6 anos, seguindo de 20% entre 1 a 3 anos, 10% com mais de 10 anos e finalizando 5% de 7 a 9 anos. Nesse caso, os dados evidenciam que mesmo sabendo que as redes sociais ainda são algo muito novo para a maioria dos educadores, muitos deles já tentam implementar na sua prática educativa os *blogs*, proporcionando uma aproximação maior com os educandos, que são jovens da Geração Y.

De acordo com Oliveira (2010), os jovens da Geração Y estão vivenciando um momento histórico-civilizatório peculiar, já que nasceram em um mundo hiperconectado e, conseqüentemente, hiperpotencializado com as possibilidades com que as redes e coletivos virtuais maximizam a comunicação e o conhecimento, podendo ser favorável ao desenvolvimento da aprendizagem e das inteligências múltiplas. Assim, as tecnologias digitais da comunicação na aprendizagem são artefatos do cotidiano da juventude Y e, portanto, constituem-se como dinâmicas naturais de convivialidade.

Tabela 5: Categoria tempo de experiência com *blogs* educativos dos professores blogueiros do grupo de estudos *Blogs Educativos*

Questão 1.6	01 a 3 anos	04 a 06 anos	07 a 09 anos	Mais de 10 anos	Total
Experiência com blogs educativos	04	13	01	02	20
Total %	20%	65%	5%	10%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

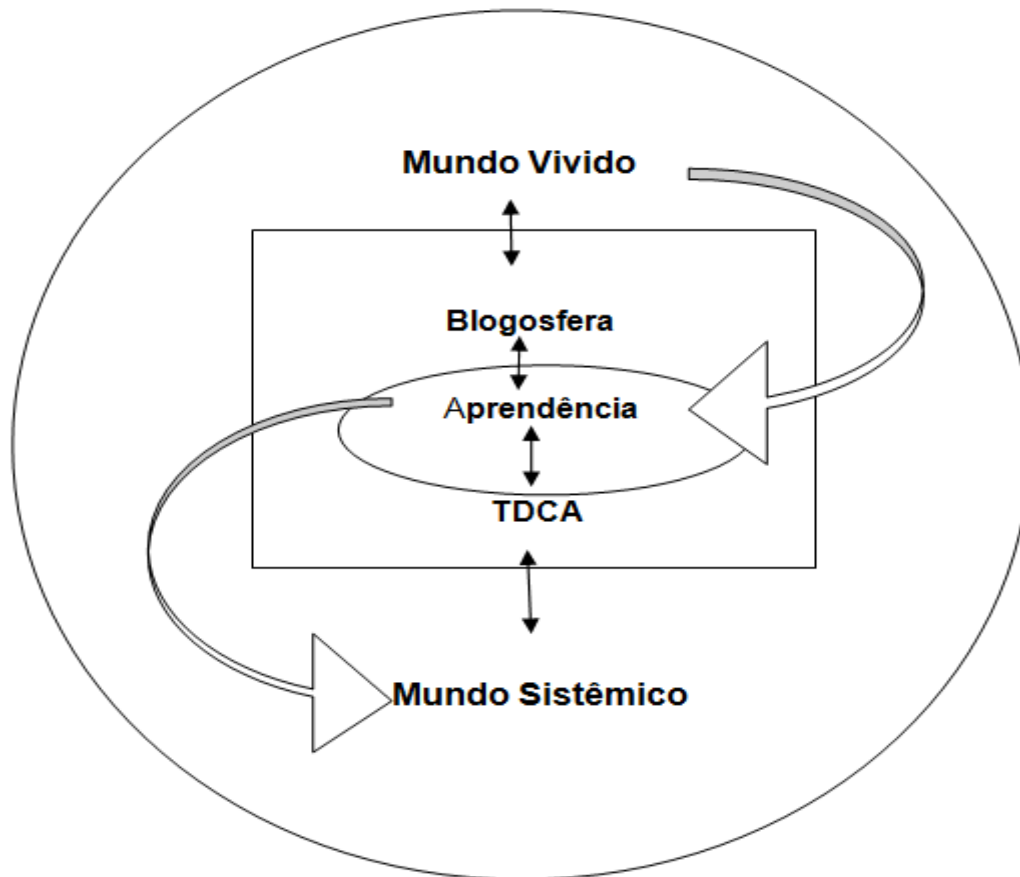
De acordo com os resultados da tabela 5 acima, os professores acompanham o ritmo de tais mudanças, povoando cenários aprendentes tão inovadores e complexos quanto o perfil da juventude que já está plugada no ciberespaço praticamente desde que nasceu.

De acordo com Assmann (2005, p. 34), “as tecnologias digitais favorecem novas interações entre agentes humanos e técnicos e fazem emergir novas formas de aprender, fundamentadas muito mais nos sentidos, sentimentos e emoções”. Nessa perspectiva, as TDCA podem vir a despertar o interesse dos aprendentes para aprendizagens real/virtuais mais significativas (aberta, colaborativa, compartilhada), fazendo com que a sala de aula se torne um ambiente mais prazeroso e, conseqüentemente, suscitando práticas educativas (de aprendizagem) mais produtivas para a qualidade do ensino, o fortalecimento da esfera pública, as expressões das competências argumentativas do agir comunicativo, a racionalização do mundo vivido escolar e, por oportuno, a emancipação humana no cenário dos coletivos e redes digitais de inteligência.

6.2 PRÁTICA DOCENTE: A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AUTILIZAÇÃO DO *BLOG* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NAS/PARA AS AULAS.

Na fase evolutiva da sociedade da informação, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), através das redes digitais, constituem verdadeiras árvores do conhecimento, lembrando dos princípios levynianos, praticamente “aniquilando” as redes hierárquicas formalistas, e dando vazão às redes criativas, perfazendo a interatividade, a luta pela inclusão digital dos atores sociais, extinguindo barreiras, ampliando a comunicação, dentre outros fatores. Portanto, é possível afirmar que inserir tecnologias intelectuais na educação é, de certa maneira, proporcionar um dos grandes passos (não o decisivo) para empreender processos educativos além dos micro e dos macro sistemas imperiosos de uma ordem político-econômica global que, no cenário da escola brasileira, não pode mais funcionar como política pública educacional que cuida muito mais da forma discursiva, elaborativa e retórica, do que das práticas complexas no terreno da esfera pública do mundo vivido escolar. Nesse aspecto, o fenômeno da aprendizagem está relacionado diretamente ao uso dos recursos TDCA no contexto dos processos educativos, conforme dimensiona a figura abaixo.

Figura 2: Relação do processo de aprendizagem com as Tecnologias Digitais de Comunicação e Aprendizagem (TDCA).



Fonte: Dados da pesquisa (2013).

A aquisição do conhecimento, na perspectiva da TDCA, requer uma nova postura frente aos processos metodológicos, baseado na mediação docente dentro de uma nova concepção de cultura, nesse caso em específico a cibercultura. Como afirma Lévy (1999), há novos espaços de saber que precisam ser trabalhados na escola como aliados no processo educativo, desencadeando novas formas de aprender que ultrapassam os muros escolares e os conhecimentos curriculares.

Até algum tempo atrás, os espaços de aprendizagem eram definidos e determinados para tal, como escolas, bibliotecas, salas de leitura, etc. Porém, com o advento das TDCA, esses espaços foram ampliados, passando a assumir cenários como, por exemplo, a blogosfera. Segundo Assmann (2005), as TDCA desempenham um papel de grande relevância no que se refere à estruturação das formas de aprender, o que desencadeia numa multiplicação das chances cognitivas, que devem ser aproveitadas ao máximo e em qualquer espaço que se desenvolva.

A partir da fala dos professores blogueiros respondentes, conforme apresentado no quadro 2, foi percebido, em sua maioria, que o interesse em trabalhar com *blogs* na prática pedagógica surgiu da necessidade de dar sequência ao processo de ensino-aprendizagem desenvolvido em sala de aula, como também estabelecer novos espaços de aprendizagem em que o processo educativo não ficasse/acontecesse apenas dentro da sala de aula, mas que pudesse se desenvolver em qualquer lugar e em qualquer momento, bastando só o interesse dos educandos para que isso ocorresse.

Quadro 2: Explicação dos professores sobre a decisão em inserir o *blog* em sua prática pedagógica

PB1	<i>Para ampliar o espaço de discussão e prática do inglês, trazer novos interlocutores para meus alunos e mostrar-lhes que a prática da língua estrangeira não se faz entre quatro muros.</i>
PB2	<i>Porque esse recurso pode ajudar aos alunos na construção do conhecimento de modo autônomo, criativo, com liberdade e colaboração. Além disso, é uma ferramenta dinâmica, flexível e de fácil acesso para usuários de qualquer área ou disciplina.</i>
PB3	<i>Por perceber a necessidade das TICs na minha prática.</i>
PB4	<i>Esta é uma história longa que teve início em minha mente tão logo eu entendi o que era um site, ou ter uma página na internet, estou falando da primeira versão da internet ou da Web 1.0. Um dos meus objetivos ao iniciar a pós-graduação em Informática Aplicada era poder ao final do curso, criar meu próprio site para ensinar francês, disponibilizando os conteúdos para o aluno a fim de ampliar as aulas presenciais. Porém quando entendi o que era linguagem de programação, percebi que este desejo estava muito distante, que teria de estudar muito. O ano era 2002, e em 2005 entrei para o mestrado em Educação Tecnológica, quando então surgiam os primeiros blogs. Ao entender que um blog era um espaço na internet, de sua própria autoria, não demorei muito para criar o meu, pois os objetos de aprendizagem inseridos no blog conferem um apoio excepcional para minha prática, para o desenvolvimento das competências básicas de uma LE (Língua Estrangeira). A internet é o meio de comunicação mais eficaz que o homem já criou. Quem busca o aprendizado de uma LE é sobretudo com o objetivo de aprender a se comunicar com os falantes e para isso necessita de uma longo período de estudos que com certeza poderá ser reduzido se estudar pela internet, ouvindo um falante nativo até em tempo real e com o apoio do profissional em um processo de interação que a Web 2.0 nos trouxe. Portanto decidi inserir o blog em minha prática para tornar minhas aulas mais atraentes e eficazes, para disponibilizar para o aluno um conteúdo rico e diversificado, com diversos registros de textos, de vídeos e atividades.</i>
PB5	<i>Porque proporciona maior interatividade entre sujeitos aprendentes.</i>
PB6	<i>Porque as possibilidades de uso da linguagem, de pesquisa e troca de informações são imensas. As informações chegam aos alunos de forma mais direta e pessoal. O que permite a participação dos mesmos nas discussões dos conteúdos.</i>
PB7	<i>Por conta do maior alcance (atingindo um número maior de pessoas) e disponibilidade (a qualquer hora e em qualquer lugar). Pela velocidade de transmissão da informação. E pela possibilidade de maior interação.</i>
PB8	<i>Pela novidade na época e pela possibilidade de variedade de postagens, além de também facilitar os comentários.</i>
PB9	<i>Proponho a publicação em blogs para desenvolver a autoria (individual ou coletivamente), para que os textos saiam das paredes das salas de aula, para que os alunos sejam leitores dos próprios textos e dos textos dos colegas, para que possam comparar as produções anteriores e as atuais, percebendo o desenvolvimento da</i>

	habilidade da escrita.
PB10	Porque percebi que facilitaria a interação entre professor e aluno , assim como, entre docentes; Também pq a internet é um canal onde o aluno já interage embora não de maneira pedagógica; Facilita também meu trabalho pq posso estar com os alunos mesmo fora da escola ; Socialização dos conteúdos entre professores e alunos e por último oportunidade de trabalhos de minha própria autoria; Viabiliza o enriquecimento dos conteúdos , além do livro e da sala de aula.
PB11	Como as pessoas hoje em dia têm acesso com facilidade das novas tecnologias das informações nos mais diversos suportes tecnológicos. Logo torna-se importante que o alunado tenha na tela do computador as informações que lhes interessa. No meu caso, envolve a produção de livros didáticos sobre a cultura afrobrasileira e indígena. E intervenção social .
PB12	Documenta meu cotidiano e minhas práticas docentes, assim posso compartilhá-las com meus alunos e promover um aperfeiçoamento de todos.
PB13	Inicialmente para ser um portfólio compartilhando das minhas experiências de arte/educador e vivências estéticas de meus alunos-amigos; em pouco tempo o blog se tornou muito maior do que eu planejei, tomou grandes proporções; sendo acolhido pela comunidade; instigando os alunos a fazer dos blogs uma vitrine dos trabalhos artísticos, fomos convidados a compor matéria para o programa LER E ESCREVER, pela Fundação Padre Anchieta; apresentar o trabalho fortuito no salão nobre do Palácio do Governo, expor o trabalho em 3 congressos fora do país; enfim, os líderes culturais do projeto tiveram cada dia mais acesso ao CENTRALIZADOR DE PROJETOS DE ARTE que tornou um blog.
PB14	Para socializar algumas atividades feitas em googledocs, inserir vídeos, entre outros conteúdos.
PB15	Porque procurava uma forma diferente, dinâmica e interativa para ensinar e aprender matemática.
PB16	Na época em que o blog foi criado (2008), essa foi uma sugestão da turma com a qual eu trabalhava.
PB17	Para facilitar o ensino-aprendizagem .
PB18	Para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem e entender o campo de atuação do meu componente para além da sala de aula .
PB19	Para incentivar alunos e professores da instituição em que leciono utilizarem as TICs, expandir conhecimentos e trocar experiências .
PB20	Por apresentarem a possibilidade de interação além do espaço escolar .

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Conforme percebemos na fala dos professores blogueiros, no cenário interativo, dialógico e comunicativo dos *blogs* a tendência em (re)construção das verdades do conhecimento é potencializada porque nem a escola nem o Estado conseguem impedir drasticamente a assunção de sentidos sobre o conhecimento curricular que, aparentemente, carrega em si interesses de outras formas de racionalidade que não a comunicativa. Desvendando curiosidades, reforçando sentidos, socializando o que não foi contemplado durante a aula, aprofundando a reflexão sobre as coisas, os *blogs* podem, meio da comunicação e da linguagem, matizar uma esfera pública inteligente, para além dos muros da escola.

Na fala dos professores, destacam-se algumas palavras que, de tão importantes, aparecem como categorias para a pesquisa, conforme segue o quadro abaixo:

Quadro 3: Relação das categorias explicitadas pelos professores com categorias teóricas da pesquisa

Construção do conhecimento: autonomia, liberdade, criatividade, colaboração	Ação comunicativa
Maior interação	
Desenvolvimento de competências	
Novos interlocutores	Intersubjetividade
Autoria	Competência argumentativa
Uso da linguagem	
Desenvolvimento da habilidade da escrita	
Facilita a interação entre professor e aluno	
Maior alcance, disponibilidade e velocidade	Cibercultura – TDCA – Esfera pública
Maior interatividade	
Pesquisa	
Troca de informações	
Posso estar com os alunos mesmo fora da escola.	
Socialização dos conteúdos	
Intervenção social	Emancipação
Compartilhamento	Aprendência – Mundo Vivido Escolar
Viabiliza o enriquecimento dos conteúdos	
Aulas mais atraentes e eficazes	
Possibilidade de interação além do espaço escolar	
Expandir conhecimentos e troca de experiências	
Dinamizar o processo de ensino-aprendizagem para além da sala de aula	
Facilitar o ensino-aprendizagem	
Forma diferente, dinâmica e interativa para ensinar e aprender	

Fonte: Dados da pesquisa (2013)

A partir de tudo isso, percebemos que a incorporação dos *blogs* educativos na prática docente pode fortalecer o mundo vivido escolar, já que através dos *blogs* os aprendentes (alunos e professores) têm a oportunidade de interagir de forma mais intensiva, interativo-dialógica e significativa sobre o conhecimento que legitima sua própria formação. Assim, sendo a escola uma esfera pública do conhecimento, e sendo tal conhecimento um construto curricular legitimado pelo Estado e, consequentemente, pelo poder cuja autoridade homologa as “verdades” sobre o que deve ser ensinado e o que deve ser aprendido, tal conhecimento e,

consequentemente, a própria formação humana não estão livres de manobras ideológicas que podem mascarar domínios diversos como se fosse aparente libertação. Isso significa dizer que embora a escola seja o *lócus* de apreensão de sentidos crítico-reflexivos por excelência, nem mesmo sua condição de “casa do saber” está livre de máculas advindas da racionalidade instrumental e, portanto, de “sombras” que aterrorizam, sufocam, estrangulam e arrefecem o mundo vivido. O trabalho pedagógico a partir dos *blogs* possibilita, pois, desviar-se do poder que cerceia a liberdade docente e a aprendizagem discente, podendo constituir-se como um novo espaço do saber que colabora com a escola e com a formação humana.

Em relação à socialização dos conteúdos curriculares nos *blogs*, a tabela 6 abaixo mostra que mais de 80% dos blogueiros estão satisfeitos com a dinâmica que os *blogs* educativos podem proporcionar aos processos educativos (ensino-aprendizagem).

Tabela 6: Socialização dos conteúdos curriculares através dos *blogs*

Questão 2.2	Plenamente satisfatório	Satisfatório	Pouco satisfatório	Insatisfatório	Total
A socialização do conteúdo de ensino de seu componente curricular pode ser favorecida pelos recursos interativos como que o blog dispõe?	08	10	02	0	20
Total %	40%	50%	10%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Segundo Heidegger (1981, p. 63):

[...] a educação não é algo que inventamos, mas sim um modo de encontrarmos uns com os outros, é o lugar onde os homens estão sendo uns com os outros. O homem enquanto diferente é sempre possibilidade é ser-ai, a educação enquanto autenticidade nos transforma para a busca real do sentido do ser.

Essa visão permite-nos refletir que a educação reside sempre na procura da discussão e do diálogo entre os aprendentes, buscando abrir possibilidades de questionamentos e de interação, com o objetivo de provocar a desacomodação dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Conforme apresenta a tabela 7 abaixo, 100% dos professores blogueiros consideram os *blogs* como ferramenta mediadora no processo de ensino-

aprendizagem. A criação de ambientes virtuais de aprendizagem precisa ser complementada com ações (*chats* para abertura de diálogo entre os aprendentes, espaço para discussão dos textos em destaque, tempo para dedicação e “alimentação” do ambiente virtual, etc.) que estimulem o desenvolvimento de atividades, proporcionando a colaboração de todos que a utilizam na criação e na manifestação autônoma. Segundo Mattelart (2002), a inserção das TDCA no campo educacional vem revolucionando o modo como os aprendentes se relacionam, primando pela autonomia e flexibilidade e valorizando a interatividade.

Indubitavelmente, os procedimentos didáticos, nesta nova realidade, devem valorizar a construção coletiva do conhecimento mediado pela tecnologia, em que o educador é um partícipe que intermedia e orienta esta construção. Dessa forma, o educador tem seu papel (mediar e orientar) garantido nas situações de aprendizagem.

Para Assmann (1998, p.25):

O mundo hoje caminha em todos os aspectos pelo conhecimento e, o poder cognitivo do homem precisa estar preparado para entender a complexidade destas informações e a quebra dos paradigmas científicos, ou seja, o homem tem que saber confrontar seu poder cognitivo com as informações tecnológicas.

Assim, fica evidente a necessidade da atualização/capacitação/qualificação da prática docente a partir do uso das TDCA, introduzindo na formação e nas práticas um sentido de autonomização, investindo na qualidade da formação geral, integradora e humanista.

Tabela 7: *Blog* como mediador do conhecimento no processo educativo

Questão 2.3	Sim	Não	Total
O blog pode ser considerado um mediador para os processos educativos no contexto do Ensino Médio?	20	0	20
Total %	100%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Em relação ao rendimento no processo educativo a partir da inserção dos *blogs* educativos na prática pedagógica, como mostra a tabela 8 abaixo, a pesquisa constatou que mais de 80% dos professores blogueiros disseram estar conscientes da melhoria na qualidade do rendimento escolar, e apenas 10% disseram que o uso dos *blogs* educativos não melhorou o rendimento dos alunos. Dessa forma,

percebemos que o uso das TDCA na prática educativa amplia as possibilidades do professor ensinar e do aluno aprender, e quando utilizadas adequadamente auxiliam no processo educacional.

Já dizia Libâneo (2007, p.309) que “[...] o grande objetivo das escolas é a aprendizagem dos alunos, e a organização escolar necessária é a que leva a melhorar a qualidade dessa aprendizagem”. Atualmente, há uma necessidade criada a partir do uso das TDCA para escolas e educadores, no que tange saber como aplicar todo o potencial tecnológico a serviço dos processos educativos.

De acordo com Moran (2000, p. 17-8),

As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador. Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajudá-los melhor. Alunos que provêm de famílias abertas, que apóiam as mudanças, que estimulam afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e se tornam pessoas mais produtivas.

Percebemos, também, que cada vez mais tem requerido uma atenção especial dos educadores o papel das interações aluno-aluno e aluno-professor no processo ensino e aprendizagem.

Conforme Morin (2000, p. 29):

A aquisição da informação, dos dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

Assim, podemos dizer que as tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem podem contribuir significativamente nesse contexto, cabendo ao educador aprimorar e enriquecer o seu conhecimento, como também, avaliar o potencial educativo que os *blogs* podem proporcionar, oportunizando o uso consciente por seus alunos, com o intuito de envolvê-los e apoiá-los na construção do conhecimento.

Tabela 8: Rendimento educacional no processo educativo com o uso dos *blogs*

Questão 2.4	Sim, totalmente	Sim, parcialmente	Não	Total
Depois que você começou a utilizar os blogs educativos, o rendimento dos alunos, em relação ao processo de ensino-aprendizagem, melhorou?	08	10	02	20
Total %	40%	50%	10%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Assim, podemos dizer que as tecnologias digitais propõem grandes e novos desafios, como também oportunas possibilidades quanto ao empreendimento de aprendizagens “sem amarras” diante das complexas teias com que a sociedade contemporânea conclama competências, habilidades e atitudes que valorizem a evolução da personalidade, da cultura e da sociedade (fortalecimento do mundo vivido) na escola e na juventude do/no ciberespaço.

Ao se referir aos conteúdos curriculares, 50% dos professores blogueiros afirmaram que o uso dos *blogs* educativos tornaram os conteúdos muito mais significativos enquanto que os outros 50% acreditam que parcialmente houve uma maior significância nesse âmbito.

Dessa maneira, os *blogs* educativos ajudam no desenvolvimento do processo de aprendizagem, junto aos conteúdos curriculares, comprovando a sua valiosa contribuição para a interação entre os aprendentes.

Segundo Assmann (1998), as TDCA apresentam-se como ferramentas capazes de promover o diálogo entre os aprendentes, os quais possuem autonomia, liberdade de pensamento, de concordância, de opinião, que constituem as bases para a compreensão dos pensamentos distintos que são indispensáveis para a construção da aprendizagem.

Tabela 9: Conteúdos curriculares mais significativos com o uso dos *blogs*

Questão 2.5	Sim, totalmente	Sim, parcialmente	Não	Total
Você considera que os conteúdos dos currículos ficaram mais significativos para os alunos depois da inserção dos blogs educativos na prática pedagógica?	10	10	0	20
Total %	50%	50%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

A escola é um espaço pautado de formação e saber cujas articulações pedagógicas devem privilegiar ações estabelecidas comunicativamente, através da interação entre os sujeitos aprendentes. Na perspectiva da razão comunicativa, a escola é orientada por uma legitimidade do agir pedagógico consolidada no agir comunicativo, desburocratizada, com currículos minimamente regulamentados (valorizando o contexto dos aprendentes e as especificidades locais); proporcionando a redução da interferência do mundo sistêmico. Segundo o pensamento habermasiano, a escola deve estar preocupada com a democratização de suas estruturas de tomada de decisão; deve evitar as colonizações do mundo sistêmico que, por sua vez, neutralizem a autonomia dos cidadãos de tomarem decisões que sejam de interesse coletivo, maculando a formação.

Diante disso, é bastante oportuno se reportar a Habermas (1982) para dizer que a luta da educação deve ser contra o processo de insuflação ideológica da indústria cultural¹⁰, é necessário que a cultura originária do mundo da vida de cada sujeito educativo (professor-aluno) torne-se referência primordial ao contexto escolar.

No quadro 4 abaixo, é possível constatar que os *blogs* educativos, na percepção dos respondentes, proporcionam um canal de comunicação entre professor e aluno e entre os próprios alunos, possibilitando o compartilhamento de ideias sem serem coagidos ou, até mesmo, manipulados. Contudo, compreendemos que a comunicação e a interação, desencadeadas a partir da utilização dos *blogs* educativos no processo de aprendizagem, permitem maximizar as possibilidades e potencialidades da aprendizagem em rede, estabelecidos muito além da simples troca de informações, mas na validação, readequação ou resignificação interativo-dialógica dos sentidos socializados, o que se constitui em um dos pilares da aprendizagem.

¹⁰ Para Adorno e Horkheimer (2002), Indústria Cultural apresenta-se como único poder de dominação e difusão de uma cultura de subserviência, em que consiste em “moldar” toda a produção artística e cultural, de forma que elas assumam os padrões comerciais e que facilmente são reproduzidas.

Quadro 4: A interação propiciada pelo *blog* educativo e suas relações com o saber formal (conteúdos curriculares)

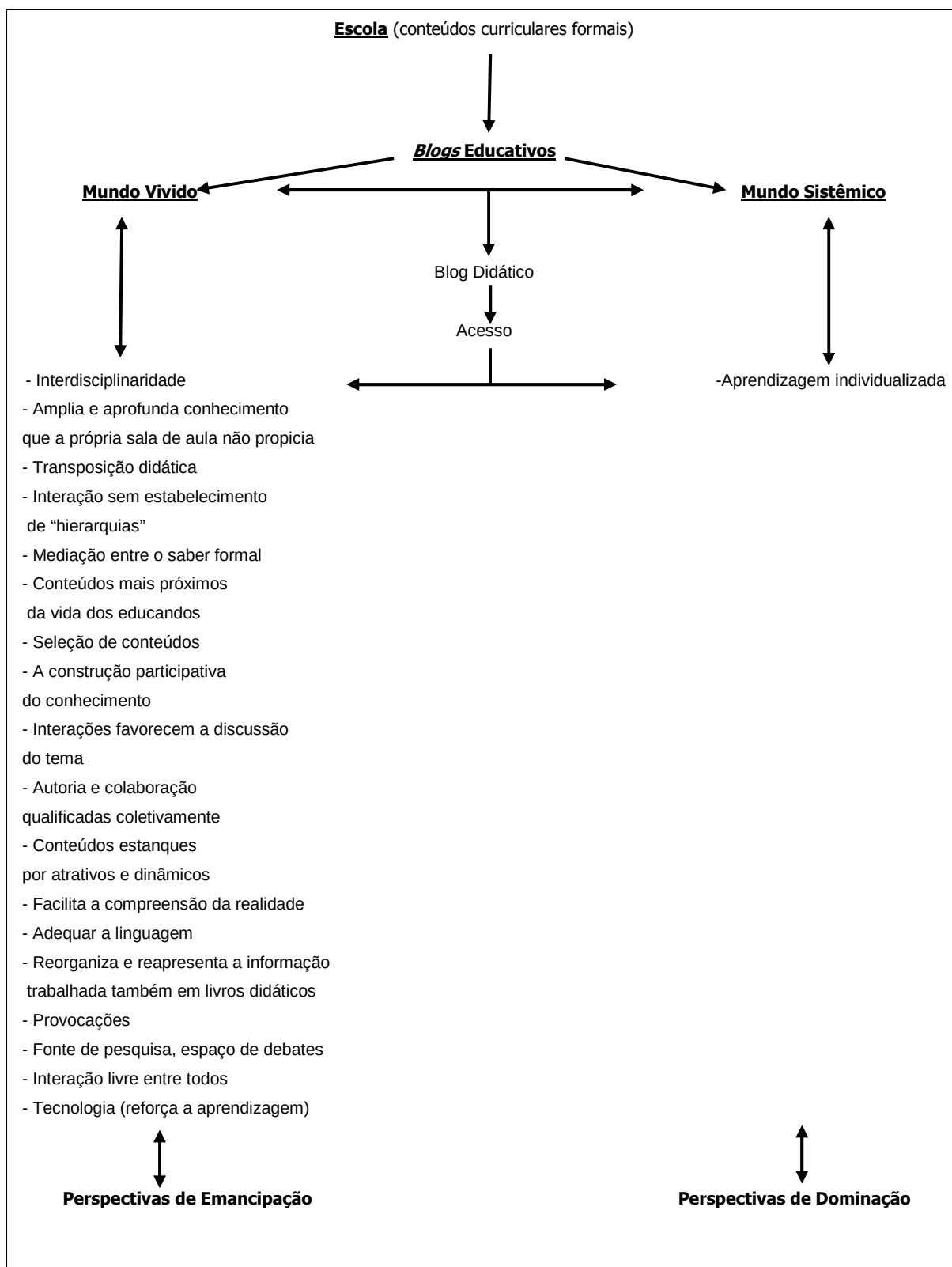
PB1	Não usamos "blog educativo" e sim blogs normais, através dos quais os alunos se expressam.
PB2	Pela via da interdisciplinaridade , ou seja, qualquer disciplina utiliza o blog com objetivos claros.
PB3	Através do blog é possível ampliar, aprofundar conhecimento dos conteúdos curriculares que a própria sala-de-aula não propicia . Se as indicações de textos, vídeos sugeridas forem seguidas resulta em maior aprendizagem. Acho que o papel do professor é mediar esse processo.
PB4	Baseada na teoria da transposição didática de Chevallard. O que significa que o papel do professor é essencial, pois conforme afirmou uma professora canadense em uma entrevista da revista veja, "o professor guia o processo de ensino-aprendizagem, sendo o elo entre o aluno e a comunidade científica". O papel do professor é então transformar as informações ou conteúdos disponibilizados na internet em objetos de aprendizagem, buscando em um processo de pesquisa, o que pode ser relacionado ao conteúdo da sua disciplina. Encontrado o material adequado, o professor o organiza em seu blog para apresentar aos alunos. Os conteúdos curriculares são enriquecidos neste processo, por esse motivo nomeio a ferramenta blog para o professor de BLOG DIDÁTICO . Todo saber científico para chegar ao aluno precisa passar pela didática, aqui não é diferente. Os professores precisam de ter esta consciência.
PB5	Uma interação sem estabelecimento de "hierarquias" torna-se interessantes na mediação entre o saber formal . No tocante aos conteúdos deixa-os mais próximos da vida dos educandos e mais possíveis de serem debatidos.
PB6	Através da seleção dos conteúdos postados , das sugestões de links e das possibilidades de pesquisa e criação dos alunos. Os alunos são estimulados a criar seus próprios blogs, postando as suas conclusões, sugestões de obras, resumos, etc.
PB7	É possível obter a atenção individual de cada aprendente para o assunto. Além de possibilitar a construção participativa do conhecimento . As interações favorecem a discussão do tema expondo pontos de vista distintos, inclusive com as experiências informais dos aprendentes, enriquecendo o discurso.
PB8	A aprendizagem se torna mais individualizada .
PB9	O uso do blog para publicar implica, especialmente, as ideias de planilha e de colaboração, essenciais ao trabalho dos futuros professores. Quando os alunos publicam os projetos e planos criados por eles, exercem a autoria e, ao mesmo tempo, permitem a colaboração , pois os colegas terão acesso a essas produções que poderão ser qualificadas coletivamente .
PB10	Os conteúdos estanques passam a ser discutidos e apresentados de forma mais atrativa e dinâmica .
PB11	A questão da convivência em sala de aula facilita a compreensão da realidade do alunado, o que permite adequar a linguagem , relacionando aos conteúdos propostos e a realidade da classe.
PB12	O blog reorganiza e reapresenta a informação trabalhada também em livros didáticos e outros canais de conhecimento do aluno. A reorganização das informações e facilidade de leitura online atrai os alunos e ajuda o aprendizado.
PB13	Geralmente, o desfecho das aulas se dá no blog e isso é um atrativo bastante interessante. As imagens das experiências também contribuem para a reflexão do que aconteceu; um rever produtivo para as próximas aulas...outro fator que julgo importante são as provocações que faço no blog sobre os assuntos que tratarei ou já abordei em sala.
PB14	Sim, mas precisa ter um direcionamento das atividades.
PB15	De forma significativa e em tempo real .
PB16	O blog é utilizado pelos alunos de diversas formas: informar-se sobre o conteúdo de aulas perdidas, fonte de pesquisa, espaço de debates (nesse caso, por meio de um fórum que, infelizmente, precisou ser totalmente reinstalado há cerca de um mês, o que provocou a perda de muitos dados).
PB17	Por meio da interação livre entre todos .

PB18	<i>Sim, não só pela praticidade de acesso, mas principalmente pela articulação tecida pelos alunos no acompanhamento e desenvolvimento do componente curricular.</i>
PB19	<i>A tecnologia oferecida, principalmente pela íntima relação que a maioria dos alunos possuem com a mesma, facilita as abordagens e reforça a aprendizagem.</i>
PB20	<i>Por não serem blogs de disciplinas específicas eles servem como interativo e informação.</i>

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Conforme percebemos no discurso dos professores, na blogosfera, a discussão dos sentidos da informação e do conhecimento tende a ser tão ou mais pertinente do que no contexto físico da sala de aula, haja vista que a aula é desenvolvida em um contexto cronológico-temporal e geográfico, cuja simetria desencadeia o planejamento do professor, como também da escola e do sistema educacional por parte do Estado, ou seja, altamente composta por elementos ideológicos que buscam legitimar os imperativos do poder do mundo sistêmico. Através dos *blogs* educativos, por sua vez, a aula perde os limites do tempo e do espaço quando se arvora manter os registros da comunicação dialogada que sempre pode ser retomada pelos atores do discurso em situação de fala e de ação. Não queremos dizer, com isso, que a aula tradicional da escola perde sua importância, pelo contrário, enriquece-se e se torna ainda mais dinâmica à medida que a reprodução do conhecimento e seus interesses intrínsecos vão perdendo espaço ou vai sendo substituída pela produção do saber, através do uso pedagógico da informação, o que pode fortalecer o mundo vivido escolar. A figura abaixo ajuda-nos a compreendermos melhor o discurso dos professores na perspectiva das categorias da pesquisa.

Figura 3: Relação dos *Blogs* Educativos com o mundo vivido e o mundo sistêmico.



Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Segundo Habermas (2001), a predominância da racionalidade instrumental na escola, manifestada das políticas públicas lançadas pelo Estado à escola ao

planejamento docente para as aulas, por exemplo, pode trazer como consequência a colonização do mundo vivido escolar, impedindo que a ação comunicativa se desenvolva, e fixando um sistema ascendente de controle manipulativo, resultando no encurtamento da liberdade e da participação no processo educativo de professores e alunos e de tomada de decisões da escola como organização administrativa que, por sua vez, reforça tudo isso.

Quadro 5: A relação entre os *blogs* e suas possibilidades de ir além dos conteúdos formais do ensino

PB1	Os conteúdos formais devem ser vistos como parâmetros, guias e não limitações. A aprendizagem aberta situa estes conteúdos na vida prática de todo o dia.
PB2	Os registros dos blogs podem ir muito além dos muros da sala , de modo que discentes e docentes podem se tornar autores , pois o blog pode servir de diário pessoal ou para publicar notícias, divulgar trabalhos das disciplinas, registrar os percursos da turma da sala, ou de outro grupo ao qual pertence.
PB3	Basta uma atividade com hipertexto . A própria navegação vai permitir a abertura.
PB4	Os conteúdos formais do ensino representam uma base do que é imprescindível para o domínio do aluno, as ferramentas tecnológicas não mudam isso, são apenas instrumentos facilitadores do processo ensino/aprendizagem, a didática do professor é que deve ir além de acordo com a sua turma. Aprendizagem aberta é o que está disponibilizado (REA-recursos educacionais abertos para a democratização do ensino, de acordo com a UNESCO) e como afirmei na resposta anterior, tudo pode ser transformado em objeto de aprendizagem e ir além do formal, ou da base curricular.
PB5	Permite maior interação e discussão de pontos de vista sobre temáticas específicas.
PB6	Sim, com certeza. Por conta da possibilidade quase infinita da exploração de conhecimentos diversos , que a internet oferece.
PB7	Claro que viabiliza! Uma vez que a utilização da Internet como meio favorece o acesso à informação de distintas fontes. Possibilitando ao aprendente extrapolar os limites da escola, inclusive do próprio currículo . Contudo, devemos alertar que muitas vezes as informações obtidas pela Internet podem não ser válidas (de fontes confiáveis). Por vezes, a informação se deteriora a cada cópia mal feita (desgastes da cópia da cópia da cópia) devido à falta de rigor e de comparação quando da sua fundamentação teórica.
PB8	Pela possibilidade de a cada postagem ficar acessível aos comentários.
PB9	Os encaminhamentos, as reflexões podem ir além do que estipulam os conteúdos formais do ensino , pois além de estarem disponíveis na web, permitindo o acesso de pessoas que não fazem parte das redes presenciais, ampliando as trocas, possibilitam por exemplo, o exercício da autoria .
PB10	Certamente que sim. Exatamente pela oportunidade de opinar e criar .
PB11	Sim, pelo fato de ser um espaço de constante transformação , o enfoque é dado pelo ponto de vista de quem escreve.
PB12	Sim, as reflexões sobre o tema em discussão no blog podem ir além do programado no currículo . Estes percursos extras podem ser trabalhados para retomar o foco no currículo ou ainda reservados para futuras discussões interdisciplinares.
PB13	Com certeza podem e devem ir além do que o padrão formal pede ; pois não se pode conceber um ensino contemporâneo em que se aprende apenas o que se está escrito num cronograma; afinal as entrelinhas são muito mais desgustáveis do que se vê.
PB14	Sim, é preciso o vínculo com todo o contexto e a tecnologia, lembrando que tecnologia é uma ferramenta e não a salvação .
PB15	Sim, porque a teoria passa a ser vivenciada na prática , ora refletindo, ora buscando novos conhecimentos, enfim é a construção de um novo olhar para os saberes que se propagam de forma rápida e coletiva ao mesmo tempo.

PB16	<i>Geralmente, o ensino tradicional (aquele que acontece apenas com as ferramentas de sala de aula) pauta-se na “obediência” a conteúdos programáticos e rigor sobre o tempo de duração de cada aula. O blog educativo permite que professor e aluno dialoguem com outras áreas de conhecimento independentemente do que foi disposto no programa escolar ou no livro didático.</i>
PB17	<i>Sim, porque influencia o aluno a pesquisar mais acerca do tema abordado em sala de aula.</i>
PB18	<i>Na minha opinião, esse processo é otimizado principalmente por favorecer a rede colaborativa de aprendizagem. No meu componente curricular (Filosofia) o debate e a reflexão são instrumentos e ferramentas chave, e as tecnologias educacionais em particular os blogs constroem de forma mais eficaz o caráter comunicativo entre alunos e professores e entre alunos tecendo uma rede.</i>
PB19	<i>Acredito que sejam complementares, assim com outros meios e metodologias.</i>
PB20	<i>Sim, pois podem ser usados como inúmeras formas pedagógicas. Assimilação, revisão, interação, etc, do mesmo conteúdo.</i>

Fonte: Pesquisa direta, 2013.

A partir das respostas dos professores blogueiros, como mostra o quadro 6 abaixo, percebemos que, em sua maioria, acreditam que a utilização dos *blogs* educativos tem melhorado, de forma considerável, o rendimento dos educandos em relação ao processo educativo. Além da proposta de interatividade que os *blogs* proporcionam, já que os alunos interagem em tempo real com outros colegas e até mesmo com o professor, de forma mais casual e menos burocratizada.

Essa perspectiva vem confirmar o pensamento de Assmann (1998), quando defende a aprendizagem, o que dá ao aprendizado um caráter de continuidade e de certa maneira vincula os sistemas vitais aos sistemas cognitivos e, assim, classificando-os em sistemas aprendentes.

Assmann (2005) ainda fala que a capacidade de aprender está diretamente relacionada à capacidade que o aprendente tem de se adaptar ao novo, preservando a sua estrutura. Por esse motivo, os processos cognitivos devem considerar suas estruturas, garantindo a flexibilidade da espécie.

Quadro 6: Se o uso dos *blogs* educativos tem melhorado/aprimorado o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

PB1	<i>Sim, faz com que a sala de aula se aproxime mais do que acontece fora dela.</i>
PB2	<i>O uso constante do blog ajuda a refletir sobre diversos assuntos. Além disso, ajuda a melhorar a leitura e a escrita, por meio das postagens e comentários.</i>
PB3	<i>Acho que sim, mas não precisamente na minha prática.</i>
PB4	<i>Não ainda, porque os professores não sabem como usar, estão engatinhando.</i>
PB5	<i>Os estudantes tem demonstrado maior interesse nas temáticas abordadas em sala.</i>
PB6	<i>Sim, acredito. Através dos blogs foram solidificados os laços de amizade, em torno do estudo, da pesquisa e do conhecimento.</i>
PB7	<i>Sim. A utilização de um canal de comunicação que utiliza uma linguagem próxima aos aprendentes favorece aceitação do processo de aprendizagem, ao passo que</i>

	<i>favorece a participação de todos inclusive dos que presencialmente se sentem pouco a vontade para expressar suas opiniões. O ambiente virtual nivela todos os participantes do processo...minimizando constrangimentos e possibilita uma maior integração.</i>
PB8	<i>No meu caso, não diretamente, mas serviu de estímulo para o trabalho com outros (as) educadores (as).</i>
PB9	<i>Sei que tudo que entra na escola fica escolarizado (?). Por mais que a gente procure criar situações de escrita em que estejam claros os objetivos, o gênero, os interlocutores; por mais que a gente evite a situação de escrita, apenas para o professor corrigir, sempre será um texto da/na/para a escola. Embora essas condições estejam presentes, penso que a publicação em blogs permite, pelo menos teoricamente, a circulação dos escritos em espaços além da escola. Escrever para publicar em blog e escrever, apenas, para o professor, exigem posturas diferentes do autor. A primeira situação, mesmo escolarizada, fica mais perto das produções que fazemos fora da escola com leitores que vão ler, e quem sabe, opinar, dizer o que pensaram, sentiram...isso requer um planejamento do texto, adequando gênero, linguagem, objetivos, interlocutores...</i>
PB10	<i>Sim, não só pelo blog, mas pela grande troca de informações entre docentes, assim como pela liberdade de opinar, mudar e criar, complementando o conteúdo apresentado na sala de aula.</i>
PB11	<i>Pela disseminação rápida da informação permitida pelos mais diversos canais de informações encontrados em um blog.</i>
PB12	<i>Sim. Os blogs são uma linguagem acessível e contextualizada para os alunos, o conteúdo pode ser trabalhado de maneira multimidiática permitindo melhor interpretação pelo aluno.</i>
PB13	<i>Pela interatividade, pela atualidade, pelo compartilhamento e pelo lócus social e protagonismo juvenil.</i>
PB14	<i>Sim. Porque saímos do papel do tradicional, o professor utiliza o ppt e acha que está inserido, o aluno mostra-se mais disposto a realizar uma tarefa com ferramentas do dia a dia do que coisas tradicionais.</i>
PB15	<i>Vale salientar que: há uma diferença imensa entre o professor que faz uso pedagógico de um blog e aquele que usa o blog somente para divulgar fotos das atividades dos seus discentes. Esta segunda opção não promove o processo ensino-aprendizagem, embora valorize o dia a dia dos alunos.</i>
PB16	<i>Sim, porque o aluno continua estudando em casa os conteúdos vistos em sala de aula e pode tirar suas dúvidas com outros colegas de forma mais informal.</i>
PB17	<i>Sim, os alunos tem se interessado mais pelas aulas de história.</i>
PB18	<i>Certamente, principalmente pelas ferramentas e sistemas de construção de blogs gratuitos.</i>
PB19	<i>Com certeza, não só os blogs como outras alternativas virtuais, mas levando-se em conta que o resultado é uma soma de fatores metodológicos e didáticos.</i>
PB20	<i>Não, ainda não surtiu o resultado esperado. Seja pela incoerência da política do estado que bloqueia os blogs pelo provedor do estado (RO) mas propõem ao professor a utilização deste.</i>

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Conforme podemos perceber na fala do PB20, o Estado de Rondônia mantém alojados no provedor estatal a licença para *blogs* educativos, incentivando a utilização destes por parte dos professores. No entanto, de acordo com o professor, o Estado bloqueia o acesso ao *blog* pelo provedor, escancarando seu poder manipulador, cerceador e estratégico. Uma vez que a perspectiva pedagógica do *blog* pode ir além dos conteúdos curriculares formais, como afirma grande parte dos sujeitos, os domínios ideológicos do mundo vivido perdem força. Porém, o Estado incrementa suas articulações no sentido de controlar a interação dialógica entre

professor-aluno para além dos muros da escola. Portanto, parece que, mesmo diante da evolução nas teorias e nas práticas pedagógicas, há forças “estranhas” na difícil missão de educar que parecem invadir a escola com um tipo de racionalização instrumental que impede que formas alternativas de racionalidade, como a comunicativa, manifestem-se mais livremente.

Dessa forma, é possível afirmar que os recursos tecnológicos têm sua importância no que diz respeito à ideologia dominante, ou seja, ao mundo sistêmico, já que são indispensáveis também à condução dos interesses do dinheiro e do poder matizados pela criação e produção de artefatos tecnológicos que, cada vez mais, incitam o consumo, além do fato de disseminarem o próprio jogo de quem quer sempre mais diante de quem tem sempre menos. Contudo, a educação não pode desconsiderar o potencial pedagógico das TDCA, e deve buscar readequar o mesmo poder utilitarista de que se vale o mundo sistêmico, em relação às tecnologias, em função do ideário habermasiano da emancipação humana. Reside aí, portanto, o maior desafio do processo dialético e da própria condição existencial da educação, posto que busca superar a si mesmo e as forças “estranhas” que buscam dominar as formas de pensar-agir.

Relativo a outros dados, explicitados na Tabela 10 abaixo, 60% dos professores blogueiros consideram que os conteúdos pré-estabelecidos pelos sistemas de ensino, nesse caso o MEC, não são suficientes para que as competências necessárias para a vida do aluno sejam desenvolvidas.

Tabela 10: Estrutura curricular estabelecida pelo MEC é suficiente para desenvolver competências para a vida dos alunos

Questão 3.1	Sim	Não	Total
Em sua avaliação, os conteúdos educacionais estabelecidos pelo Ministério da Educação para a sua especialidade de ensino são suficientes para desenvolverem competências para a vida?	08	12	20
Total %	40%	60%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

É notório afirmar que, dependendo da região em que os aprendentes (professores e alunos) estejam inseridos, os conteúdos que são estabelecidos pelo MEC não tenham tanto respaldo, uma vez que é necessário, quando falamos de educação, que as especificidades da localidade/território sejam levadas em consideração.

Tal situação, que é normalmente encontrada na realidade escolar brasileira, remonta-nos à razão instrumental. Segundo Habermas (1987), a razão instrumental faz com que a economia e o estado transformem sua eficácia, sem necessariamente considerar a real necessidade de todos os envolvidos na situação, sem dar-lhes a devida satisfação e sem institucionalizar os processos de funcionamento que favoreceram a sua realização.

Em contraposto à razão instrumental, Habermas (1987, p.507) expõe a razão comunicativa:

Diferentemente da razão instrumental, a razão comunicativa não pode submeter-se sem resistências a uma autoridade cega. Ela se refere [...] a um mundo da vida simbolicamente estruturado que se constitui pelas interpretações dos que dele participam e que só se reproduz através da ação comunicativa. Assim, a razão comunicativa não se limita a dar por suposta a consistência de um sujeito ou de um sistema, mas participa na estruturação daquilo que se deve conservar. A perspectiva utópica de reconciliação e liberdade está baseada nas próprias condições da socialização comunicativas dos indivíduos, está já inserida no mecanismo linguístico de reprodução da espécie.

Percebemos que a racionalidade comunicativa acontece dentro de um processo vital de interação entre os aprendentes no mundo vivido, reconhecendo assim o universo cotidiano do qual é respaldado essa ideia.

Contudo, a escola sofre com a perda de seus próprios horizontes, na medida em que a razão (instrumental ou comunicativa?) que lhe sustenta cada vez mais necessita ser refletida por todos que fazem a educação, tendo em vista que a incerteza nos ideais vem da ausência de uma fundamentação racional sólida e de uma percepção das possibilidades e limitações da própria racionalidade humana.

Com base na experiência dos professores blogueiros, como mostra a tabela 11 abaixo, a cibercultura é considerada como um complemento da cultura escolar. Para tanto, é importante ressaltar que a Internet mostrou-se como espaço polêmico por parte de educadores, pois da mesma forma que se trata de um enriquecimento para a aquisição de conhecimentos, pode ser considerada por alguns alunos como um fator facilitador das atividades escolares, deixando de utilizá-la como forma a promover o aperfeiçoamento de seus conhecimentos.

Tabela 11: A Cibercultura complementa a cultura escolar

Questão 3.2	Sim	Não	Total
A partir de sua experiência na blogosfera é possível afirmar que a cultura tecnológica dos blogs complementa a cultura escolar?	20	0	20
Total %	100%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Pierre Lévy (1999), filósofo da informação e estudioso das tecnologias digitais, é considerado um dos mais renomados defensores do ciberespaço como potencial emancipador. Nas suas análises, ele aponta as possibilidades de novas maneiras de democracia por meio da apropriação das novas tecnologias. Para Levy (1999), que sempre fala de “novo espaço do saber”, as novas formas de ensinar/aprender desencadeiam profundas transformações sociais, culturais, pessoais, econômicas e políticas, a partir de uma nova concepção de sociedade que, para Habermas, deve ser a que, crítica em relação aos seus próprios limites territoriais, relações institucionais ou laços de poder, conclama o equilíbrio ou a justaposição entre mundo sistêmico e mundo vivido.

As tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem (TDCA) proporcionam a conexão, gerando um fluxo virtual e colocando todos esses usuários em contato uns com os outros. Assim, podemos dizer que o ciberespaço não estabelece o fluxo de informação e nem o centraliza. Lévy (1999, p.92), define ciberespaço como, “[...] um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

Seguindo esse preceito, é importante que o educador conscientize seus alunos de que o ciberespaço ou a Internet pode ser um *lócus* de pesquisa eficiente, capaz de promover o desenvolvimento sócio-cultural, político-econômico e intelectual, e não apenas um lugar onde podem ser encontrados trabalhos prontos.

De acordo com Lévy (2000, p.130):

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre processos abertos de colaboração.

Com essa aspiração de desterritorialização do conhecimento e das relações sociais, não se pode mais considerar como problema a distância geográfica, pois hoje falamos e estamos mais preocupados com a distância econômica (discrepância

entre ricos e pobres), a cultural (falta de acesso de alguns a uma educação efetiva e continuada de qualidade) e a tecnológica (dificuldade de acesso às tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem). Sabemos que uma das expressões de democratização digital manifesta-se a partir do acesso à informação por meio da Internet e em poder conhecer as suas potencialidades de aprendizagem.

A incorporação da cibercultura à cultura escolar faz com que a educação presencial tenha ganhos significativos, uma vez que os muros escolares se abrem, proporcionando uma intercomunicação entre os aprendentes, troca de informações e experiências. Com isso, a educação continuada é otimizada devido à integralização das várias mídias em tempo real ao processo educativo, assim como pela possibilidade de colocar em contato direto educadores e educandos.

Nesse aspecto, os *blogs* educativos cada vez mais têm sido importantes ferramentas de desenvolvimento da educação e das novas formas de aprendizagens, transformando professores e alunos em construtores de novos saberes, e agentes ativos na transformação do ambiente sociocultural e educativo.

Contudo, o ciberespaço abre margem para uma maior liberdade dos aprendentes em relação à aquisição de conhecimentos, tendo como ponto inicial os conteúdos abordados em sala de aula. Percebemos isso nas respostas dos professores blogueiros, como mostra a tabela 12 abaixo.

Tabela 12: *Blogs* educativos propulsor de liberdade na grade curricular

Questão 3.3	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Total
Os blogs educativos podem proporcionar uma maior "liberdade" em relação ao currículo pré-estabelecido?	10	10	0	0	20
Total %	50%	50%	0%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Conforme percebemos, há liberdade para ir além do que estipula o sistema educacional, já que tanto o professor quanto o aluno podem ir além do que está estabelecido nos currículos escolares promovendo, assim, um enriquecimento na cultura e nas relações sociais, através do ciberespaço. Para Lévy, (1999, p. 92), “[...] ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

Ao longo dos séculos alguns papéis foram bem definidos no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, a escola era o único lugar para a

aquisição do conhecimento. Não havia espaço para que os aprendentes pudessem buscar novos saberes além dos proporcionados pela escola, pois eram considerados sujeitos passivos, sem direito a questionar e opinar.

Vale a pena destacar que o fato de que, mesmo estando num espaço virtual, os aprendentes são sujeitos reais que interagem com os outros através de comentários (*posts*) em lugares destinados para tal fato, o que, de acordo com Lévy (1999), vem proporcionar uma constante atualização das discussões, causando um permanente crescimento no desenvolvimento da cibercultura.

Sabemos que a comunicação faz parte da natureza humana, e além de servir para a transmissão de informações, também é fator fundamental da própria constituição, desenvolvimento e eficácia dos aprendentes e das organizações de que fazem parte. Em seus estudos, Habermas (2000) acredita que a ação comunicativa é mediada pelo entendimento linguístico. Na ação comunicativa os sujeitos buscam condições de interagirem em grupo intermediado por seus interesses de forma igualitária, coordenando suas ações por meio do diálogo, em que todos são ouvidos, predominando ao fim o interesse do grupo como um todo.

Na tabela 13, abaixo, podemos confirmar esse entendimento, ou seja, que as relações comunicativas são imprescindíveis para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem no espaço educativo, e que os *blogs* educativos vêm ajudar que essas relações sejam estabelecidas de forma mais intensa.

Tabela 13: Relações comunicativas estabelecidas na blogosfera

Questão 3.4	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Total
A partir de sua experiência, é possível afirmar que os discentes expressam-se tão ou melhor no espaço dos blogs do que na sala de aula escolar?	06	14	0	0	20
Total %	30%	70%	0%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Nesse contexto, o *blog* promove a troca de informações de diversas maneiras, estimulando as relações sociais e movimentando o potencial comunicativo. Isso porque os *blogs* vão além da relação emissor-receptor, uma vez que esses papéis podem ser realizados simultaneamente e de forma inversa, ou seja, um receptor pode ser ao mesmo tempo emissor e vice-versa. Com isso, podemos denominar o processo de aprendizagem, no qual os aprendentes se tornam agentes construtores

do seu próprio conhecimento, estabelecendo e criando relações de interação com o meio através da interatividade.

Em relação ao fortalecimento das relações entre teoria e prática a partir do uso dos *blogs* educativos, 60% dos respondentes afirmaram que, em sua prática pedagógica, o fortalecimento da relação teoria-prática sempre se destacou, enquanto 40% dos professores afirmaram que nem sempre esse fortalecimento aconteceu.

Tabela 14: Fortalecimento das relações entre teoria e prática com o uso dos *blogs* educativos

Questão 3.5	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Total
A utilização dos blogs educativos na sua prática pedagógica fortalece as relações entre teoria e prática?	12	08	0	0	20
Total %	60%	40%	0%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Ao que nos parece, a relação intrínseca teoria *versus* prática deve estar presente também nas propostas pedagógicas estabelecidas na blogosfera, a partir do uso dos *blogs* educativos, buscando desenvolver uma cultura que independe de estar no virtual ou no presencial, mas que privilegie a aquisição do conhecimento de forma ativa e autônoma. Lévy (1998) acredita que, nesse caso, o educador tem um papel fundamental, o de mediador de todo esse processo.

Nessa perspectiva, vale salientar que não podemos descontextualizar a prática educativa da realidade sociocultural dos aprendentes, ou seja, tratá-la de forma alheia ao contexto em que estão inseridos. Ao contrário, precisamos contemplá-la com a ação prática, dentro de uma visão de construção e reflexão diante dos problemas sociais.

Seguindo o pensamento habermasiano (1990), quando a relação entre teoria e prática estabelece-se de maneira desproporcional, significa dizer que o mundo sistêmico se torna norteador dos processos educativos, desvalorizando as relações que existem com o mundo vivido. Nessa perspectiva dos processos pedagógicos, a educação ganha um sentido de manipulação, tornando-se colonizadora e perdendo o sentido e viés de transformação social. Vale destacar que no duelo de forças entre teoria e prática, há uma tendência de que a prática imponha-se como discurso mais legítimo, impondo à teoria sua autoridade e julgando esta a partir de sua

aplicabilidade imediata. Nesse sentido, as teorias que não atendam os critérios apontados são, portanto, descartadas, invalidadas, esquecidas.

Habermas não considera o mundo sistêmico, constituído pelo dinheiro e pelo poder e, como um fator de risco ao mundo vivido, composto pela cultura, sociedade e personalidade. Ele defende que o mercado não funcionaria sem o dinheiro e que o mesmo é necessário para a sociedade, o que não pode acontecer é essa lógica invadir e tentar suprimir o mundo vivido, como se fosse a única ou mais importante condição existencial da vida.

Assim, Habermas (1987) fala da descolonização do mundo sistêmico sobre o mundo vivido, não havendo outro caminho mais promissor para isso do que a aprendizagem reflexiva, a conscientização do sujeito como ator social que define as mudanças em seu mundo subjetivo, como também no mundo cultural e no mundo social. Descolonizar significa, pois, fortalecer as “paredes” invisíveis do mundo vivido, racionalizando-o para “blindá-lo” contra as investidas dominadoras e coercitivas do mundo sistêmico.

Nesse sentido, compreendemos que para que a aprendizagem tenha validade, faz-se necessário priorizar a reflexão e a interação sobre as ações pedagógicas desenvolvidas, de maneira que valorize a emancipação social e seu potencial transformador.

Conforme os dados apresentados na tabela 15 abaixo, constatamos que 50% dos professores blogueiros consideram que, às vezes, o diálogo entre os aprendentes se mantém presente no espaço da blogosfera, enquanto que 40% dizem que o diálogo se mantém sempre presente nesse espaço. Contudo, 10% dos respondentes consideram que raramente há perspectivas dialógicas nos *blogs* educativos.

Tabela 15: Abertura do diálogo entre aprendentes na blogosfera

Questão 3.6	Sempre	Às vezes	Raramente	Nunca	Total
O diálogo entre docente e discente se mantém presente na blogosfera?	08	10	02	0	20
Total %	40%	50%	10%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Parece claro afirmar que ainda é necessário um melhor aproveitamento do potencial da TDCA pelos aprendentes, especificamente na blogosfera, embora os

dados mostrem bons resultados. No contexto da cibercultura, as TDCA desenvolvem-se de forma contínua e rapidamente. Cabe a cada educador apropriar-se das ferramentas disponíveis, utilizá-las de forma interativa e, ao mesmo tempo, cooperativa, objetivando proporcionar uma aprendizagem mais ativa, dialógica e significativa.

Nesse sentido, Habermas (1987) diz que o aspecto de maior importância para a construção de uma sociedade mais igualitária, solidária e tolerante é o diálogo, base da argumentação e da contra argumentação, capaz de propiciar o entendimento mútuo. Estes aspectos estão todos interrelacionados, e quando incorporados por meio da mediação, valorizam pontos que permitem a construção de acordos, favorecendo o bom relacionamento entre os aprendentes.

Conforme exposto na tabela 16 abaixo, a pesquisa mostra que é consensual a opinião dos respondentes em relação ao desenvolvimento dos processos educativos com a inserção da utilização dos blogs educativos na prática pedagógica. 50% acreditam que os blogs educativos proporcionam uma relação de ensino-aprendizagem contínuo e dinâmico com os discentes, e os outros 50% concordam que essa relação acontece, mas de forma parcial.

Tabela 16: Relação de ensino-aprendizagem contínuo e dinâmico com a incorporação dos *blogs*

Questão 3.7	Sim, totalmente	Sim, parcialmente	Não	Total
Com a incorporação dos blogs na prática educativa é possível estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem contínuo e dinâmico com os discentes?	10	10	0	20
Total %	50%	50%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Segundo Recuero (2003, p.04), as ações realizadas a partir da utilização do *blog* podem ser consideradas como, “[...] uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação de blogueiros e leitores, que terminam por participar também como autores”.

Atualmente, o *blog* ocupa um lugar de destaque no contexto educacional, fato este que pode ser comprovado pelos diversos tipos de *blogs* com fins pedagógicos disponíveis no espaço virtual. Os *blogs* educativos vêm ajudar no desenvolvimento das ações propostas por educadores e educandos, valorizando a relevância da continuidade do processo educativo fora do ambiente escolar, através da Internet.

Nesse caso, a Internet pode ser considerada um instrumento capaz de proporcionar a autonomia dos aprendentes na busca por outras fontes de conhecimento que não estão disponíveis no ambiente escolar, por meio da interação, debate e comunicação realizados nos *blogs* educativos, o que só vem ratificar a concepção de que educação não se faz apenas dentro da escola.

Como citado anteriormente, Almeida (2000) enfatiza que a escola deve ser capaz de disponibilizar aos educandos um lugar em que a aprendizagem aconteça de forma espontânea e autônoma, favorecendo a construção do conhecimento a partir das experiências e interações que os sujeitos aprendentes desenvolvam, pautados em relações que busquem a sistematização de conceitos dentro de um espaço dialógico.

Conforme apresentado na tabela 17 abaixo, 70% dos professores dizem que a relação estabelecida no ciberespaço pode ampliar e enriquecer o desenvolvimento dos conteúdos curriculares trabalhados dentro do ambiente da sala de aula.

Tabela 17: Enriquecimento dos conteúdos escolares a partir das relações estabelecidas na blogosfera

Questão 3.8	Sim, totalmente	Sim, parcialmente	Não	Total
As relações estabelecidas fora do ambiente escolar, proporcionada pelos blogs, podem enriquecer o desenvolvimento dos conteúdos que devem ser trabalhados pelos docentes na sala de aula?	14	06	0	20
Total %	70%	30%	0%	100%

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Diante desse número, fica evidenciado que, atualmente, a sala de aula deve seguir as profundas transformações tecnológicas, sociológicas, éticas e comportamentais, voltadas a uma prática valorativa que se paute em espaços mais interativos e aprendentes, cerne da sociedade vigente. Dessa forma, o *blog* educativo vem dar as respostas necessárias para os desafios inerentes ao processo de aprendizagem (aprender/ensinar, ensinar/aprender). Assmann (1998, p. 52-54) coloca que, “[...] a nossa evolução é no fundo uma evolução muito mais de adaptação cognitiva do que de uma seleção natural onde os mais fortes são privilegiados”. Para Assmann (1998), o que garante a sobrevivência do ser humano

num sistema vital não é a sua força, mas sim a capacidade de aprender, transformar-se.

Nesse contexto, o educador precisa desenvolver um novo papel, capaz de identificar que o que importa fazer não é informar acerca dos acontecimentos, mas organizar, associar, relacionar, interpretar tais acontecimentos, favorecendo a emergência de coletivos inteligentes através do trabalho pedagógico nos *blogs*.

[...] A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca de saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p. 171).

Ressaltamos, ainda, que estamos vivenciando na educação um momento que é necessário, pois novas propostas pedagógicas e novas metodologias educacionais estão surgindo, reservando abertura para o diálogo e para a interação entre os sujeitos da esfera pública ciberespacial.

Ao perguntar aos professores blogueiros acerca do seu trabalho docente no contexto dos *blogs* educativos, alguns levantaram a questão da importância de se fazer referência à aprendizagem colaborativa¹¹ como, por exemplo, a fala do PB9 no quadro abaixo: “Me chama a atenção, em relação ao uso dos blogs, a possibilidade de criação de uma rede entre pares, em que se fomenta o diálogo a partir dos posts e dos comentários, e, assim, a aprendizagem colaborativa”.

Ao se pensar em trabalhar a proposta da aprendizagem colaborativa, é importante que o educador pense na viabilização de um ambiente adequado, seja virtual ou presencial, como também na participação, no desenvolvimento, na interdependência e na autonomia dos educandos, tendo como característica a

¹¹A aprendizagem colaborativa é um processo de reaculturação que ajuda os estudantes a se tornarem membros de comunidades de conhecimento cuja propriedade comum é diferente daquelas comunidades a que já pertence. Assume, portanto, que o conhecimento é socialmente construído e que a aprendizagem é um processo sociolingüístico. (ALCÂNTARA et al apud SIQUEIRA, 2003, p. 23)

críticidade. O educador necessita ter clareza nos aspectos que cercam a aprendizagem, para que, assim, possa nortear o processo de forma que os educandos interajam e cooperem uns com os outros, com o intuito de construir conhecimentos a partir das diversas atividades que possam ser desenvolvidas no ciberespaço, como também saber escolher formas de avaliação que valorizem as transformações que ocorrem durante todo esse processo.

Segundo Varella *et al* (2002), a aprendizagem colaborativa, quando ligada à tecnologia digital, pode potencializar as situações em que professores e alunos pesquisem, discutam e construam individualmente e coletivamente seus conhecimentos.

Contudo, é importante ressaltar que a Internet pode vir a ser uma ferramenta capaz de criar ambientes interativos, colaborativos e, ao mesmo tempo, motivadores para os processos educativos, desde que o educador desenvolva a competência para ser o mediador de todo o processo de construção do conhecimento, com os recursos tecnológicos disponíveis.

Quadro 7: Outras considerações sobre as práticas docentes a partir dos *blogs*.

PB1	<i>Quando criei os blogs, nunca pensei em "blogs educativos" e sim blogs normais onde os alunos pudessem falar de coisas que os interessassem e para que refletissem sobre certas questões, aplicando por certas regras gramaticais o vocabulário aprendido, mas não era este foco, e sim a comunicação e uma presença no mundo exterior à escola.</i>
PB2	<i>Se pensarmos no blog como estratégia pedagógica, ele pode ser um dos recursos para se trabalhar projetos, como saúde, meio ambiente e diversidade cultural. O que ainda não tenho visto é a forma de avaliação dos alunos por meio do blog. Nesse sentido também acredito pode ser uma ótima ferramenta para avaliação contínua e em qualquer espaço e tempo.</i>
PB3	<i>O encantamento dos alunos em relação ao uso das redes sociais como ferramenta pedagógica.</i>
PB4	<i>Que o aluno precisa também ter disciplina para criar hábitos de estudo via blog. Sinto que meus alunos de francês ainda não usam ou aproveitam o rico material a que têm acesso para desenvolver suas competências linguísticas. Entre um número significativo de alunos, posso afirmar que poucos estudam como deveriam. Uma aluna brilhante que tive está hoje estudando no Canadá, por intercâmbio universitário, vi e me surpreendi com o seu desempenho tendo como apoio o blog. Conforme Adélia Prado afirmou um dia, não basta ter a faca e o queijo, é preciso a fome...Esta é outra fonte de pesquisa.</i>
PB5	<i>A utilização dos blogs proporciona uma formação mais cidadã.</i>
PB6	<i>Os estudantes mais tímidos que não se expressam na sala de aula, têm no blog uma possibilidade de expressão e comunicação maior.</i>
PB7	<i>A aceitação por parte dos aprendentes, uma vez que a linguagem da tecnologia da informação é de fácil assimilação e, praticamente, comum a todos. Ao contrário de muitas outras ferramentas, o blog, é aceito facilmente por eles.</i>
PB8	<i>Tenho ainda alguma dificuldade em manter o blog atualizado. Mas o resto está tudo contemplado.</i>
PB9	<i>Me chama a atenção, em relação ao uso dos blogs, a possibilidade de criação de uma</i>

	<i>rede entre pares, em que se fomenta o diálogo a partir dos posts e dos comentários, e, assim, a aprendizagem colaborativa.</i>
PB10	<i>A não inclusão da informática educativa como disciplina obrigatória no curso normal, para que o professor já leve uma bagagem de programas, softwares, etc., e aproprie-se dos conhecimentos midiáticos para utilizarem de forma efetiva em sua vivência diária.</i>
PB11	<i>Satisfeito com o questionário.</i>
PB12	<i>A integração dos blogs como redes sociais é um passo necessário no trabalho com blogs, que já podem publicar diretamente automaticamente no perfil do Facebook ou Twitter do autor, receber feedback e estimular novas postagens.</i>
PB13	<i>A abordagem sistêmica foi para mim bastante curiosa.</i>
PB14	<i>Uma equipe de acompanhamento e motivação do professor para uso da tecnologia.</i>
PB15	<i>O olhar, a satisfação do meu aluno quando alguém comenta uma postagem dele, ou quando ele resolve uma atividade e no ato de compartilhar com outro descobre que precisa continuar buscando novos saberes.</i>
PB16	<i>No meu caso, observei que as turmas com as quais usei o blog como reforço para as aulas (assim como outros tipos de recursos virtuais) apresentavam maior comprometimento mesmo quando a atividade não estava relacionada a nenhuma rede social ou ao blog.</i>
PB17	<i>O uso das novas tecnologias de informação e comunicação.</i>
PB18	<i>A questão de aprendizagem colaborativa e o blog como uma ferramenta da web 2.0 e web semântica.</i>
PB19	<i>Satisfeita com o questionário.</i>
PB20	<i>Nem sempre há participação efetiva dos docentes nos blogs. Seja por não entenderem a dinâmica dos blogs ou seja pelo medo de registro dos pensamentos.</i>

Fonte: Pesquisa direta (2013).

Conforme percebemos, na conjuntura atual que a educação está inserida, muitos são os seus desafios, pois não é difícil depararmos com práticas diretamente comprometidas com a reprodução do saber, sem levar em consideração a totalidade do ser, que traz consigo um leque de experiências que podem deixar o processo educativo mais significativo e contextualizado. Há nessa postura, uma contradição com a ideia de Habermas (2001) que acredita no poder da linguagem, que pode transformar as relações sociais, inclusive a sala de aula, com a abertura de espaços questionadores da aprendizagem. De acordo com os resultados da pesquisa, os *blogs* educativos são esferas públicas que, no movimento da cibercultura, “emprenham-se” de possibilidades e potencialidades de aprendizagens: refletivas, colaborativas, significativas etc. inaugurando no cenário da escola do Século XXI processos educativos mais condizentes com o tempo da sociedade em rede e suas relações umbilicais com a informação e o conhecimento.

O conhecimento é o grande capital da humanidade. Não é apenas o capital da transnacional que precisa dele para a inovação tecnológica. Ele é básico para a sobrevivência de todos e, por isso, não deve ser vendido ou comprado, mas sim disponibilizado a todos. Esta é a função de instituições que se dedicam ao conhecimento apoiado nos avanços tecnológicos. (GADOTTI, 2000, p.08)

Aprendizagens “abertas” (colaborativas, reflexivas, significativas etc.) são muito bem-vindas para a formação do espírito crítico da Geração Y, principalmente em relação ao simples consumo de informação e conhecimento. Ademais, respalda alunos, professores e a própria escola contra a implantação da racionalidade instrumental e as invasões silenciosas do mundo sistêmico. No agir comunicativo a interação é respaldada pelo diálogo. No contexto das tecnologias da inteligência, a interação dialógica no contexto escolar pode ser muito produtiva com as redes digitais, haja vista que, na esteira das articulações da teoria da ação comunicativa de Habermas (1987), é a competência comunicativa (o exercício do lugar de fala do sujeito argumentativo) o processo através do qual o agir comunicativo, mediado simbolicamente pela linguagem, estrutura-se no cabedal cognitivo do sujeito e de suas relações intersubjetivas ou interpessoais. O intercâmbio interativo-dialógico no contexto comunicativo independe de espaços, cenários, efeitos, implicando dizer que através das tecnologias da inteligência galgar a emancipação pode implicar na extensão da sala de aula ao ciberespaço ou em aprimorar/maximizar aprendizagens fomentadas no contexto da própria escola. Além do mais, na realidade da Geração Y, matizar processos educativos em rede torna-se condizente com a época em que a própria juventude está conectada no ciberespaço, implicando dizer que a educação não pode negar a realidade da linguagem dos *bits*, do tempo das redes e das mídias que convergem. Pelo contrário, precisa absorvê-la e redimensionar suas próprias limitações, advindas da pedagogia tradicional, e tirar proveito das tecnológicas inteligências e das mídias favoráveis à educação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou investigar o fenômeno da aprendizagem (ensinar-aprender/aprender-ensinar) a partir dos *blogs* educativos no contexto do mundo vivido escolar (Ensino Médio). Para isso, o estudo partiu da seguinte questão norteadora: Como o fenômeno da aprendizagem manifesta-se a partir do uso de *blogs* educativos no contexto do mundo vivido escolar (Ensino Médio)? Em busca de respostas que possibilitassem uma melhor compreensão sobre tal questionamento, partimos para uma coleta de dados no ciberespaço, observando a blogosfera, e sendo inseridos no grupo de pesquisa “*Blogs Educativos (BE)*”, que tem cadastrados mais de mil professores que têm ou tiveram experiências com *blogs* educativos no contexto dos processos educativos. Espalhados por todo o Brasil, todos os professores foram convidados para participar da pesquisa, mas no final só retornaram o questionário preenchidos a amostra de 20 sujeitos.

A pesquisa surge em momento ímpar para a educação, haja vista que a crise de seus próprios fundamentos dá-se no contexto em que a sociedade está em rede, dimensionando a fase histórico-civilizatória da sociedade informacional, do conhecimento, da cognição, da inteligência, das tecnologias digitais como meios para tudo isso.

Portanto, a pesquisa manteve-se na esteira da revolução informacional na vida, nas áreas do conhecimento científico, na escola, nas comunidades, praças e lugares que, mesmo distantes dos grandes centros, plugam-se nas Tecnologias Digitais de Comunicação e Aprendizagem (TDCA) que, por sua vez, têm provocado mudanças bastante significativas na educação. Ocasionalmente novas formas de disseminação do conhecimento e da aprendizagem, as TDCA enquanto ferramentas e o currículo enquanto conteúdo matizam novos olhares acerca das relações entre professores e alunos. Não se pode negar que, a cada dia, passamos a substituir metodologias tradicionais, como o uso do quadro negro e o giz, para incorporar sistemas eletrônicos e tecnologias digitais, como a Internet, com o intuito de tornar as aulas mais atrativas e interativas.

Acreditamos que essa revolução, originada pela evolução das mídias, proporciona a disponibilização da informação “em tempo real”, para todo o mundo, ocasionando conversões e reversões nas práticas de comunicação e,

consequentemente, nos processos educativos. Nessa perspectiva, a Internet não representa apenas uma simples 'tecnologia da comunicação', mas sim um espaço fluido e pluralizado de grande importância para a produção/difusão da informação, relacionamentos interpessoais, construção do conhecimento, etc.

Nesse contexto, o conhecimento vem galgando cada vez mais relevância, a ponto de muitos autores, como Castells (1999), afirmar que vivemos em uma sociedade informacional, que emerge na cultura do terceiro milênio, trazendo profundas mudanças para a educação.

Castells (1999, p. 55), acredita que "[...] a era da informação evidencia a conjunção de uma série de inovações institucionais, tecnológicas, organizacionais, econômicas, políticas e sociais, a partir das quais a informação e o conhecimento passam a desempenhar um papel estratégico".

Diante dessa conjunção entre culturas e tecnologias, as TDCA se constituem elementos de crescimento socioeconômico para uns, e fator de segregação para outros, principalmente para aqueles que ainda estão à margem do acesso aos recursos tecnológicos.

Percebemos que a virtualidade, característica das relações estabelecidas no tempo redes digitais, desterritorializa as atividades cotidianas em tempo e espaço. Da convergência de mídias à desterritorialização do ciberespaço, difunde-se a comunicação 'todos-todos', especificamente a partir do uso dos *blogs*, propiciando aos aprendentes a construção e desconstrução de formas de sociabilidade que se refaz constantemente pela interação social.

No contexto educativo, podemos entender que a inserção dos *blogs* educativos proporcionou a abertura de espaços, desencadeando o processo interativo mais condizente com o que Habermas chama de agir comunicativo entre professores e alunos blogueiros, qualificando as situações de aprendizagem na blogosfera ciberespacial.

Sabemos que as TDCA cada vez mais têm marcado presença no cotidiano, mais precisamente com a emergência do ciberespaço, levando os aprendentes a estabelecerem novas relações com a cultura e o saber, surgindo espaços de aprendizagem e, consequentemente de construção do conhecimento.

No ciberespaço, a multiplicidade de discursos e ações aglutinam as comunidades virtuais, em que a identidade, a colaboração, a tolerância, a auto-

organização, o compartilhamento, a interação, o diálogo etc. fomentam processos comunicativos complexos e que podem ser inteligentes em proporção de desenvolvimento, significando dizer que podem contribuir com processos educativos reais/virtuais.

Os resultados da pesquisa mostraram que o uso de *blogs* educativos, no contexto do ensino médio, proporciona a manifestação do fenômeno da aprendizagem. Contudo, tal manifestação está diretamente relacionada com as interações entre os aprendentes e as tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem (TDCA), podendo favorecer o entrecruzamento entre a cibercultura e a cultura escolar, na perspectiva da competência argumentativa. Dessa forma, é possível afirmar que a aprendizagem (ensinar-aprender/aprender-ensinar) a partir das TDCA no ciberespaço, pode se desenvolver fora do ambiente escolar, a partir das interações estabelecidas entre os aprendentes e as TDCA em processos contínuos e em rede.

Constatamos que a inserção das TDCA nos encaminha para a incorporação de uma proposta “diferente” de ensino-aprendizagem, principalmente porque se torna possível ir além dos conteúdos curriculares formais, predefinidos pelo sistema. Assim, temos que ter a consciência de que novas formas de aprender não significa adaptar a pedagogia tradicional às tecnologias, mas sim apreender o movimento da cibercultura à cultura escolar.

No processo de aprendizagem, percebemos o grande interesse por parte dos professores em usar o *blog* educativo como continuidade expansiva, colaborativa e potencializada das atividades dos seus conteúdos curriculares realizadas em sala de aula. Dessa forma, constatamos que, na perspectiva dos sujeitos, a inserção do *blog* no processo educativo foi bastante válida, possibilitando os rumos e dimensões para a aprendizagem (ensinar-aprender/aprender-ensinar), maximizando a interação e potencializando a comunicação. Acreditamos que isso pode estimular outros educadores a utilizarem os *blogs* em suas práticas pedagógicas.

Os resultados também revelaram que as relações (professor-aluno) em sala de aula mudaram com a incorporação dos *blogs* educativos no processo da aprendizagem, ganhando dinâmicas mais atraentes e atuantes por parte dos alunos para com a aprendizagem, fomentando relações menos autoritárias e mais colaborativas na construção do conhecimento. Além disso, o educador deixa de ser

considerado o único detentor do saber, tornando-se um intermediário/orientador/mediador entre os educandos e os conhecimentos provenientes e socializados pelas TDCA na blogosfera cibercultural.

Entretanto, não podemos esquecer que o uso das TDCA acentua-se em todas as esferas da escola, exigindo uma nova postura frente aos processos educativos (ensino-aprendizagem), isto é, na própria percepção e ação educativa. Por esse motivo, a interrelação entre cibercultura e cultura escolar é real e não tem volta, exigindo readequações da gestão da educação, reformulação dos programas curriculares, (inter)disciplinaridade entre os conteúdos escolares à flexibilidade das estruturas de ensino.

Os resultados obtidos na pesquisa mostraram que as práticas docentes na cibercultura podem promover ambientes comunicativos complexos e aprendizagens refletivas, colaborativas e abertas. Nesse aspecto, podemos, então, dizer que as relações do trabalho docente, a partir da utilização dos *blogs* educativos no processo de aprendizagem, podem ser influenciadas, assim como na escola, com ações tanto do mundo sistêmico quanto do mundo vivido.

Nesse sentido, em um contexto de mundo favorável à comunicabilidade, às interações intersubjetivas e ao exercício do diálogo como arcabouços propícios a uma nova fase civilizatória, os resultados da pesquisa mostraram que empreender ações no ciberespaço, através das TDCA em função dos *blogs*, tornou-se tão comum quanto caminhar no parque, na praia, ir ao cinema, jogar futebol, por exemplo, haja vista que muitos *blogs* nasceram naturalmente porque os professores não intentaram fazer destes recursos pedagógicos, embora tenham se tornado.

Assim, as disponibilidades e potencialidades com que o movimento universal e vivo da cibercultura articula, aglutina e mobiliza o pensar-agir, principalmente em termos de produção, disseminação e acesso a conteúdos multimidiáticos simbolicamente pertinentes, mostra que vivemos uma etapa civilizatória sem precedentes na história da humanidade. Isso implica dizer que é no cenário das redes, especificamente da blogosfera, que uma espécie de “cognição hiperconectada” desenvolve suas próprias competências, habilidades e atitudes, ao passo que supera os limites do mundo físico e suas amarras ideológicas. Na perspectiva do pensamento e das práticas educacionais, poucas são as respostas e muitas são as perguntas, anseios, preocupações no sentido de ora renegar, ora

tentar acompanhar o movimento. De uma forma ou de outra, a busca pela compreensão deste momento histórico tem inibido a escola a partir de suas próprias dúvidas, haja vista que o ponto nevrálgico do entendimento é a linguagem, manifestada nas formas de comunicação. No entanto, não tem sido fácil para professores e gestores escolares acompanhar a linguagem dos *bits*, ou seja, acompanhar a Geração Y, especificamente a que está no ensino médio e na universidade, em suas jornadas cotidianas, haja vista que não diferenciam *online* de *offline* porque tal geração não consegue mais discernir onde começa e termina um e outro.

Sendo assim, nos venturosos caminhos ou *infovias* do ciberespaço, os mecanismos do universo que constituem o mundo vivido (cultura, sociedade e personalidade) têm a oportunidade de renovação de suas próprias estruturas, sejam estas simbólicas, normativas e subjetivas.

- a) Personalidade: na perspectiva do mundo do “eu”, dos afetos, da subjetividade, da individualidade (não individualismo), da psique, da cognição, da consciência de si, o sujeito social tem a oportunidade de manifestar seu pensamento livremente, exercendo lugares em espaços de vez e voz que oportunizam o exercício para o desenvolvimento de competências argumentativas cada vez mais eficientes para a assunção do discurso competente, válido e justo. É nesse contexto que as pessoas podem usufruir da educação a distância, realidade já consolidada através da Universidade Aberta do Brasil, além de exercitar autoria em vários espaços, a exemplo dos *blogs*.
- b) Cultura: como sistema simbolicamente constituído pela história através das relações entre gerações, conservado pela tradição que filtra suas próprias conveniências, a cultura é o mundo das expressividades por natureza. Neste, reside a “alma” comunitária, social, dos complexos subjetivos aglutinados que conservam hábitos, costumes e tradições. Da herança da língua ao plantio, dos valores morais à conduta ética, das vestimentas à educação, a cultura é rica porque as singularidades da diversidade apresentam-se como elementos que mantêm a cultura como a identidade coletiva de um povo. Na esfera pública do ciberespaço, crescem enormemente as possibilidades expressivas das manifestações culturais em rede, implicando dizer que culturas se

encontram no próprio movimento vivo com que o ciberespaço articula sua própria revolução cultural. Diversidade cultural, multiculturalismo, hibridismo cultural, dentre outros, são conceitos que surgem a partir de um cenário em que a cultura multimídia conecta-se com a rede, inter cruzando o local com o global.

- c) Sociedade: formação organizacional constituída por pessoas que seguem normas e regras comuns ao contexto, a sociedade mantém-se pelo caráter normativo do que considera justo e válido para a vida coletiva. Mesmo que sujeita a redefinições, as regras sociais são conveniências que se estabelecem como diretrizes para a conduta, implicando dizer que condutas que atropelem os ajustes sociais como, por exemplo, a venda de drogas ilícitas, são passíveis de sanções, aplicando-se o sistema normativo criado pelo Estado, como as leis.

Investindo contra a subjetividade, a cultura e a sociedade, foi discutido no texto que existe o mundo sistêmico que, a todo custo e através de várias roupagens, assume-se como inquiridor do mundo vivido, buscando dominá-lo para regulá-lo, ou seja, neutralizar a consciência do “eu” como agente cognitivo, estancar as expressividades culturais espontâneas e desarmonizar o protagonismo social. O mundo sistêmico rege-se por um caráter não-linguístico, ou seja, não reside em seus princípios a preocupação com a interação e o diálogo. A comunicação é fundamental, mas se trata de um processo teleguiado, contendo papéis bem definidos entre quem comunica algo a alguém, sem necessariamente haver *feedback*. Alimentando as bases do mundo sistêmico germinam-se os imperativos sistêmicos extremamente autorenováveis, fortemente autoregenerativos e prestigiosamente autovalorativos: o dinheiro e o poder.

- a) Dinheiro: muito mais do que moeda, o dinheiro impõe-se como a própria lógica, ou seja, o motivo da existência, a razão para a felicidade, para a continuidade da vida, para o prazer. Autoreferenciado como símbolo de cobiça e orgulho, em torno do dinheiro surgem conceitos contemporâneos que trazem novos ares para a lógica do capital, a exemplo de empreendedorismo. Área do conhecimento, a exemplo da Economia, da Administração, da Contabilidade etc., são formatadas em prol da rentabilidade e da perenidade do dinheiro como a célula da ordem dos negócios, do

mercado, dos bancos e blocos econômicos. Legislando em causa própria, os interesses do dinheiro circunscrevem-se em torno de sua própria autoreprodução. No ciberespaço, o dinheiro rejuvenesce suas articulações, principalmente através do *e-commerce*, do *e-business*, do marketing digital multinível, da venda de ações organizacionais *online*, das bolsas de valores, dos pregões eletrônicos em rede, etc.

- b) Poder: esfera multifacetada que ampara, valida, homologa a hiperpotencialidade, invulnerabilidade e resistência do dinheiro, o poder perfaz-se como a atmosfera que influencia e é influenciado pelo dinheiro. Relacionando-se diretamente com a política, com quem mantém vínculos de reciprocidades sinérgicas, o poder regulamenta as estratégias e define o campo de articulações para o investimento do dinheiro. Em sua estrutura de constituição não existe outra forma de interação a não ser por intermédio da hierarquização e da burocratização, haja vista que o diálogo é uma dimensão que não se sustenta em uma estrutura discursiva prevalecendo o emissor. No ciberespaço, o poder tenta ser regulador porque é quem articula para onde vai o dinheiro, ou seja, os investimentos. O Estado é o ente que representa legitimamente o poder: Executivo, Legislativo e Judiciário. Nesse aspecto, o Estado decreta, regimenta, homologa e averba as decisões que, em sua perspectiva, convém ser importantes. Mesmo no contexto de conquistas políticas, coletivas e históricas, como a democracia, o Estado assevera-se como entidade dual: ao mesmo tempo em que tem que assegurar os direitos civis, a cidadania e a participação, também serve ao mundo sistêmico, fortalecendo seus imperativos. Se o Estado não tivesse compromissos estreitos com o mundo sistêmico por que não consegue resolver, no caso do Brasil, o problema da educação? Aliás, a educação é um problema para ela mesma ou para o Estado? Quem assegura que o Estado quer, de fato, investir o que deveria na educação e priorizar aprendizagens abertas? Quem diz que a educação é direito do cidadão e dever do Estado é o próprio Estado. Portanto, como dizer ao Estado que entre o direito e o dever existe um hiato histórico que ainda arrefece a educação brasileira?

Cultura, sociedade e personalidade são mecanismos do universo porque existem incondicionalmente em toda parte, independente de regimes totalitários, sistemas de

governo, distancias geográficas ou formas de desenvolvimento econômico. Cada sujeito, cada comunidade têm, em sua estrutura peculiar identitária, seu próprio mundo vivido que alimenta naturalmente o cotidiano das pessoas.

Dinheiro e poder são imperativos porque forçam sua dinâmica na lógica de seus próprios interesses. Orientam-se por ações regidas aos fins e não ao entendimento mútuo, perfazendo o mundo sistêmico como uma espécie de “fortaleza” quase intransponível, e que busca sobrepor-se ao mundo vivido porque este parece mais propenso a domínios.

O mundo sistêmico esforça-se, pois, para reificar os mecanismos do universo do mundo vivido de várias formas, por exemplo:

- a) fomentar crises identitárias no contexto da personalidade, confundindo o papel da subjetividade diante de sua importância como sujeito social e agente de mobilização e transformação. Como consciência moral em formação, a educação é um campo de respaldo para o mundo sistêmico que utiliza da racionalidade instrumental para programar políticas, projetos, programas, planos e práticas educativas que dificultam que aprendizagens reflexivas suscitem a emancipação humana.
- b) transformar a cultura em mercadoria, em bem de consumo, substituindo as expressividades naturais e espontâneas em regulações comerciais que industrializam a cultura como artefato tão consumível quanto qualquer produto no supermercado, por exemplo. Com a globalização econômica, as investidas do mundo sistêmico também esforçam-se para transtornar a diversidade cultural, tentando apagar as características das culturas locais em função da ideia de uma cultura estilo *Hollywood*, por exemplo.
- c) encaminhar o projeto de sociedade a partir de seu estrangulamento, haja vista que embora as regras sociais também sejam fiscalizadas pelo Estado, o dinheiro e o poder sempre buscar burlar suas práticas a partir da legitimação de seus próprios interesses.

Para Habermas (2001), o mundo vivido se constitui num espaço social em que a ação comunicativa permite a realização da razão comunicativa baseada no diálogo e na argumentação, dentro de contextos interativos, desprovidos de coação. Assim, a partir de Habermas, podemos dizer, a partir dos resultados da pesquisa, que o mundo vivido escolar é fortalecido na medida em que a linguagem é o nexos

lógico que conduz o *ser-estar* na blogosfera, criando espaços comunicativos interativos entre alunos e professores blogueiros.

Nessa perspectiva, consideramos que a inserção dos *blogs* educativos na prática educativa pode, na esfera comunicativa, redefinir os conceitos de espaço e tempo, oferecendo à educação a estruturação de uma nova dimensão didática e, mais além, uma utopia possível: a emancipação humana.

A ação comunicativa encadeada por Habermas leva a uma sociedade emancipatória, na qual as ações comunicativas são elementos-chave para o desenvolvimento coletivo, buscando resolver os conflitos da humanidade. É a partir dessa concepção que percebemos professores blogueiros redescobrimo-se inseridos em relações sociais intersubjetivas, visto que atuam como agentes comunicativos, participando ativamente das relações sociais.

Habermas (2001) acredita na construção de uma sociedade que seja consciente dos seus direitos, na qual todos possam usufruir da justiça e da democracia, através da ação comunicativa, vinculada à concepção discursiva de compreensão de esfera pública. Para ele, o fortalecimento da razão comunicativa é essencial para o entendimento da verdade, para a formação de juízos morais, possibilitando que os cidadãos sejam capazes de articular ações coletivas, possíveis através do discurso, da interpretação e da compreensão intersubjetiva. A ética da discussão possibilita aos envolvidos a escolha de formas processuais para a resolução dos seus conflitos.

Com base em tudo isso, a pesquisa possibilitou-nos repensar, como coordenadora pedagógica do CAVN, a prática pedagógica tradicional e, assim, apontar inúmeras contribuições que viabilizam a apreensão do conhecimento através das TDCA, levando em consideração as constantes mudanças que a sociedade em rede dimensiona aos processos educativos (ensino-aprendizagem), como o acesso à informação de diferentes maneiras, através da esfera pública do cibercultural.

Por esse motivo, terminamos essa dissertação esperando que esse estudo contribua para fomentar discussão e investigação em relação ao uso dos *blogs* educativos no processo de ensino-aprendizagem, assim como estudos posteriores sobre a inserção das TDCA na educação, uma vez que prospectamos um problema relevante que dificulta a utilização dos *blogs* educativos na sala de aula, e que pode

provocar mais pesquisas na blogosfera. Nessa perspectiva, propomos uma capacitação docente, que possibilite a construção e a utilização de *blogs* educativos na prática educativa do Ensino Médio do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros CAVN/CCHSA/UFPB, para que assim os professores possam utilizar das tecnologias digitais de comunicação e aprendizagem na sua prática educativa, com o intuito de inovar e transformar a sala de aula num espaço aberto ao mundo, enriquecendo o processo de construção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas. In: **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002;

ALBUQUERQUE, M. E. B. C. (org.). **Formação docente e tecnologias digitais**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2011.

ALMEIDA, F. J. e FONSECA JÚNIOR, F. M. **Projetos e ambientes inovadores**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância - Seed/Proinfo - Ministério da Educação, 2000.

ALMEIDA, M. E. B. Escola em mudança: experiências em construção e redes colaborativas de aprendizagem. In ALONSO, M.; ALMEIDA, M. E. B.; MASETTO, M. T.; et all. **Formação de gestores escolares para utilização de tecnologias de informação e comunicação**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2002. p. 41-62.

ASSMANN, H. (org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

AUTHIER, M., LÉVY, P. **As árvores de conhecimentos**. Trad. de Mônica M. Seincmam. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, L. T. S. **Cultura Acadêmica e Tecnologias Intelectuais Digitais: ensinar e aprender com *blogs* educativos no ensino superior**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação. Orientadora: Mirian de Albuquerque Aquino. João Pessoa: UFPB, p. 20. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2225>. Acesso em 07. nov. 2012.

BRASIL. **Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

_____. **Ministério da Educação e Cultura**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/index.php>>. Acesso em: 16 de março de 2013.

BRENNAND, E. G. de G. **Democracia e construção do espaço público em Jürgen Habermas**. João Pessoa: UFPB, 2006.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Biblioteca de educação). Série 1. Escola ;v. 16.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. Trad. Lúcia Simonini. - 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

DELCIN, R. C. do A. A metamorfose da sala de aula para o ciberespaço. In: ASSMANN, H.(org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FRAGOSO, S. (org.). **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREITAG, B. Sistema e “mundo vivido” em Habermas. GEEMPA. **O fio e a rede do equilíbrio**, nº1, julho, Porto Alegre, 1993.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159 p.

GOMES, R. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: Minayo M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 1994. p.67-80.

HABERMAS, J. **Conhecimento e Interesse**. Trad. José N. Heck. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **Teoría de la acción comunicativa I**: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 1987.

_____. **Pensamento pós-Metafísico**. Trad. Flávio B. Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

_____. **Passado como futuro**. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro,1993.

_____. **Teoría da Acción comunicativa II**: crítica de la razón funcionalista. 2. ed., Madri: Taurus, 2001.

_____. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HEIDEGGER, M. **Todos nós...ninguém**. Um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Analfabetismo (percentual) (%). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1717&id_pagina=1>. Acesso em: 15 maio 2011.

_____. Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2008. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517>. Acesso em: 30 novembro 2012.

_____. Educação e deslocamento. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Educacao_e_Deslocamento/pdf/tab_educacao.pdf>. Acesso em: 16 março 2013.

GRANIERI, G. **Geração blogue**. Mascarena, PT: Ed. Presença, 2006. (Coleção Sociedade Global).

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LEVY, P. **Filosofia Word: o mercado, a cibercultura, a consciência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo, SP: Loyola, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____, et al. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 5.ed. São Paulo : Cortez, 2007.

LOPES, R. P. Um novo professor: novas funções e novas metáforas. In: ASSMANN, Hugo (org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MARTELETO, R. M. **Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local**. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p.41-49, set./dez. 2004.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002. 197p.

MEDEIROS, J. W. de M. **Metodologia Científica**. João Pessoa, 2012.

MORAN, J. M.; et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

_____. **Mudanças profundas e urgentes na educação.** Artigo disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/profundas.htm> Acesso em 20/02/2006.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes.** São Paulo: Integrante Editora, 2010.

OLIVEIRA, T. A. A importância da “telinha” no mundo contemporâneo e o papel do professor diante das novas tecnologias de comunicação. In: **R. do Instituto Brasileiro de Ed. Pedagógicas.** Ano 1, n. 2, junho de 2001.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Trad. Ivette Braga. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1984.

PIZZI, J. **O mundo da vida.** Hursserl e Habermas. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

PORTO, T. M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola: relações possíveis, relações construídas. **R. Brasileira de Educação.** V. 11, nº 31, jan./abr. 2006.

PRATA, C. L. Gestão escolar e as tecnologias. In: ALONSO, M.; ALMEIDA, M. E. B. de; MASETTO, M. T.; et al. **Formação de gestores escolares para utilização de tecnologias de informação e comunicação.** Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2002.

RECUERO, R. C. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais.** 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-weblogs-webrings-comunidades-virtuais.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2012.

SANTAELLA, L. (1992). **Cultura das mídias** (2ª Ed. 1996) SP: Experimento.

SCHWARTZMAN, S. **Educação: a nova geração de reformas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

SILVA, A. B. da. **Como os gerentes aprendem?** São Paulo: Saraiva, 2009.

SIQUEIRA, L. M. M.; ALCÂNTARA, P. R. Modificando a atuação docente utilizando a colaboração. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, nº 8, p. 57-69, jan/abr. 2003.

TAKAHASHI, T. (org.). **Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde.** Brasília: Impresso no Brasil, 2000.

TOMÁÉL, M. I. Das redes sociais à inovação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p.93-104, maio./ago. 2005.

VARELLA, P. G. et al. Aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais de aprendizagem: a experiência inédita da PUC-PR. **R. Diálogo Educacional** – v. 3, nº 6, p. 11-27, maio/ago., 2002.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE MESTRADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA MESTRADO PROFISSIONAL - GESTÃO
EM ORGANIZAÇÕES APRENDENTES

QUESTIONÁRIO

Este instrumento de coleta de dados refere-se à pesquisa intitulada: “Escola, mundo vivido e blogosfera: a aprendizagem no contexto dos blogs educativos”, da Mestranda Cláudia Bene Batista da Silva. As informações são estritamente acadêmicas, e os resultados poderão ser apresentados em outras atividades e publicações científicas, sempre sem fins lucrativos e resguardando a identidade dos sujeitos respondentes. Agradecemos sua contribuição!

1) INFORMAÇÕES GERAIS

1.1) Sexo:

- ☐ Masculino.
- ☐ Feminino.

1.2) Qual sua faixa etária?

- ☐ Entre 20 e 30 anos.
- ☐ Entre 31 a 40 anos.
- ☐ Entre 41 a 50 anos.
- ☐ Acima de 51 anos.

1.3) Formação Acadêmica:

- ☐ Graduação.
- ☐ Especialização.
- ☐ Mestrado.
- ☐ Doutorado.

1.4) Tempo leciona no ensino médio?

- ☐ 1 a 3 anos.
- ☐ 4 a 6 anos.
- ☐ 7 a 9 anos.
- ☐ Mais de 10 anos.

1.5) Qual o componente curricular que leciona?

1.6) Tempo que usa os blogs educativos no processo de ensino-aprendizagem?

- ☐ 1 a 3 anos.
- ☐ 4 a 6 anos.
- ☐ 7 a 9 anos.
- ☐ Mais de 10 anos.

1.7) Endereço do (s) blog (s) da sua autoria:

2 BLOGS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

2.1) Por que você decidiu inserir o blog na sua prática pedagógica?

2.2) A socialização do conteúdo de ensino de seu componente curricular pode ser favorecida pelos recursos interativos como que o blog dispõe?

- ☐ Plenamente satisfatório.
- ☐ Satisfatório.
- ☐ Pouco satisfatório.
- ☐ Insatisfatório.

2.3) O blog pode ser considerado um mediador para os processos educativos no contexto do Ensino Médio?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

2.4) Depois que você começou a utilizar os blogs educativos, o rendimento dos alunos, em relação ao processo de ensino-aprendizagem, melhorou?

- ☐ Sim, totalmente.
- ☐ Sim, parcialmente.
- ☐ Não.

2.5) Você considera que os conteúdos dos currículos ficaram mais significativos para os alunos depois da inserção dos blogs educativos na prática pedagógica?

- ☐ Sim, totalmente.
- ☐ Sim, parcialmente.
- ☐ Não.

2.6) Como a interação propiciada pelo blog educativo consegue mediar as relações com o saber formal, isto é, com os conteúdos curriculares?

2.7) Se o blog pode ser uma tecnologia educacional que viabiliza aprendizagens "abertas", os encaminhamentos/reflexões dos agentes comunicativos

(docentes/discentes) podem ir além do que estipulam os conteúdos formais do ensino? Por que?

2.8) Você acredita que o uso dos blogs educativos tem melhorado/aprimorado o processo de ensino/aprendizagem em sala de aula? Por quê?

3 OS BLOGS, MUNDO VIVIDO E MUNDO SISTÊMICO

3.1) Em sua avaliação, os conteúdos educacionais estabelecidos pelo Ministério da Educação para a sua especialidade de ensino são suficientes para desenvolverem competências para a vida?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

3.2) A partir de sua experiência na blogosfera é possível afirmar que a cultura tecnológica dos blogs complementa a cultura escolar?

- ☐ Sim.
- ☐ Não.

3.3) Os blogs educativos podem proporcionar uma maior "liberdade" em relação ao currículo pré-estabelecido?

- ☐ Sempre.
- ☐ As vezes.
- ☐ Raramente.
- ☐ Nunca.

3.4) A partir de sua experiência, é possível afirmar que os discentes expressam-se tão ou melhor no espaço dos blogs do que na sala de aula escolar?

- ☐ Sempre.
- ☐ As vezes.
- ☐ Raramente.
- ☐ Nunca.

3.5) A utilização dos blogs educativos na sua prática pedagógica fortalece as relações entre teoria e prática?

- ☐ Sempre.
- ☐ As vezes.
- ☐ Raramente.
- ☐ Nunca.

3.6) O diálogo entre docente e discente se mantém presente na blogosfera?

- ☐ Sempre.

- ☐ As vezes.
- ☐ Raramente.
- ☐ Nunca.

3.7) Com a incorporação dos blogs na prática educativa é possível estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem contínuo e dinâmico com os discentes?

- ☐ Sim, totalmente.
- ☐ Sim, parcialmente.
- ☐ Não.

3.8) As relações estabelecidas fora do ambiente escolar, proporcionada pelos blogs, podem enriquecer o desenvolvimento dos conteúdos que devem ser trabalhados pelos docentes em sala de aula?

- ☐ Sim, totalmente.
- ☐ Sim, parcialmente.
- ☐ Não.

3.9) Em relação ao seu trabalho docente no contexto dos blogs educativos, o que te chama mais atenção que não foi considerado acima?

Nunca envie senhas em formulários do Google.

Tecnologia Google Docs [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

APÊNDICE B – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
MESTRADO PROFISSIONAL – GESTÃO EM ORGANIZAÇÕES APRENDENTES
PESQUISADORA: Mestranda Cláudia Bene Batista da Silva
ORIENTADOR: Dr. José Washington de Moraes Medeiros

João Pessoa - PB, 27 de fevereiro de 2013.

Sr(a). Professor (a),

Como aluna do Mestrado Profissional – Gestão em Organizações Aprendentes, estou desenvolvendo o projeto de pesquisa de mestrado intitulado: **ESCOLA, MUNDO VIVIDO E BLOGOSFERA: A APRENDÊNCIA NO CONTEXTO DOS BLOGS EDUCATIVOS**, tendo como objetivo investigar o fenômeno da aprendizagem (ensinar-aprender/aprender-ensinar) a partir dos *blogs* educativos no contexto do mundo vivido escolar (ensino médio). Assim, para que o referido projeto seja concluído e venha a contribuir no processo educativo, vimos, por meio deste documento solicitar a sua colaboração e autorização para a aplicação da técnica de coleta de dados (questionário) necessário a realização da pesquisa.

Agradeço antecipadamente a sua colaboração.

Atenciosamente,

Cláudia Bene Batista da Silva

E-mail: claudiabene25@gmail.com